

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

TATUAR E SER TATUADO

“Etnografia da Prática Contemporânea da Tatuagem”

Estúdio: Experience Art Tattoo – Florianópolis – SC - Brasil

ANDREA LISSETT PEREZ FONSECA

Florianópolis, agosto de 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

TATUAR E SER TATUADO

“Etnografia da Prática Contemporânea da Tatuagem”

Estúdio: Experience Art Tattoo – Florianópolis – SC – Brasil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Antropologia Social da
Universidade Federal de Santa Catarina.

ANDREA LISSETT PEREZ FONSECA

Orientadora: Profa. Maria Amélia Schmidt Dickie

Florianópolis, agosto de 2003.

ANDREA LISSETT PEREZ FONSECA

TATUAR E SER TATUADO

“Etnografia da Prática Contemporânea da Tatuagem”

Estúdio: Experience Art Tattoo – Florianópolis – SC - Brasil

Esta dissertação foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para a obtenção do título de:

MESTRE EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Dr.
Coordenador do PPAS/UFSC

BANCA EXAMINADORA

Dra. Maria Amélia Schmidt Dickie
Presidente

Dra.
Membro

Dra.
Membro

Dra.
Suplente

AGRADECIMENTOS

A CAPES e CNPQ pelo suporte financeiro a este trabalho.

A Maria Amélia, minha orientadora, que em momentos difíceis pelos que passei esteve a meu lado, por suas valiosas orientações e por seu constante respaldo.

A Christiane, minha amiga, companheira infatigável das jornadas desta pesquisa, criadora das imagens e um apoio permanente durante todo este processo.

A Gesa e Mano, donos da loja, que abriram as portas de sua casa e me acolheram como uma amiga, por sua permanente atitude de colaboração que fez possível a presente pesquisa.

A Fabrício, Adriano, Sampaio e Silvana, do grupo dos “tatuados”, que tiveram uma enorme paciência com minhas perguntas, sempre abertos e dispostos a colaborar.

A toda a “galera da loja”, tatuador, tatuados e amigos, que me ajudaram a ver o mundo de outra maneira.

PEREZ F., Andréa Lissett. **TATUAR E SER TATUADO**, “Etnografia da Prática Contemporânea da Tatuagem”, **Estúdio: Experience Art Tattoo** – Florianópolis – Sc – Brasil. 2003, .f. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

RESUMO

No presente estudo se realiza uma descrição etnográfica da prática atual da tatuagem, cujo objeto de estudo é a loja *Experience Art Tattoo*, localizada na cidade de Florianópolis, SC, Brasil. O problema abordado é a compreensão dessa prática como uma totalidade, vista a partir da ótica da interação e do processo vivido, através do ato de tatuar e ser tatuado, sendo que esse aspecto parece ausente dentro da bibliografia consultada, na qual se enfoca tatuados ou tatuadores de maneira separada, fora da dinâmica que se vivencia dentro do novo contexto da tatuagem. O método de pesquisa foi o etnográfico, de observação e participação. Os tópicos que se desenvolveram foram os seguintes: o novo contexto da tatuagem e suas estratégias de “legitimação”; o profissionalismo, a arte e a higiene; o processo de interação de tatuar e ser tatuado; o sujeito atual que se tatua e o processo de subjetivização que se vive em torno desta prática e o grupo dos “tatuados” como expoentes de um projeto alternativo de construção corporal e de vida. A leitura final dessa prática deixou duas idéias para a reflexão: o posicionamento da tatuagem como uma nova normalidade estética e vivencial no seio da sociedade ocidental, e a configuração de uma nova subjetividade, a dos “tatuados”, como um processo aberto, fluído e dinâmico, onde a pele se converte numa forma de expressão e construção do sujeito.

Palavras-chave: Tatuagem; prática; corpo; subjetividade; estética.

PEREZ F., Andréa Lissett. **TATTOOING AND BEING TATOED**, “**Ethnography of The Contemporaneous Practice of Tattooing Art**”, **Studio: Experience Art Tattoo** – Florianópolis, Brazil. 2003, ..f. MSc. Dissertation in Social Anthropology – Santa Catarina Federal University, Florianópolis, 2003.

ABSTRACT

With the aim of making an ethnographic description of the contemporary tattooing practice, the Experience Art Tattoo shop in the city of Florianópolis was used as the study base. The issue dealt with in this paper is the experience of this practice as a whole, viewed and experienced from an interactive perspective and through the process of both tattooing and being tattooed. This perspective being absent in the literature available, which looks separately at tattooer and tattooed, alienated from the dynamic which is experienced within the new tattooing context. The method used in this study was an ethnographic one, based on observation and participation. The themes that have been developed are the following: The new context of tattooing and its “legitimate” strategies; the professionalism of the tattooer; their art and hygiene; the interacting processes of tattooing and being tattooed; the individual who is being tattooed and the subjectivity experienced within this practice; and the group of “tattooed individuals” as indicators of an alternative project of bodily construction and life. The final conclusion of this practice left us with two ideas for reflection: the possession of tattooing as a new aesthetic and living normality within western society and the configuration of a new subjectivity, the “tattooed ones”, as an open process, fluid and dynamic, where the skin becomes a form of expression and the construction of the individual.

Keywords: Tattoo; practice; body; subjectivity; aesthetic.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTO	TÍTULO	PÁG.
1.1	IVAN E A HISTÓRIA DA TATTO NO BRASIL	23
1.2	EXPERIENCE ART TATTOO – A LOJA	33
1.3	QUANTA TATUAGEM NO ROSTO	33
1.4	TUDO BRANCO, CONSULTÓRIO OU ESTÚDIO DE TATTOO?	38
1.5	CLÔ, DALI E O AQUÁRIO	40
1.6	HENDRIX ATRÁS DO BALCÃO	40
1.7	DALI NOS OBSERVA	41
2.1	PRIMEIRO MOMENTO: OS CATÁLOGOS	49
2.2	VISITANTE COM SUAS AMIGAS	51
2.3	A POLÍTICA DE ENCANTAMENTO DE GESA	52
2.4	O QUE QUERO TATUAR?	63
2.5	ONDE DEVO TATUAR?	65
2.6	VAMOS TESTAR NA PELE	66
2.7	CRIANDO UM DESENHO	71
2.8	ANDRÉ SOFRENDENDO A TATUAGEM	74
2.9	MANO TATUANDO ANDRÉ	74
3.1	NÃO QUERO MAIS A TATUAGEM FEIA EM MEU CORPO	101
3.2	RADICALIZEI	103
3.3	O FETICHE DO DETALHE	106
3.4	GESA	112
3.5	SILVANA EM CASA	118
3.6	OS ALIENS DE SILVANA	118
3.7	O CORAÇÃO DE FABRÍCIO	119
3.8	ADRIANO, O ENFERMEIRO	121
3.9	ADRIANO E AS PIMENTAS	121
3.10	GESA E O QUE GOSTA	123
3.11	GESA E O QUE QUER COBRIR	123
3.12	ADRIANO E A PERNA EM CONSTRUÇÃO	124
3.13	SAMPAIO E O CAIXÃO SOB O MACHADO	126
3.14	O PEQUENO PRÍNCIPE E MINHA MÃE	126
3.15	A FOLHA E A CRUZ	126
3.16	XADREZ	134
3.17	GESA E SILVANA	134
3.18	FAFÁ E FABRÍCIO	134
3.19	A TRIBO DOS TATUADOS	134

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO	TÍTULO	PÁG.
1	DISTRIBUIÇÃO DAS PESSOAS TATUADAS POR SEXO (%)	85
2	DISTRIBUIÇÃO DAS PESSOAS TATUADAS POR GRUPOS DE IDADE (%)	86
3.A	LOCALIZAÇÃO CORPORAL DAS TATUAGENS (MULHERES) (%)	89
3.B	LOCALIZAÇÃO CORPORAL DAS TATUAGENS (HOMENS) (%)	90
4.A	ELEIÇÃO DE DESENHO DE TATUAGEM NAS MULHERES (%)	91
4.B	ELEIÇÃO DE DESENHO DE TATUAGEM NOS HOMENS (%)	92

LISTA DE ESQUEMAS

ESQUEMA	TÍTULO	PÁG.
1	REDE DE AMIGOS	132
2	CONFIGURAÇÃO DA SUBJETIVIDADE	142

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE FOTOGRAFIAS

LISTA DE GRÁFICOS E ESQUEMAS

	INTRODUÇÃO	10
1	O NOVO CONTEXTO DA TATUAGEM	17
1.1	A TATUAGEM NO OCIDENTE	18
1.2	O INÍCIO DA TATUAGEM “MODERNA” NO BRASIL	22
1.3	O NOVO CONTEXTO DA TATUAGEM: AS LOJAS	26
1.4	ANÁLISE DO CENÁRIO DA LOJA: “EXPERIENCE ART TATTOO”	29
1.4.1	UMA TRAJETÓRIA	29
1.4.2	O NOVO CENÁRIO	35
1.5	CONTEXTOS, COMPARAÇÃO E SÍNTESE	44
2	TATUAR E SER TATUADO	45
2.1	A LOJA E A POLÍTICA DE ENCANTAMENTO	46
2.1.1	APROXIMAÇÃO DA LOJA	48
2.1.2	O PRIMEIRO CONTATO	51
2.1.3	CAPTURANDO AS IDÉIAS	54
2.2	A RELAÇÃO COM O TATUADOR	57
2.2.1	ESCOLHA E DEFINIÇÃO DA TATUAGEM	62
2.2.2	A TATUAGEM DE CRIAÇÃO	67
2.2.3	TATUAR-SE: “UMA EXPERIÊNCIA RITUAL”	72
3	O SENTIDO DE TATUAR-SE	80
3.1	A TATUAGEM COMO EXPRESSÃO DA SUBJETIVAÇÃO	84
3.1.1	O PERFIL DOS TATUADOS	84
3.1.1.1	Distribuição dos tatuados por sexo	85
3.1.1.2	Distribuição dos tatuados por grupos de idade	86
3.1.1.3	Localização corporal das tatuagens	89
3.1.1.4	Tipos de desenhos escolhidos	91
3.1.2	OS HÁBITOS DA ESCOLHA E A LINGUAGEM DA TATUAGEM	96
3.1.3	OS SUJEITOS E AS SUBJETIVIDADES	102
3.1.4	A TATUAGEM DE “DETALHE”	105
3.2	OS “TATUADOS”: UMA NOVA CONSTRUÇÃO SUBJETIVA	108

3.2.1	A BUSCA DA DIFERENCIAÇÃO	110
3.2.2	A NECESSIDADE DE TATUAR-SE	113
3.2.3	ICONOGRAFIA PESSOAL: UMA CONSTRUÇÃO VIVENCIAL	117
3.2.4	SER TATUADO: UMA NOVA DIMENSÃO SOCIAL	127
3.2.5	A TRIBO CONTEMPORÂNEA DOS “TATUADOS”: ENCONTROS E AFETIVIDADES	131
	AS ANOTAÇÕES FINAIS	139
	REFERÊNCIAS	144
	ANEXO	147

INTRODUÇÃO

Embora pareça paradoxal, a Antropologia, em busca do diferente, da alteridade e do distante acaba percorrendo caminhos que nos aproximam de nós mesmos, de nossas perguntas e de nossas procuras. Essa é a sensação que me fica depois de haver mantido, por mais de um ano, uma relação bastante próxima com pessoas que assumem a tatuagem como parte de seu projeto de vida. No começo, olhei com estranheza, e porque não, com certa prevenção aqueles que se tatuavam, era um sentimento herdado de meu ambiente familiar e social, o que significou para mim uma confrontação interna entre meus valores pessoais e o mundo que começava a conhecer. Mas a medida em que fui me deixando perder no outro, foi entrando numa nova normalidade que é justamente a que quero compartilhar neste trabalho.

A normalidade a que me refiro é a da prática contemporânea da tatuagem. Uma prática que saiu da marginalidade e se introduziu num contexto mais amplo, incluindo diversos setores sociais. A partir de seu ingresso no mundo do mercado, onde se converteu em um produto de consumo, “legitimado socialmente”, com base em sua nova fachada e apresentação social, que são as lojas de tatuagem, essa atividade passou a ser encarada de maneira mais profissional e artística, tornando-se parte das opções estéticas procuradas pelas novas gerações.

Como normalidade, a prática contemporânea da tatuagem contém muito mais do que meros elementos de impacto social e é muito mais do que um fenômeno de moda, mas isso só me foi perceptível a partir de um contato mais próximo que estabeleci com a loja *Experience Art Tattoo*, localizada na cidade de Florianópolis¹. Nela, realizei meu trabalho de campo em vários períodos, com uma aproximação inicial, entre maio e junho de 2002, que se originou de uma pesquisa realizada para a disciplina de Antropologia Visual, em companhia da fotógrafa e amiga Christiane Ott Mayer, com quem vivi um processo de **inserção inicial** nesse ambiente. Através de um valioso recurso técnico e metodológico, a fotografia, que tem um valor muito apreciado nesse meio, devido que as pessoas partícipes dessa prática demonstram especial interesse pela imagem, pela corporalidade, pelo ato de mostrar-se e ser

¹ Com uma trajetória de 4 anos em dois outros endereços, a loja *Experience Art Tattoo* funciona há 5 anos na esquina da rua Padre Roma com a av. Rio Branco, local nobre do centro da cidade de Florianópolis.

visto. De tal forma que, a câmara fotográfica atuou como excelente mediadora das relações interpessoais.

O segundo período foi uma vivência que tive ao longo de 4 dias, quando assisti à VII Convenção Internacional de Tatuagem, realizada de 17 a 20 de outubro de 2002, na cidade de São Paulo, em companhia dos donos da loja e de alguns de seus amigos tatuados. Foi uma experiência intensa que significou meu ingresso no mundo seletivo e exclusivo da tatuagem, um mundo cuja atmosfera era carregada de simbolismo, de performances, de efeitos visuais e de exaltações da corporalidade. Além disso, constituiu-se em excelente oportunidade para compartilhar experiências de maneira bastante próxima com o grupo de pessoas que atuam na loja, observar suas diferenças, e entender de alguma maneira o lugar que ocupam dentro do contexto global dessa atividade. Mas, certamente, o mais valioso da experiência é que, através de minha participação nesse evento, consegui legitimar minha presença dentro desse universo, pois logo que retornamos, senti uma maior confiança e credibilidade, reiterada quando comentaram que minha atitude e meu relacionamento, a despeito de não pertencer a esse ambiente, foi bastante “legal”. Nesse sentido, considero que logrei uma **inserção de fato** no campo etnográfico.

O terceiro período foi de acompanhamento cotidiano durante o mês de janeiro de 2003, quando participei da rotina diária da loja, dos diferentes momentos de interação e das relações sociais que ali se desenvolviam. Meu relacionamento foi muito mais espontâneo, sendo já recebida como uma “amiga da casa”, mobilizando-me com tranquilidade pelos diferentes microambientes desse espaço, mantendo conversas mais informais, com maior confiança e intimidade, e utilizando a câmara fotográfica com mais naturalidade.

O quarto, o último período, aconteceu durante os meses de março a abril de 2003, no qual realizei 6 visitas de aprofundamento, com o objetivo de observar alguns aspectos pontuais e de aclarar algumas dúvidas, que iam surgindo durante o processo de sistematização da informação. O tipo de relação que mantive durante esse período foi, além de próxima, muito reflexiva, pois, como já conhecia a linguagem básica da tatuagem, seus processos técnicos e o movimento geral da loja podiam desenvolver diálogos mais interativos sobre esse campo de conhecimento.

Assim, ganhei proximidade, através de uma relação que se construiu a partir de meu interesse em conhecer esse mundo, e da vocação de seus constituintes por me ensinar. Uma relação que também se alimentou das vivências compartilhadas

dentro de um universo ético e social que é comum: a cultura urbana contemporânea que, apesar de ser um fator de proximidade, ao mesmo tempo, converte-se num desafio, porque confronta com uma lógica da qual também se faz parte.

Paulatinamente, enquanto obtinha meu reconhecimento dentro desse universo, fui compreendendo a dinâmica desse espaço social: seus atores, os valores que ali transitam, os códigos que compartilham e as formas de relacionamento que mantêm.

Esse conhecimento me permitiu encontrar uma série de elementos que me pareceram ausentes na bibliografia revisada sobre a temática e que eram referentes a uma etnografia da prática da tatuagem vista como uma totalidade, pois, ainda que os focos desses estudos sejam os tatuados e os tatuadores, eles são tratados de maneira separada, fora da interação e da dinâmica vivenciada dentro desse ambiente social. Por essa razão, decidi realizar uma etnografia da prática da tatuagem que tentasse descrever este movimento, esta interação social, este jogo de elementos que adquirem um sentido dentro do seu contexto e a partir dele.

Embora meu acompanhamento bibliográfico tenha sofrido limitações, devido ao fato da maioria do material existente se manter nos idiomas nativos em que foram publicados e serem de difícil acesso, obtive uma bibliografia básica que me serviu de marco de referência para as reflexões realizadas. Do que foi consultado, posso destacar os seguintes autores que foram fundamentais para minha abordagem dessa problemática: o sociólogo norte americano Clinton Sanders (1998) e os antropólogos franceses David Le Breton (2002) e Thierry Gougel d'Allondans (2001). Esses autores, com diferentes ênfases, chegaram aos seguintes pontos convergentes, que em meu conceito, constituem importantes trilhas para pensar a prática da tatuagem hoje em dia: a busca da identidade pessoal, a afiliação a outra categoria social e o problema do estigma na interação social.

Os estudos sobre tatuagem no Brasil são escassos, principalmente, no que diz respeito à prática atual da tatuagem, foco de meu interesse. Como referência, cito três trabalhos que fazem parte de expressões e usos da tatuagem, anteriores à tendência ora analisada. O primeiro é um belo texto de João do Rio sobre as "Pequenas Profissões", publicado originalmente na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, em 1904, onde relata a arte de tatuar no começo do século vinte na cidade do Rio de Janeiro. Os outros dois são trabalhos realizados sobre grupos que têm usado as marcas corporais como uma forma de se auto-estigmatizar dentro da

sociedade. Um é de Gloria Diógenes (1998), fazendo uma análise sobre o uso das inscrições corporais ou tatuagens nas gangues de jovens. O outro, de Maria Albuquerque Mendez da Silva (1991), faz uma pesquisa sobre o uso da tatuagem entre mulheres da penitenciária de São Paulo, baseando-se no conceito de corpo como suporte de signos.

A respeito dos estudos que tratam do fenômeno atual da tatuagem, encontrei diferentes perspectivas de análises e enfoques disciplinares. Célia Ramos (2000) fundamenta sua análise na comunicação semiótica, colocando a tatuagem como uma forma de inscrição no corpo, articulando-a e relacionando-a à etimologia da palavra tattoo e sua sonoridade “tato”. Na área da Antropologia, encontra-se a pesquisa realizada por Débora Krischke Leitão (2000), sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos. Seu enfoque conceitual está no que ela denomina de a “interface entre a antropologia do corpo e a antropologia urbana”, aplicando-o a um estudo de caso na cidade de Porto Alegre.

Da bibliografia brasileira utilizada neste trabalho, teve especial interesse o estudo de Toni Marques (1997), que traz uma importante informação para entender o desenvolvimento da prática contemporânea da tatuagem no Brasil, e a pesquisa realizada por Maria Isabel Mendes de Almeida (2001), que traça uma instigante discussão sobre a tatuagem e a construção de novas gramáticas subjetivas na sociedade.

No entanto, meu desafio maior em termos conceituais foi o de encontrar autores que me permitissem pensar, tal como planejei, a prática da tatuagem de maneira global, como uma totalidade, mas também de forma singular nos diferentes aspectos que a constituem.

Com tal intenção centrei meu eixo de análise na prática, e nesse sentido me situei, tal como anota Ortner (1984), na “nova ordem de pensamento em antropologia”, que depois dos anos 80 fez da prática um símbolo-chave, ao qual se relaciona uma série de conceitos que dão base a uma nova configuração. Esses conceitos são, em primeira linha, os que englobam o sentido direto da prática através de noções como: ação, práxis, experiência, vivência e interação, permitindo pensar a vida social em movimento e em ação. Bastante próxima desses conceitos está a linha que compete às noções de indivíduo, sujeito, ator, agente, *self* e pessoa, que, por sua vez, ocupam lugar privilegiado na nova visão teórica devido ao sentido que a prática traz consigo e as preocupações por aqueles que a realizam e por seus

protagonistas. Dessa forma, o mundo social deixa de ser visto como uma estrutura de normas, na qual os indivíduos são incorporados por um mundo construído por sujeitos ativos.

Igualmente este sentido de assumir “um mundo em construção” tem implícita a idéia de processo, de temporização e de transformação. De um olhar sincrônico da sociedade, passa-se a uma compreensão em movimento, em diacronia, ou em palavras de Turner: “the processualization of space, its temporalization, as against the spatialization of processes or time” (TURNER, 1987, p. 76).

A partir desse fundo conceitual procedi à busca de autores que fossem apropriados para orientar meu problema de pesquisa, o que não foi uma tarefa fácil, porque, apesar de minha busca estar restrita dentro de tal perspectiva teórica, encontrei-me diante de diferentes concepções e enfoques, ante o que optei por aproveitar os aspectos que me eram pertinentes.

Para analisar todo o concernente aos encontros cara a cara, às interações, aos papéis e jogos de poder que transcorrem durante o ato de tatuar e ser tatuado, Goffman (1975) foi fundamental. Esse autor também foi decisivo no esclarecimento do problema do estigma social, que marca a história da prática da tatuagem no Ocidente, constituindo-se em um de seus aspectos nucleares.

Dessa forma, buscando decifrar o processo que se vive em torno da prática da tatuagem e o que isso representa para o sujeito, Victor Turner (1982) foi essencial, ajudando-me a pensar essa interação social em termos de experiência e ritual, como expressão dos rituais contemporâneos, denominados pelo autor de “liminóides”, os quais se convertem em importantes momentos de inovação.

Para entender e dimensionar a prática da tatuagem em sua perspectiva global, recorri a Bourdieu (1982). Ele me brindou com fundamentais elementos conceituais para vislumbrar, além do importante nível das interações sociais, cara a cara, que se sucedem durante o ato de tatuar-se, com tudo aquilo que faz parte do “estruturado”, do normatizado socialmente, das formas prévias, anteriores ao sujeito, que chama de *habitus*, e que, em conjunto, configura um movimento, uma dinâmica, em que o social é colocado em intercâmbio com a experiência.

A respeito do tipo de relacionamento que predomina na prática atual da tatuagem, fundamentei-me em Mafessoli (1998), que desenvolve um importante marco conceitual sobre as realidades sociais, os estilos de vida e as formas de “sociabilidade” que predominam dentro da sociedade contemporânea.

Um problema bastante complexo dentro desta pesquisa conceitual foi encontrar um esclarecimento a respeito das noções de sujeito e subjetividade, nas quais queria me aprofundar, em torno da prática da tatuagem, já que a maioria dos enfoques que revisei não contemplava essa perspectiva da prática que pretendia privilegiar. Até que encontrei e me apoiei na literatura de duas psicólogas brasileiras, Eizirik (1997) e Siqueira (1999), que desenvolvem uma interessante revisão crítica sobre essas noções e propõem um enfoque, em que a construção do sujeito contemporâneo é vista através da ótica do movimento, do processo, da transformação e das “prescrições” sociais: conceitos afins com minha orientação teórica.

E, para compreender o sentido do corpo e das modificações corporais, eixos sobre os quais se constitui a prática da tatuagem, fundamentei-me na perspectiva conceitual de Le Breton (1995), que demonstra a centralidade que o corpo tem dentro dos processos de construção do indivíduo e de sua identidade ao interior da sociedade ocidental. Em especial a partir dos anos 60, quando surgiu um novo imaginário do corpo que o colocava no centro de diferentes práticas e discursos sociais, entre eles a tatuagem.

Assim sendo, com a bússola apontando para essas direções conceituais, e com a experiência de campo que ia delineando o caminho da reflexão e da interpretação, obtive um corpo etnográfico que em diferentes sentidos reconstruiu a prática atual da tatuagem. Organizei e desenvolvi tal material na seguinte ordem: no primeiro capítulo, uma descrição do contexto atual da tatuagem, recorrendo a outros contextos históricos que essa prática teve dentro da sociedade ocidental e que me deu insumos para refletir sobre o cenário atual em que se desenvolve sua interação: a loja de tatuagem. Meu olhar esteve centrado na série de elementos que constituem a nova imagem dessa prática e que basicamente se resume no estilo *clean*, que tenta “limpar simbolicamente” a imagem estigmatizada da tatuagem, e posicionar-se dessa maneira dentro do seio da sociedade, como nova alternativa estética à disposição de todo tipo de público, que obviamente tenha condições econômicas de pagar este sofisticado adereço corporal.

No segundo capítulo, descrevi o processo de tatuar-se como uma cadeia de contatos interpessoais, desde o momento da aproximação da loja, os primeiros contatos, a confiança que se começa a gerar, o diálogo sobre as “idéias da tatuagem”, a seleção do desenho e o local a ser tatuado, até sua aplicação. Nesse

processo, a pessoa vive uma relação bastante estreita, íntima e afetiva com o tatuador, relação que cumpre um papel fundamental na construção subjetiva que está sendo produzida através desse ato.

Finalmente, no terceiro capítulo, descrevi os sujeitos atuais da tatuagem, suas formas de apropriação e de construção de sentido em torno dessa prática. Na primeira parte do capítulo, iniciei com um perfil estatístico que me ajudou a reconstruir alguns aspectos de relevância, como a idade, o sexo e a preferência quanto ao estilo de desenho e a sua localização corporal, informação que serve como base de análise para pensar os hábitos de escolha e a linguagem simbólica que é recriada dentro desse universo social. Na segunda parte, centrei-me no grupo dos “tatuados”, que são as pessoas que, apesar de estarem cobrindo seus corpos com tatuagens, levam uma vida “normal” dentro de diferentes espaços profissionais e sociais.

Portanto, a normalidade que começo a compreender, depois de vivenciar todo este processo, é que ser “tatuado” na contemporaneidade, no sentido que foi delimitado etnograficamente, é uma forma a mais que o indivíduo utiliza para construir um sentido para a sua existência, fabricando sua própria transcendência pessoal. Diante do que, retorno a mim mesma, para perguntar-me sobre o sentido, que eu, uma não tatuada, estou construindo para a minha vida. Tal reflexão ainda ronda em minha mente.

1 O NOVO CONTEXTO DA TATUAGEM

Para iniciar a leitura da prática atual da tatuagem, do mundo social e cultural que se tece em seu interior, suas interações, sua simbologia, sua dinâmica e todos aqueles aspectos que cobram sentido para sujeitos que são partícipes deste universo, necessita-se reconhecer um primeiro rosto desta realidade.

Com este propósito inicio a presente dissertação, com a análise do contexto entendido como o marco global onde se configura e se ordena o exercício da tatuagem. Apesar de que são múltiplos os elementos que se podem relacionar dentro desta conjunção, identifico quatro componentes que considero essenciais para orientar esta reflexão: os atores sociais (profissionais e clientes), seu perfil e procedência sócio-culturais, os recursos utilizados (cognitivos, técnicos e de comunicação) e o cenário social recriado para o exercício desta prática.

Tais componentes atuam de maneira articulada, incidindo uns sobre outros, em uma dinâmica que permite a renovação, a mudança e/ou atualização da prática da tatuagem dentro de diferentes momentos sociais. Assim, por exemplo, a invenção da máquina elétrica de tatuagem provocou a sua necessidade de instalações em locais fixos (para utilização de energia elétrica) e através disso se iniciou o desenvolvimento de cenários modernos para ambientação desses locais, que são as lojas, e com elas toda uma nova dinâmica de interação.

Além desta análise do contexto da tatuagem como um universo específico e características próprias, é importante ter em conta o contexto global onde se insere esse universo, no qual se define a interação que dele faz parte e o imaginário que se cria em seu entorno.

Esse aspecto conduz diretamente à revisão do problema do estigma social que tem sido o eixo de identificação, de classificação e de relacionamento, compreendido pela prática da tatuagem dentro de sua história no Ocidente e que, ainda, hoje, apesar de menos intenso, segue como fator decisivo desta dinâmica.

Nesse sentido, é importante que retomar o conceito de estigma trabalhado, por Goffman (1978), que, dentro do marco de análise desta dissertação, é fundamental:

Um atributo profundamente depreciativo, mas que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um

atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é em si mesmo, nem honroso nem desonroso (GOFFMAN, 1963, p. 13).

Esse conceito permite quebrar a idéia naturalizada do estigma como algo inato, próprio ou imanente a quem o possui, e traslada a análise ao terreno das construções sociais e culturais. Quer dizer, o desviante se constitui no seio do mundo social, e a partir desta construção é que se desenvolvem as interações evidenciadas pelo estigma.

Dentro desta reflexão, o interessante é que o estigma na tatuagem é algo voluntário, porque a pessoa não nasce com ela, nem é induzido socialmente a fazê-la, é uma decisão própria que se realiza como uma opção de vida e, em tal sentido, cobra uma dimensão que singulariza essa prática.

Assim, tendo em conta tais elementos conceituais, é possível tentar a reconstrução da atual face da prática da tatuagem. Para tanto, considero de grande utilidade retomar alguns episódios históricos que fazem referência a outros contextos e situações sociais ocorridas nessa atividade no Ocidente, e que permitem ter um marco comparativo através do qual se ressaltam as diferenças e as particularidades adquiridas por ela na contemporaneidade.

Nesta direção, primeiro, vou traçar uma reflexão sobre os contextos da tatuagem no mundo ocidental, depois fazer algumas anotações sobre seu desenvolvimento no Brasil e em Florianópolis e, finalmente, tendo como pano de fundo os elementos destacados neste percurso, particularizar e conceituar o cenário objeto desta pesquisa: a loja Experience Art Tattoo.

1.1 A TATUAGEM NO OCIDENTE

Homens e mulheres se pintam os corpos, dentro de uma linguagem que eles dizem: tatau. Isto se faz injetando a cor preta sobre a pele de tal maneira que os traços são indeléveis.

Capitão James Cook ²(apud GROGNARD, 1992, p. 22, tradução da autora).

² Em declaração a um jornal em 1769.

A re-descoberta³ da tatuagem no Ocidente está vinculada às grandes expedições marítimas que se realizaram durante o século XXVIII. E, em especial, às ilhas do Pacífico, onde foi observado que a tatuagem era uma prática tradicional, bastante expandida e com importantes funções sociais (GROGNARD, 1992, p. 22). Vários capitães e marinheiros começaram a se interessar por esta arte, fazendo-se tatuar, transformando, dessa maneira, seus próprios corpos numa tela para ser exibida aos incrédulos olhos do Ocidente. Apesar de que já se tinha conhecimento de diferentes marcas corporais existentes entre os povos “primitivos”, somente quando os marinheiros e viajantes talharam suas peles foi que se estabeleceu uma ponte através da qual o Ocidente se aproximou e iniciou sua trajetória na tatuagem.

Assim, o contexto social em que se começou essa prática no Ocidente se deu a partir do contato com outras culturas, distantes e diferentes, cujas artes, tais como as tatuagens, eram vistas como “exóticas”. Um exotismo que seduzia aos viajantes, que se converteram em intermediários de um saber que se foi apropriando paulatinamente através das viagens, do ir e se tatuar, de retornar e se mostrar, de provar, de começar a aprender e de experimentar em seus próprios corpos.

Logo, depois, no percurso do século XIX e começo do XX, a prática da tatuagem seguiu uma intrépida fase de peregrinação pelos setores marginais da sociedade, nos quais presidiários, meretrizes e soldados converteram-se nos novos protagonistas dessa prática. Como consequência, os ambientes sociais por onde começava a transitar a tatuagem eram as penitenciárias, os quartéis, os cárceres e a rua.

Dentre esses ambientes, cabe destacar o cárcere, onde a tatuagem cobrou uma significativa importância, a ponto de ser conhecida popularmente como a “flor do presídio” (GROGNARD, 1992, p. 25). Nesse cenário, aprendia-se a tatuar, praticava-se, experimentava-se, realizava-se a primeira tatuagem, era um público cativo, mais da metade de sua população tinha tatuagens (LE BRETON, 2002, p. 51).

Assim, ao converter-se em objeto de preferência dos setores marginais, a tatuagem se situava socialmente nas margens da sociedade, esse era seu novo

³ Falo de re-descoberta porque, tal como o mostra Toni Marques, a prática da tatuagem teve diferentes manifestações dentro do mundo ocidental, mas, na Idade Média, por obra do cristianismo, foi abolida. Por isso, quando me refiro ao “início” desta prática, estou fazendo referência à época da Modernidade, período em se difunde e se insere na sociedade ocidental. Ver: MARQUES, Toni. **O Brasil Tatuado e outros mundos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 13- 35.

contexto e referente sócio-cultural. Essa situação gerou uma construção negativa em torno dessa prática, que transportou ao imaginário social um sentido de referência e equivalência entre tatuagem=marca marginalidade, que começou a atuar num duplo sentido, pois estar sobre uma posição socialmente desfavorável também era em si mesmo um valor de estigma (LE BRETON, 2002, p. 59).

O contexto começou a mudar notoriamente a partir da invenção da máquina elétrica, em 1891, pelo norte-americano Samuel O'Really, que revolucionou aspectos-chave do exercício deste ofício, tais como: a redução do tempo de trabalho, assim, quando antes se precisava de horas para poder realizar uma tatuagem, agora são necessários minutos (PIERRAT, 2000, p. 210) e a qualificação técnica na aplicação das tatuagens, que aperfeiçoava o acabamento de seus traços, dos contornos, do brilho e do colorido, etc. Isso apenas quanto ao aspecto técnico, porém, o que adquiriu uma maior dimensão social foi o fato do uso da eletricidade ter criado a necessidade de um ponto de corrente elétrica, portanto de fixar, de alguma maneira, o exercício dessa prática, de ter um cenário que possibilitasse a aplicação da tatuagem, e com isso um tatuador, que atuasse dentro deste cenário, com disposição de tempo e com uma certa dedicação para esse ofício.

Por isso, como disse Pierrat (2000), a máquina elétrica identificou o tatuador moderno e também o começo de sua profissionalização. Pois, de um saber artesanal, manual, e adquirido ao acaso, passou-se a um conhecimento técnico que requer habilidade e maestria em sua execução. Apesar de sua aprendizagem continuar sendo por observação, pela experiência e pelo desenvolvimento na mesma prática, agora possui um agregado especial e o uso adequado da máquina elétrica, cujos “segredos” e “pequenos truques” só se trocariam dentro de círculos bastante restringidos (PIERRAT, 2000, p. 210).

A máquina elétrica, o aperfeiçoamento da técnica, a fixação da prática, a nova imagem e *status* do tatuador e, sobretudo, sua inserção nas grandes cidades do começo do século XX, tais como São Francisco e Nova Iorque, onde proliferavam diferentes estilos, públicos e estéticos, ampliou o campo de oferta e demanda da tatuagem, transformando-a paulatinamente numa prática profissional. Isso deu lugar a uma nova configuração de seu cenário, principalmente, dentro de certas cidades de Estados Unidos e Canadá, nas quais os estúdios ou pequenas lojas, que, em seus inícios, funcionavam dentro de barbearias ou casas de bilhar, com o passar do tempo, estabeleceram-se independentemente (PIERRAT, 2000, p. 210).

Essas foram as grandes transformações da prática da tatuagem, existindo algumas formas de apropriação social, que geraram novas dinâmicas e imaginários em torno dela e que são interessante retomar como marco de referência. Em especial as dos anos sessenta e setenta, quando a tatuagem se converteu em “privilégio das culturas marginais”, inicialmente, com grupos como os *rockeros*, os *teddy boys*, *bikers*, os *Hell's Angel* (LE BRETON, 2002, p. 61), que usaram a tatuagem como um ornamento, associado às suas vestimentas, que os identificava e também marcava sua vontade de estar à margem da sociedade. Posteriormente, nos anos 70, essa tendência se tornou mais radical. Nesse momento, a tatuagem “floresce entre os jovens turbulentos: os punks e os skins” (PIERRAT, 2000, p. 212), que utilizavam seus corpos como forma de protesto social, através de vestimentas agressivas e de modificações corporais. Entre essas formas, a tatuagem tinha a conotação de um signo negativo, de ostentar publicamente sua decisão de diferenciar-se e de romper com as convenções sociais:

Le corps est brûlé, mutilé, percé, tailladé, griffé, scarifié, tatué, entravé dans vêtements inappropriés. La haine du corps qui symbolise justement le rapport obligé à autrui. A l'inverse d'une affirmation esthétique, il importe plutôt de traduire une dissidence brutale avec la société londonienne, puis britannique (LE BRETON, 2002, p. 67).

Como se pode observar, esses contextos mantinham a noção de marginalidade social, só que com algumas particularidades que os diferenciavam daqueles do começo do século XX. Nessa época, a tatuagem já contava com mais de setenta anos de má reputação e era reconhecida como uma “marca da marginalidade”, portanto seu uso tinha toda uma conotação histórica de estigma e de desprestígio. E essa era justamente a busca que tinha as tribos juvenis desse período: adotar uma marca negativa que se acoplasse a seus “códigos de vestuário” (PIERRAT, 2000, p. 212), com o fim de ostentar publicamente sua vontade de romper com as regras sociais, de agredir a sociedade e de situar-se deliberadamente em suas margens.

Definitivamente, esse era um uso e uma apropriação bem diferente da que tinha anteriormente a tatuagem, pois passou de forma de expressão popular através da qual os setores marginais comunicavam seus sentimentos e paixões (GROGNARD, 1992, p. 25), para converter-se numa marca ornamental de

identificação grupal e de transgressão social. A tatuagem ganhou, então, uma nova conotação dentro do imaginário coletivo: a rebeldia juvenil e sua associação aos excessos, em particular, ao uso de drogas.

1.2 O INÍCIO DA TATUAGEM “MODERNA”⁴ NO BRASIL

A crescente profissionalização da prática da tatuagem, assim como sua tendência de estabelecer-se em locais especializados não foi homogênea no mundo ocidental. Na Europa e na maioria dos países latinos, até bem entrados os anos sessenta, esta capacitação permaneceu itinerante e manual, centrada na figura dos tatuadores, que se deslocavam por diferentes ambientes à procura de clientes, e, em numerosas ocasiões, percorrendo grandes trajetos em caminhões ou veículos que eram acondicionados como ateliês (PIERRAT, 2000, p. 210).

Foi assim que aconteceu no Brasil, com a diferença de que seu desenvolvimento foi muito mais lento, devido a que os primeiros núcleos de crescimento e aperfeiçoamento dessa prática foram na Europa e posteriormente nos centros urbanos de Estados Unidos. De tal forma, que o acesso a este saber, às suas técnicas e, principalmente, à máquina elétrica foi bastante limitado e dependeu do contato com **tatuadores estrangeiros** que, chegando ao Brasil, converteram-se em intermediários desta nova dinâmica na tatuagem.

Esse é o lugar que tem Tattoo Lucky, que se transformou num ponto de referência fundamental para as novas gerações de tatuadores e inclusive para o público antigo da tatuagem. Nos depoimentos recolhidos, assim como na bibliografia consultada, Lucky aparece revestido de uma interpretação bastante denotativa e simbólica, que me fez pensar nele como o “mito de origem” da prática contemporânea da tatuagem. Ao longo da presente dissertação, encontrar-se-á repetidas referências a ele, que irão mostrando a construção significativa que existe em torno dessa personagem.

⁴ Faço referência à modernidade na tatuagem num sentido similar ao proposto por Pierrat (2000), no qual relaciona uma série de elementos vinculados à inovação tecnológica, que trouxe a máquina de tatuar, a fixação da prática, a abertura de estúdios de tatuagem, a elevação do *status* do tatuador e a ampliação para novos e diversos públicos, que em conjunto criam o contexto atual da tatuagem.

Mas quem é Lucky e como foi seu papel neste processo? Tattoo Lucky⁵, tal como o conheciam, foi um imigrante dinamarquês, viajante, marinheiro e de família de tatuadores, que chegou ao Brasil em 1959 e aqui ficou até sua morte em 1983 (MARQUES, 1997, p. 175). Sua fama e reconhecimento dentro do panorama da tatuagem se radicavam em seu conhecimento da técnica moderna e, em especial, em seu domínio da máquina elétrica, no momento em que a tatuagem ainda era praticada à mão. Lucky se instalou na cidade de Santos, onde abriu duas lojas ao público (MARQUES, 1997, p. 178), inaugurando assim uma nova fase da tatuagem, que era a fixação dessa prática, dentro dos cenários modernos, os estúdios de tatuagem.

A novidade que este acontecimento gerava, assim como a fama que foi crescendo em torno de Lucky, fez com que a cidade de Santos se convertesse num lugar de peregrinação aonde chegavam jovens de diferentes regiões do Brasil para serem tatuados. Era, de alguma maneira, uma aventura, pois juntavam dinheiro, deslocavam-se de lugares afastados e passavam por múltiplas vicissitudes para conseguirem tal intento, tal como descreve Ian Oliveira:

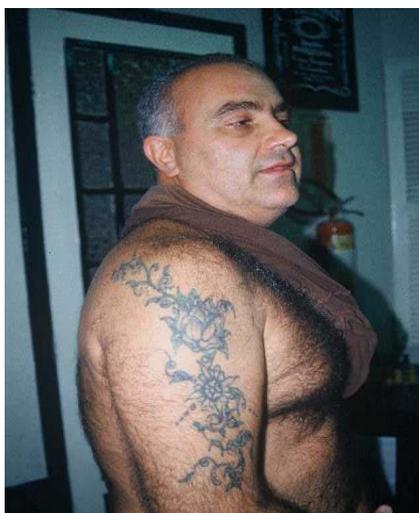


FOTO 1.1 – IVAN E A HISTÓRIA DA TATTO NO BRASIL

FONTE: CHRISTIANE OTT MAYER, 2002

Essa tatuagem é dum dinamarquês que estava no Brasil, o Lucky, o cara que introduziu a máquina elétrica no Brasil, em 1976 mais ou menos, foi a primeira tatuagem colorida, aí eu fui otário de pegar

⁵ Seu nome original era Knud Harald Likke Gregersen. Porém, como parte de um estilo generalizado no mundo da tatuagem, é freqüente que os tatuadores usem apelidos que sejam mais acessíveis ao público; neste caso, Lucky, que, em inglês, significa sorte, e que, segundo um depoimento do próprio tatuador, o sentido que queria transmitir era porque: “as tatuagens que fazia traziam sorte” (MARQUES, 1997, p. 180).

sol... A casa dele era uma garagem no fundo do mar, cheguei lá, eram umas cinco da manhã quando eu fui até São Paulo e peguei um ônibus prá Santos, ai ele saiu com os cachorros prá ir até a praia, e eu ali esperando, logo ele chegou prá tomar café, aí eu falei que queria uma tatuagem, ele disse: 'custa tanto', mas, eu só 'tenho tanto', então ele não falou nada. Fiquei esperando um tempão, quando o Lucky aceitou a grana que eu tinha, fiquei sem nada, o Luke ficou com pena e deu um trocadinho pra comprar um pão (IVAN, 2002).

Lucky é, como já disse, um ponto de referência para as gerações modernas de tatuadores e, em especial, para seus pioneiros, que tiveram, se assim se pode afirmar, a primeira escola com ele, através de uma aprendizagem informal, característica desse ofício, que guarda com muito receio seus segredos e truques, e que só se evidencia na e através da prática.

Como o caso de Stopa, um dos mais importantes pioneiros da tatuagem moderna no Brasil, que reconhece seus primeiros passos ao lado de Lucky: "Aprendi com Lucky, observando, ele não ensinava, aí, eu ia na loja dele para levar os meus amigos para se tatuarem e eu ficava olhando como era que ele fazia, assim foi como aprendi a tatuar..." (STOPA, 2003).

Assim, incentivado por seus amigos, Stopa decide montar no ano de 1978 seu próprio estúdio na cidade onde morava, Santo André (SP), trabalhando com máquinas artesanais, feitas por ele, arte que aperfeiçoou paulatinamente até transformar-se num dos principais fabricantes de máquinas de tatuar no Brasil.

Esse é um aspecto muito importante que caracteriza o começo do novo contexto da tatuagem, que é a passagem das "agulhas caseiras" para a fabricação de máquinas elétricas:

Entrou em ação o jeitinho brasileiro. Gravadoras, vitrolas, aparelhos e barbear e aceleradores de autorama forma sacrificados em nome da arte. Assim que alguém conseguia uma máquina americana ou inglesa, tratava de desmontá-la e decifrá-la. Boa parte das máquinas usadas nas primeiras lojas veio dessa reciclagem (MARQUES, 1997, p. 192-193).

Mais, ainda, a prática da tatuagem não estava estabelecida dentro dos cenários das lojas, ainda se vivia uma fase de experimentação e de transição e os pontos comerciais que se abriam tinham uma natureza "ambígua". Eles ficavam misturados com outros produtos e serviços que eram oferecidos e, em geral, não

tinham lucros suficientes para se manter, tal como o descreve Marques, em relação aos primeiros estúdios, abertos na cidade de Rio de Janeiro:

Duas lojas surgiram no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro, no fim dos anos 70... Não eram lojas convencionais. A de Boris estava instalada na academia de ginástica e lutas de sua propriedade, e a de Charles, numa galeria, e exibia objetos estranhos a uma loja de tatuagem, como saco de treino de boxe. Como não teve retorno financeiro, a loja de Charles durou pouco tempo (MARQUES, 1997, p. 194).

De forma similar isso aconteceu com Stopa, que para sustentar-se e manter aberto seu estúdio, conseguiu um furgão onde acondicionava um ateliê de tatuagem e começou a viajar pelo Brasil, construindo na sua passagem uma rede de amigos, aficionados da tatuagem e novos tatuadores que aprendiam com ele:

Eu tinha um ateliê no furgão, eu chegava numa cidade e procurava uma loja de esporte que vendia roupa para gente jovem e fazia um contrato com a pessoa, de dar 20% do que eu fizesse. Aí eu fazia uma propaganda da loja no rádio, que quem fizesse uma compra na loja acima tipo de 100 reais ganhava uma tatuagem. E aí aqueles outros que vinham, eu dava uma porcentagem para o dono da loja. Aí eu ficava tipo 15 ou 20 dias no lugar. Aí depois ia pra outro lugar, as vezes ficava 3 ou 4 dias só porque não tinha muito movimento... Naqueles lugares não tinha tatuadores, até muitas cidades que eu viajei acabei treinando alguém para ser tatuador, depois disso comprava material e acabava abrindo uma loja, em vários lugares de São Paulo, Minas, Bauru, Marília, Presidente Prudente, Araçatuba,, têm várias lojas assim que foram pessoas que aprenderam comigo.

Ao observar com atenção os depoimentos de Stopa, se pode ver que o processo de aprendizagem e iniciação que se seguiu durante essa fase, guarda um sentido de rede, de grupo que se foi formando a partir de certos laços de proximidade, que está conectado pelo tatuador mestre, Lucky, e que se estende através de uma linha hierárquica, cujo o segundo escalão são seus “filhos”, conformados por Stopa e outros tatuadores dessa época como Tuca, o Alemão. Eles têm sido denominados de “pioneiros da tatuagem moderna”, que, por sua vez, converteram-se em mestres de outros novos tatuadores, em diferentes regiões do Brasil, o terceiro escalão da rede que se ampliou e abriu novos horizontes.

Apesar de o processo ser informal e o conhecimento no mundo da tatuagem estar revestido de uma áurea de mistério e de encobrimento, existe, como se pode

notar, uma aproximação e uma inter-relação, por onde transitam os saberes e,, sobretudo, por onde se criam laços de reconhecimento mútuo, de pertencimento a uma certa “linhagem de descendência” que delimita um espaço social e que serve como instrumento de legitimação do mesmo.

1.3 O NOVO CONTEXTO DA TATUAGEM: AS LOJAS

Nos anos 80, a tatuagem passa por uma nova fase: ingressa no mundo do mercado, com o estabelecimento de estúdios de caráter comercial, equipamentos importados, materiais descartáveis, e diversos catálogos e revistas de desenhos disponíveis para a clientela fazer suas escolhas (MARQUES, 1997, p. 198)⁶.

Isso traz consigo importantes implicações sociais no exercício dessa prática. A mais relevante, em meu conceito, é que a mesma vive um **processo de institucionalização**, porque instalar uma loja significa passar por uma série de requerimentos de ordem jurídica, comercial e sanitária, exigidos para a obtenção de licença de funcionamento⁷.

E isso, fora aumentar o controle social exercido sobre essa prática, também faz ganhar algo que para seus praticantes é fundamental: o reconhecimento social e público da prática da tatuagem, seu ingresso em uma certa “legitimidade” social que os subtrai do entorno da marginalidade com o qual eles se identificam, mas os estigmatiza.

⁶ Esta escalada comercial da tatuagem, durante os anos 80, foi vivida em nível mundial, assim como anota Le Breton para o caso da França: “D’une dizaine de boutiques au début des années 80 en France, on passé à plus de cinq cents aujourd’hui et il s’en ouvre sans cesse de nouvelles pour faire face à une demande grandissante. Les instruments de taouage ou de piercing s’achètent aisément” (LE BRETON, 2002, p. 178).

⁷ As medidas jurídicas que até o momento têm sido expedidas em torno do exercício da tatuagem são as seguintes: a Portaria CVS-13, de 07-08-92, do Centro de Vigilância Sanitária de São Paulo, onde se regulamentou o funcionamento dos locais ou “gabinetes de tatuagem”, as medidas higiênicas que deviam seguir e algumas proibições em torno da sua prática; a Lei Estadual n. 9.828, de 06-11-97, que proíbe a realização, em menores de idade, de procedimentos inerentes à prática da tatuagem; e a Portaria CVS-12, de 30-7-99, do Centro de Vigilância Sanitária de São Paulo, que dispõe sobre os “gabinetes de tatuagem”, realizando uma série de definições dessa prática, as normas de funcionamento, os requerimentos que devem cumprir, as medidas higiênicas que devem seguir e a proibição aos menores de idade. Todas essas normas jurídicas têm sido expedidas pelo Estado de São Paulo e na atualidade vários Estados estão também constituindo suas próprias legislações. Mas, até o momento, esse marco legal tem sido utilizado como referente pelos diferentes atores dessa prática.

Além do marco de legalidade que passa a revestir essa prática, também se eleva o status do tatuador que se posiciona no mercado como um novo tipo de “profissional” ou de “experto empírico”, que tem incidência e visibilidade social, portanto, obrigando-o a um novo ordenamento jurídico e conceitual. Assim, a Secretaria de Saúde de São Paulo define o ofício do tatuador da seguinte maneira: “Tatuador pratico: é o indivíduo que domina as técnicas destinadas a pigmentar a pele” (PORTARIA CVS-12, DE 30/7/99, ARTIGO 1, INCISO V).

Mas o ingresso no mercado e sua aceitabilidade social não são somente uma questão comercial e jurídica, é, principalmente, o reflexo de um novo ambiente cultural que permite e que abre as comportas a esse novo e “exótico” mercado da tatuagem.

Um ambiente que, em meu parecer, está relacionado, em primeiro lugar, com a nova forma de conceber e de relacionar-se com o corpo, na qual as “modificações corporais” fazem parte de um novo estilo, de uma nova busca, que identificam o sujeito contemporâneo (LE BRETON, 2002). Mas também com os acontecimentos vividos nos finais da década do 70 e começo dos anos 80, no Brasil, e que geraram uma nova perspectiva social e cultural. Entre os quais, cabe ressaltar dois que considero de especial importância para esta análise. Em primeiro lugar, o novo imaginário que se criou em torno da tatuagem a partir de um evento que foi sucesso na época: uma música de Caetano Veloso, “Menino de Rio”,⁸ na qual o cantor falava da tatuagem que um conhecido surfista de Rio de Janeiro fez no braço⁹. Em 1979, essa canção foi escutada nas rádios de todo o Brasil, tornando-se mais popular

⁸ O trecho da canção na que fala da tatuagem é a seguinte:

Menino do Rio	Que o Havaí
calor que provoca arrepio	seja aqui
dragão tatuado no braço	tudo o que sonhares
calção, corpo aberto no espaço	todos os lugares
coração de eterno flerte	as ondas dos mares
adoro ver-te	pois quando eu te vejo eu desejo
menino vadio	o teu desejo...
tensão flutuante do Rio	
eu canto pra Deus proteger-te	

⁹ Seu nome é Petit, morador da zona sul de Rio de Janeiro, que se fez tatuar à idade de 17 anos com o conhecido tatuador Lucky. Ele não foi um caso isolado, pois a tatuagem se converteu em moda durante os anos 70 entre o grupo de surfistas cariocas, que viajavam até Santos para ser tatuados por Lucky. Assim é descrito este fenômeno pela Revista Veja, 1977: “Ultimamente (Lucky) passou a receber outro tipo de clientela: jovens cariocas que viajam a Santos para ser tatuados por ele, num trabalho que não leva mais de 15 minutos” (Marques, 1997: 186).

ainda quando se converteu em tema musical da novela “Água Viva” da Rede Globo (MARQUES, 1997, p. 189-190).

Essa canção gerou impacto porque mostrou outra cara da tatuagem, fora dos âmbitos da marginalidade, ingressando nos novos setores sociais dos surfistas e da, classe média, com certos atributos, que se faziam objeto de desejo, como corpos jovens, atléticos e sensuais. A novela foi uma excelente vitrine de venda que contribuiu, como afirma Marques, a transformar a tatuagem “num fato socialmente aceitável e desejável, até certo ponto, dentro de certos círculos” (MARQUES, 1997, p. 189).

Em segundo lugar, entrados os anos 80, vive-se o fim da ditadura militar e com isso o ingresso a uma nova fase de liberdade de expressão, a novas buscas individuais e coletivas, que favorecem a legitimação de práticas alternativas, entre as quais, está a tatuagem.

Esse novo contexto da prática da tatuagem vem acompanhado de um novo perfil de usuários: a classe média urbana, que dispõe dos recursos para consumir e se apropriar da nova linguagem corporal. O mundo da publicidade e do mercado, de sua parte, desenvolve uma série de estratégias para atrair esse novo público. Uma das mais eficazes são os meios de comunicação de massa, em especial a televisão, onde a tatuagem começa a aparecer como um ornamento a mais da pessoa:

O público gosta de copiar roupas, penteados e trejeitos de artistas de cinema e de T.V. Nos anos 80, passou a copiar a tatuagem. Na novela Guerra dos Sexos, exibida de junho de 83 a janeiro de 84, o personagem tinha uma gaivota cruzando o sol. Todas as lojas e todos os ateliês caseiros foram obrigados a produzir uma quantidade incalculável de réplicas dessa tatuagem telenovelesca (MARQUES, 1997, p. 201)

Também a Internet e as revistas especializadas são meios importantes de difusão, onde se encontram a informação essencial do momento, os procedimentos e cuidados da tatuagem, os novos desenhos e estilos, dados históricos, curiosidades, e, especialmente, um universo de apreciação e valoração sobre esta nova expressão estética (LE BRETON, 2002, p. 178).

Dentro desta nova panorâmica, Stopa, no ano de 1985, fixa-se na cidade de Florianópolis, onde abre a primeira loja da cidade: Stopa Tattoo da Pedra, localizada na Barra da Lagoa. A partir de então, deixa para trás sua vida itinerante, suas

viagens pelas diferentes regiões do Brasil e se dedica ao novo cenário da tatuagem: as lojas modernas, com um fluxo contínuo de movimento e com uma clientela que reconhece sua trajetória.

A montagem deste estúdio, sua experiência e sua aptidão com o material de tatuagem, em especial das máquinas elétricas, feitas por ele mesmo, criam uma nova dinâmica dessa prática dentro da cidade de Florianópolis:

Aqui na Ilha tinha o Gão, bem conhecido aqui, ele tatuava a mão, não tinha máquina, ele tatuava lá na praça XV, a primeira máquina que ele comprou foi a minha. Então, eu aconselhei a ele abrir um estúdio, e aí ele abriu, pra não ficar uma coisa assim de meio marginal, tatuando na rua. Aí ele abriu uma loja no edifício Comasa e começou a trabalhar lá, eu trabalhava aqui. Lojas mesmo, começaram a montar não tem muito tempo não, no centro, tem uns sete anos, hoje tem mais de vinte lojas.

1.4. ANÁLISE DO CENÁRIO DA LOJA: “EXPERIENCE ART TATTOO”

1.4.1 UMA TRAJETÓRIA

Através desse percurso, cheguei ao meu campo etnográfico: a loja Experience Art Tattoo, cuja história está ligada ao trajeto seguido por seu tatuador, Mano, que, aos 19 anos, começa a desenvolver-se nas artes da tatuagem, montando em 1994 um ateliê em sua casa, contando para isso com um equipamento básico: uma máquina elétrica das fabricadas por Stopa. Tal como o diz Gesa:

A gente trabalhou esse tempo em casa e trabalhava na praia. Tatuava onde você estivesse. Se era na casa de um amigo, tatuava. Era também outro preço, era outro estilo também, era bem mais brincadeira, muito mais do momento, do que o ritual em s.

É interessante o aprofundamento no ambiente de tatuagem que se vivia na “casa” porque me deu a dimensão da fase de transição entre a tatuagem como ofício de amadores e a tatuagem como profissão, como cenário contemporâneo ancorado, no mundo do mercado e da moda corporal.

Tal fase de transição aconteceu durante os anos oitenta e começo dos noventa no Brasil, e era um período que se caracterizava pela abertura de várias lojas modernas no meio urbano e uma simultânea proliferação de ateliês

improvisados dentro do círculo doméstico (MARQUES, 1997, p. 198). Essa situação gera um cenário misto, predominantemente caseiro, que recria aquele ambiente descrito na época itinerante da tatuagem, mas também contém elementos da modernidade, como um maior acesso a máquinas e equipamentos, conhecimento da técnica e uma crescente difusão dessa prática. A forma como eles se olham pode ser vista na citação abaixo:

“Na casa tudo era festa. Para começar, a gente pegou uma lavanderia que tinha aqui em nossa casa, era um espaço muito aberto, era o galpão, tinha um jardim, era trabalho de madeira, muita almofada no chão, flores, velas e incenso para todos os lados, e onde era a lavanderia, que tinha piso, aí montamos o estúdio porque tinha água corrente. Na verdade, o estúdio era bonitinho, só que a recepção era na sala da minha casa. Não é assim, o estúdio não tinha recepção, bem pelo contrário era minha casa que não tinha sala. Tu passa a não ter privacidade, tinha dias que eram as sete e meia da manhã e alguém te batia na porta para ser tatuado, tinha dias que eram as três e meia da noite e tinha uma galera lá dentro de casa para fazer uma tattoo”.

O que rolava? Tudo, né... alguém levava uma garrafa de vinho, outro um papo de fundo, tudo mundo fumava todas, tudo mundo bebia tudo. Se tatuava naquele clima de doidera, tatuar era mais que fazer um desenho, era um evento, era uma festividade, cara! Pô!, ele ia lá, e entrava na casa as dez horas da manhã e saia três horas da manhã, chapado, bêbedo e tatuado. Era muito legal! Tu vê assim: ia tatuar e saia amigo. Ai tu começava. Tatuar nem pensar, sentavam todos na sala, vinho. Vinho, aquilo ali era um golinho com uísque, suave seco, e a galera quando chegava a deitar na maca pra tatuar, o cara já estava drogui a pagar, ele nem via a tattoo acontecer, e o Mano também bebia horrores, bebia e fumava horrores e tudo. Geralmente a casa do tatuador já é aquela casa que vai todo mundo. Sempre tem amigo, tatuador geralmente tem cachorro que entra na sala, e amigo que chega, irmão que entra, e o cara partilha daquela vida do tatuador e ele se sente: ‘Pô! Eu sou amigo do cara, ele é meu camarada’. E ele vem, ele traz os irmãos, os amigos, a namorada. Porque o que fica gravado além da tattoo é aquele momento, aquele momento de grandeza, é uma coisa muito louca, e isso mudou nas pessoas hoje em dia, deixou de ser uma coisa muito louca para ser uma idéia que eu vou botar no meu corpo...”.

Como está expresso na passagem anterior, um elemento-chave era que nesse contexto inicial havia uma imbricação entre o privado (a casa e os espaços de intimidade) e o social – comercial (a prestação de um serviço). Isso fazia da prática da tatuagem um ofício doméstico, familiar, no qual se misturavam sentimentos de amizade, de proximidade, de partilha, de coragem, com a prestação de um serviço,

cujo pagamento não tinha um lugar de predominância (como acontece numa relação típica comercial), mas, cumpria o papel de manter a reciprocidade entre ambas partes. Essas pessoas viviam, assim, um ambiente de partilha, onde a bebida, além de servir como anestesia e acréscimo da coragem, convertia-se num mediador das relações sociais que ali se desenvolviam. De tal forma que, através da tatuagem, acontecia toda uma forma de sociabilidade e de construção de laços afetivos.

Mano e Gesa, no entanto, não queriam ficar nesta condição, neste *status* da tatuagem como ofício de amadores, como eles mesmos afirmaram, “tatuadores de fundo de quintal,”¹⁰ então, logo depois de assistirem à sua primeira Convenção de Tatuagem, em Porto Alegre, no ano de 1996, concluíram que:

Lá em casa, no continente, não ia dar muito certo, a gente tatuava, mas não era o que a gente queria, porque não era nossa idéia, pra ganhar dinheiro tu podia ter qualquer emprego. A gente queria realmente ser tatuador de verdade, ter o estúdio, ter um trabalho bom. Ai a gente juntou uma graninha, vendeu o carro que a gente tinha, e veio para o centro em 1996, para o edifício Dias Velho.

Assim, o profissionalismo da tatuagem, tal como está expresso no parágrafo anterior, esteve diretamente vinculado com o espaço da loja, do estúdio de tatuagem, que permitia separar o âmbito da vida privada, pessoal, com o âmbito de trabalho. Significava um pulo para o mundo do mercado, da competição, da rentabilidade, assim como a desvinculação do tatuador com aquele ambiente íntimo e pessoal, reconhecido como “um cara doidão”, que tatuava numa atmosfera de brincadeira, de diversão, bêbedo ou sob outros estímulos, pela procura de um estilo “profissional”, que lhe identificasse fundamentalmente, pelo que fazia e por sua capacidade técnica e artística.

No Edifício Dias Velho, Mano e Gesa permaneceram durante três anos, o ambiente em que viviam era estritamente comercial, a decoração do local era mínima. O tipo de público que freqüentava o lugar ainda estava vinculado às baixas camadas sociais, dentro de uma esfera relacionada com o banditismo. Tal como narrou Gesa, a última causa, que os fez sair daquele lugar, foi que um dia chegou uma personagem, de mau aspecto e drogado, que lhes propôs trocar uma tatuagem por um revólver.

¹⁰ Com esta categoria, eles designam esses tipos de tatuadores que ficaram com o ateliê na casa, e que continuam com um ambiente libertino, de excessos e de “brincadeira”.

Durante este interregno mantiveram um contato permanente com um cenário bastante particular das cidades, localizado no litoral: a praia. Eles iam tatuar na praia de Ferrugem¹¹, durante a época de verão, na pousada de um amigo, onde combinavam os trabalhos com a rede de amigos e conhecidos do lugar. Às vezes, também tatuavam à noite, num bar de outra pousada, onde montavam seu ateliê e trabalhavam até o amanhecer. A clientela, o ritmo de trabalho e o ambiente desse cenário são bastante diferentes dos da cidade. Ali eram procurados para trabalhos rápidos e pequenos, sendo que o cuidado que os clientes tinham com suas tatuagens era bastante precário. Apesar, de terem sido advertidos por Mano, que não deviam tomar sol nem banho de mar, porque era perigoso que se infectassem, e também que a qualidade da tatuagem se perderia, tais recomendações geralmente não eram seguidas e, em poucas horas de ter sido feito o trabalho, encontravam os clientes na praia “tomando banho e sol”.

A praia era um lugar de passeio, de veraneio, de diversão, do instante, da adrenalina, logo, a perspectiva da tatuagem não ia além de um ato conjuntural, ocasional, que não seguia o procedimento que geralmente tinha dentro do estúdio de tatuagem e inclusive no antigo ambiente doméstico.

O cenário da praia também foi deixado para trás, segundo Gesa, porque:

Mano não é só tatuador, ele é artista, então para ele não adianta desenhar na pele do cara que o cara ia detonar, ele quer levar a maquininha de Michelangelo dele, e quer fazer perfeito. Ele não quer uma tatuagem pequenina, na hora, pois na praia tem muito tribalzinho, florzinha, ondinha, e aqui não, aqui é onde a gente tem os trabalhos grandes.

Nessa explicação se evidencia um aspecto-chave para a compreensão da proposta que está implícita na configuração do estúdio Experience Art Tattoo, a busca da profissionalização da tatuagem com um sentido claramente artístico.

Decidiram, então, deslocar-se do edifício Dias Velho, na procura de outro tipo de público, e com a intenção de construir um cenário que se parecesse com seus ideais. Assim, em abril de 1998, instalaram-se na casa atual do Estúdio, localizada num lugar central da cidade: na esquina da avenida Rio Branco com Padre Roma,, local onde passaram por dois momentos diferenciados.

No primeiro momento, de 1998 a 2000, houve o funcionamento simultâneo,

¹¹ Localizada em Garopaba, ao sul do litoral catarinense.

dentro da casa, de um bar e do estúdio de tatuagem. A proposta do bar foi idéia de um amigo deles, que iniciou como sócio, e posteriormente se retirou do negócio. O

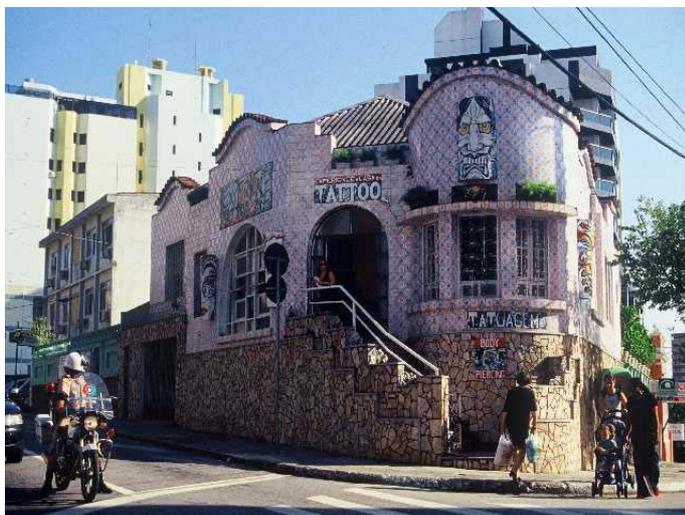


FOTO 1.2 – EXPERIENCE ART TATTOO – A LOJA
FONTE: CHRISTIANE OTT MAYER, 2002



FOTO 1.3 – QUANTA TATUAGEM NO ROSTO
FONTE: CHRISTIANE OTT MAYER, 2002

estilo da casa durante esse período era de um porte “psicodélico”, com paredes desenhadas e coloridas, vistosas e com movimento. Desse estilo permaneceu apenas uma pequena sala de estar, onde se reúnem hoje os amigos e pessoas próximas da loja.

Apesar do bar servir como uma vitrine para a loja de tatuagem, a proposta se esgotou rapidamente, devido a que os dois negócios (bar e estúdio) exigiam dos proprietários uma dedicação de tempo e um ritmo de trabalho demasiado forçado que lhes foi impossível manter.

Dessa época, é interessante ressaltar a “Biblioteca Alternativa”, que funcionava numa das salas da casa, onde foram reunidos vários livros para consulta - livros de arte e de história da tatuagem - que a qualquer hora podiam ser lidos, sem custo algum para os clientes, que apenas tinham que pegar uma cerveja no bar, sentar e ler. Mas tal idéia não teve o sucesso esperado, já que os livros começaram a desaparecer. Esse aspecto dá uma boa imagem do sentido que Mano e Gesa pretendiam imprimir à loja de tatuagem, além da busca comercial e artística,, procuravam um espaço cultural cujo eixo fosse a tatuagem.

O segundo momento, a fase atual da loja, inicia-se com o fechamento do bar e a proposta de converter o espaço da casa num ambiente exclusivo de e para a tatuagem. O espaço é então pensado a partir da nova fachada comercial e publicitária que a loja tem: um espaço *clean*, que transmite a idéia do ascético, esterilizado, clínico, higiênico, que tem como propósito apagar o preconceito social da tatuagem:

O ambiente mudou um pouco do ano passado e ainda vai mudar mais. A idéia é deixar a casa com um estilo assim clean, para o pessoal mais velho, para que o pessoal de uma classe social e cultural mais avantajada poder cortar essa história do preconceito da tattoo, parar com essa história que a tattoo é toda malucção, é toda pedreira. Eu quero passar visual de clínica. A idéia com esta casa é realmente fechá-la toda, deixá-la toda climatizada, fazer vitrinão nas janelas, a sala de tattoo vai ser cada vez mais branca, tanto móveis quanto paredes, pra que o cliente possa chegar no lugar e ele não precise perguntar: ‘Vocês trabalham com material descartável?’ Não cara, porque quando vai numa clínica particular tu não pergunta para a moça se a agulha com que vai tirar seu sangue é descartável...”

No seguinte quadro, uma síntese dos momentos passados durante a trajetória da construção do cenário atual da loja Experience Art Tattoo:

MOMENTO	CONTEXTO	CARACTERISTICAS
Inicial	Doméstico	Excessos
Transição 1 2	Dias Velho Bar e estúdio	Excessos matizados pelo profissionalismo
Atual	Loja especializada	Profissionalismo Assepsia “Idéia”

1.4.2 O NOVO CENÁRIO

Detrás da reconstrução do novo cenário da tatuagem é claro que se está na procura de ampliar a clientela, principalmente a proveniente das classes sociais médias e altas, que têm melhores condições para pagar o custo de um serviço cada vez mais sofisticado.

E, para atingir a esse novo perfil de clientes, estão tentando mudar a fachada social desta prática, recorrendo para isto ao que Goffman denomina de uma mudança de seu caráter abstrato:

Por mais especializada e singular que seja uma prática, sua fachada social, com algumas exceções tenderá a reivindicar fatos que podem ser igualmente reivindicados e defendidos por outras práticas algo diferente... Conquanto, de fato, estes padrões abstratos tenham um significado diferente em diferentes desempenhos de serviços, o observador é encorajado a realçar as semelhanças abstratas (GOFFMAN, 1985, p. 33).

De tal forma que, ainda que pareça estranho e até paradoxal, o cenário da tatuagem está inserindo, dentro de sua decoração, elementos típicos do ambiente clínico: as cores, o brilho, a austeridade, o chão do estúdio e a cadeira de tatuar. E acessórios como as luvas, as máscaras, etc, que recriam de uma forma abstrata esse entorno social, e que, como afirma Goffman, leva os clientes a fazer tal correlação. Assim o expressa um cliente da loja: “Antes não era assim, quando eu fiz minha primeira tatuagem era uma casa alugada na Lagoa, mas nada comparável com o que é hoje em dia. O ateliê é branco, parecido com um consultório de dentista” (ADRIANO, 2002).

Essa relação de semelhança, apesar de ser abstrata e geral, está carregada de significado porque está tentando introduzir para dentro da fachada da tatuagem algumas das características cênicas do ambiente clínico que o identificam e que produzem sensações de confiança, tranquilidade e segurança, em face do serviço que ali se oferece e que, para o caso da tatuagem, se converte num dos principais objetivos a atingir.

Em seu discurso também é muito clara a pretensão de mudar o *status* social do tatuador, não mais como um simples “marcador da pele”, mas como um

profissional e como um artista, com reconhecimento social, numa categoria que poderia ser a de “experto” ou “especialista” na matéria e como tal legitimado através de um cenário que é construído, desenhado e montado com tal propósito: os estúdios de tatuagem. Essa imagem contrasta fortemente com a que já foi mencionada a respeito do ambiente de transição, no qual se misturava a intimidade com o trabalho, mas também com aquela que identificava os tatuadores “amadores” como exóticos, localizados nas margens da sociedade.

Em síntese, está se investindo na subversão dos valores, do *status* e do lugar social e cultural que tem acompanhado essa prática no Ocidente em seus três componentes básicos: o tipo de usuário - de uma população marginal a todas as classes sociais -, o perfil do tatuador - de amador a profissional - e o caráter da tatuagem - de marca de estigma à obra artística.

Uma situação que é complexa porque se tem uma forte tradição de desprestígio e estigmatização diante da prática da tatuagem, que se torna evidente através de uma série de valores negativos, com os quais se relaciona, tais como: a sujeira, o podre, o perigoso, o proibido, ou o contaminado. No discurso de Gesa, é bastante transparente essa associação, assim como em muitos dos depoimentos recolhidos durante o trabalho de campo, pelo qual comecei a pensar na categoria cultural do “impuro”, como o lugar, onde é localizado simbolicamente a tatuagem.

Mesmo que Mary Douglas (1973), em seu livro ‘Pureza e Perigo’, desenvolva uma perspectiva direcionada a análise religiosa, considero que sua tese centre sobre a dicotomia de pureza e impureza, como ordenadores simbólicos da realidade, pode ser aplicada na compreensão do lugar dado à prática da tatuagem. De acordo com a autora:

“[...] ciertos valores morales se sostienen, y ciertas reglas sociales se definen, gracias a las creencias en el contagio peligroso... las creencias de contaminación pueden usarse en el diálogo de reivindicaciones y contra-reivindicaciones de una categoría social. ... las ideas de contaminación se relacionan con la vida social. Creo que algunas contaminaciones se emplean como analogías para expresar una visión general del orden social...” (DOUGLAS, 1973, p. 16).

A associação feita entre tatuagem e sujeira pode ser vista como uma forma de reagir socialmente ante uma situação considerada perigosa, provocadora de desordem e de gerar um tipo de “anormalidade”. Todavia qual é essa ordem ou

normalidade sobre a qual atenta a tatuagem? A normalidade do corpo, pois, ao fazer uma modificação ou marca definitiva nele, está incidindo sobre o que se considera como seu ideal: sua forma “natural”.

Alterar o corpo, portanto, é gerar um desequilíbrio na ordem das coisas. Uma ordem regida pelo pensamento religioso, de origem judaico-cristã, que concebe a modificação corporal como uma profanação do corpo e da imagem de Deus (FALK, 1995, p. 101). Portanto, a tatuagem, como ato antinatural, é enquadrada dentro da categoria do impuro, associada a todos os valores negativos que a mesma contém.

Tal concepção, em torno da “impureza da tatuagem”, está diretamente relacionada com o tipo de uso e o estilo de vida que historicamente têm sido parte dessa prática no mundo ocidental: nos limbos sociais, na marginalidade, na malandragem, na rebeldia, no exótico, no fora do convencional, nos excessos de estimulantes – de álcool e de todo tipo de drogas -, o qual delineia um perfil de desvio social e inclusive de doença mental¹².

Isso quer dizer que a tatuagem como prática social tinha se construído no âmbito do “impuro”, da profanação corporal, e enquanto respondia com tal objetivo, não tinha contradições com sua forma. Mas quando quer mudar de propósito,, quando perde sentido a auto-estigmatização corporal e/ou expressão da rebeldia social, através das marcas corporais, quando quer fugir do mundo marginal e aceder a um lugar de reconhecimento e legitimidade social, tal como é manifestado pelos novos atores, é produzida uma rica luta no terreno do simbólico para mudar este rosto e ganhar um novo espaço. Como me foi possível observar nas imagens anteriores, os dispositivos simbólicos postos em jogo são aqueles que se contrapõem ao modelo do “impuro”: a cor branca, os móveis, o instrumental e os acessórios de uma linha clínica, que dão a imagem do ascético, do higiênico, do esterilizado, do limpo, enfim, do “puro”.

Um fator que ajudou notoriamente a orientar essa nova fachada do cenário da tatuagem é o relacionado com a saúde, já que a manipulação do corpo e, em especial, do sangue, convertem-na num objeto de controle sanitário e de vigilância social. O lugar simbólico da tatuagem como “suja” não só se origina no fato de

¹² De acordo com Clinton Sanders muitas das definições de tatuadores e de tatudos dadas pela ‘comunidade científica são predominantemente negativas, inclusive como um sintoma de desvios psicológicos e sociais: “The wearing of tattoo has long been associated with criminality... Some psychological writers present the tattoo rather distinctly from the dominant view that it is resalted to the wearer’s pathology” (Sanders, 1987: 428)

atentar contra a “naturalidade do corpo”, mas também pela manipulação dessa substância – o sangue – que, na maioria das culturas, é relacionado como fonte de



FOTO 1.4 – TUDO BRANCO, CONSULTÓRIO OU ESTÚDIO DE TATTOO?
 FONTE: CHRISTIANE OTT MAYER, 2002

perigo e de contaminação. E, que na atualidade, além do sentido simbólico, está seriamente comprometido com o problema de contágio da AIDS, que faz acrescentar as medidas de higiene e de cuidado, não só para fugir do estigma, mas das conseqüências legais possíveis.

De acordo com Pierrat (2000), a generalização dos estúdios e da máquina elétrica melhorou as condições de higiene, embora, só mais recentemente ocorreram as regulamentações que fazem o controle e seguimento mais estrito na prática da tatuagem. No Brasil, o primeiro regimento foi expedido em 1992¹³, no qual se estipula uma série de medidas de funcionamento e de higiene básicas, tais como: o espaço regulamentar, chamado de “Gabinete de tatuagem”, os seus requisitos mínimos de funcionamento (tamanho, dimensões, instrumentos e material de uso, formas de higiene e de esterilização), o limite de idade para se tatuar, e os locais que são proibidos de tatuar (zonas cartilaginosa do corpo).

Esse regimento imprimiu não só medidas de controle higiênico, mas também um novo modelo de interação, de apresentação, de estatuto social para a tatuagem. Porém, todos os estúdios atuais de tatuagem compartilham um formato comum (espaço, instrumental, formas de controle da idade, etc) que responde às medidas já estipuladas.

¹³ Emitido pelo Centro de Vigilância Sanitária de São Paulo, Portaria CVS-13 de 7-8-92.

É interessante constatar que através da vigilância da saúde se chega a toda uma estrutura punitiva de controle e regimento público de uma prática que, em seus albores e através de sua história, esteve fora do “status quo” dentro de formas e cenários tipicamente marginais. Assim, no momento, em que se regulamenta, também se legitima, mas dentro de normas de jogo que colocam limites à estrutura e funcionamento dessa prática.

Como todos os estúdios de tatuagem atuais, a loja Experience tem uma linha de decoração básica que é no estilo *clean*, um estilo que paulatinamente se converteu na nova “fachada” da tatuagem e que, como afirma Goffman, faz parte do processo em que:

uma determinada fachada social tende a se tornar institucionalizada em termos das expectativas estereotipadas abstratas às quais dá lugar e tende a receber um sentido de estabilidade à parte das tarefas específicas que no momento são realizadas em seu nome (GOFFMAN, 1985, p. 34).

Esse estilo decorativo, no entanto, está misturado com os ícones típicos da tatuagem, suas imagens, seus desenhos, e os diferentes objetos representativos desta tradição. Isso dá como resultado uma bricolagem bastante particular e paradoxal, entre os símbolos “puros” do entorno clínico que estão sendo recriados, e os símbolos “rudes” que identificam a prática da tatuagem, como os rostos agressivos, as máscaras carnavalescas e as imagens hedonistas, eróticas e diabólicas.

Os citados símbolos potencializam o “exotismo” que acompanha essa prática e se transformam num importante fator de sedução para o público que se aproxima desse mercado em busca de algo “diferente” e “alternativo”. Dentro desse exotismo pensado e orientado para cativar os olhares, posso destacar os seguintes: a fachada externa da loja, que tem uma ludicidade bastante chamativa entre o estilo antigo da casa e o jogo de máscaras que a enfeitam, assim como a decoração das paredes com as imagens típicas da tattoo. Estão ali também alguns objetos e/ou bichos que aparentemente não estão relacionados diretamente com o contexto, mas que fazem parte dele de uma maneira bastante sugestiva, como: um vaso sanitário com plantas na entrada, um imenso boneco extraterrestre no balcão de atendimento e no salão interior, uma tarântula presa em um aquário.



FOTO 1.5 – CLÔ, DALI E O AQUÁRIO
 FONTE: CHRISTIANE OTT MAYER, 2002

De igual maneira, nesse contexto, estão presentes aqueles símbolos e imagens de um estilo de vida “rebelde” (contexto dos anos 60 e 70), tais como a maconha e os ídolos de rock, que fazem parte de uma esfera do não convencional, do relacionado com o mundo marginal. Não obstante em seus discursos, as pessoas que, ali, estão, expressem querer “parar com essa história que a tattoo é toda malucona”, de novo se encontrando dentro do cenário, essa mistura de elementos que refletem um mosaico de valores e de projetos em reconfiguração.

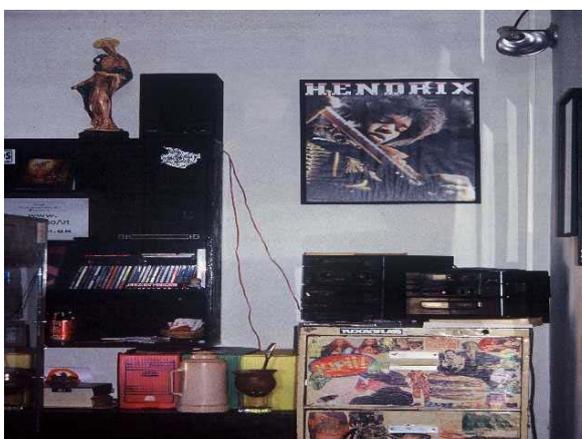


FOTO 1.6 – HENDRIX ATRÁS DO BALCÃO
 FONTE: CHRISTIANE OTT MAYER, 2002

O cenário da loja está configurado a partir desses elementos simbólicos, que cobram vida e significado através do estilo particular que Mano e Gesa lhe imprimem, que os caracteriza e os diferencia de outros estúdios, numa singularidade que está construída através do contraste. Assim, o lugar de vanguardistas que eles acreditam ocupar dentro do mundo da tatuagem está delimitado em função do

contraste entre a tendência “artística”,¹⁴ na qual se reconhecem e a “comercial”,¹⁵ com que, segundo eles se distanciam.

Embora a “tatuagem artística” seja um slogan de venda atual da tatuagem, a sua proposta vai mais além de um sentido meramente técnico de “uma boa qualidade da tatuagem” e incursiona no território da criação, quer dizer, no desenho, que é elaborado pelo tatuador a partir das idéias do cliente ou como um desenho livre de sua própria inspiração.



FOTO 1.7 – DALI NOS OBSERVA
 FONTE: CHRISTIANE OTT MAYER, 2002

Sem dúvida, a escolha do instigante rosto do pintor Salvador Dali, como ícone de identificação da loja (presente nas diferentes formas publicitárias, na roupa de atendimento, no próprio corpo do tatuador), é uma forma de simbolizar a busca do valor artístico na tatuagem.

De igual forma, a “perspectiva cultural” que eles também assumem ter, está presente em diferentes aspectos, como, por exemplo, no valor outorgado à história da tatuagem e, em particular, do mundo primitivo (têm várias fotos de indígenas tatuados pendurados na parede e a foto do cartão de apresentação da loja é uma jovem indígena tatuada), assim como na procura de uma “religiosidade alternativa”, próxima aos cultos orientais e que está presente numa das paredes da loja:

¹⁴ Esta é uma categoria usada reiteradamente por eles, com a qual fazem referência à tatuagem que, além de ter uma boa técnica, é o resultado de um trabalho de criação do tatuador.

¹⁵ Como tatuagem comercial, fazem referência àquela que se dedica fundamentalmente ao lucro, não importando a qualidade técnica nem artística, e cujos desenhos não são elaborados pelo tatuador, senão que são extraídos de catálogos, álbuns, ou qualquer outro meio visual onde as imagens já estão prontas para ser tatuadas.

Esse aí é meu altar, como eu comprei aquele Budário, e tinha aqueles meus cartõezinhos, nossa, aquele é fruto de dez anos procurando, daí eu mandei enquadrar, achou que ficou bem *show* aquela parede, mas, esse lado indiano tem praticamente todos os estúdios que trabalham a *tattoo* de uma forma assim não só mais artística, mas também a *tattoo* de numa forma mais cultural.

No que diz respeito à exibição da tatuagem, dos desenhos e dos motivos que servem de pesquisa aos clientes, vários meios estão disponíveis na loja, entre os quais os mais usados são os catálogos. Também têm álbuns com fotografias das tatuagens feitas por Mano, de diferentes estilos, tamanhos e desenhos. E, como uma reminiscência das antigas formas de promoção da tatuagem, que guarda um significativo efeito psicológico e emotivo, o próprio corpo, neste caso da pessoa que faz o atendimento, que mostra as tatuagens feitas por Mano, em seu corpo, como um testemunho vivo do trabalho do tatuador.

Para finalizar, vou retomar uma passagem de meu diário de campo, onde recolho as imagens e as impressões tidas num percurso pelo cenário da loja:

A primeira sensação que se tem com esta loja é de exotismo: uma casa antiga de estilo português, localizada numa moderna e movimentada esquina da cidade, que tem em sua fachada umas enormes máscaras lúdicas, expressivas, agressivas, de um estilo primitivo, que convidam à tatuagem, logo, uma entrada, decorada com alguns elementos orientais e um vaso sanitário com plantas, entramos no local, e achamos a primeira sala que se apresenta aos nossos sentidos com uma ampla gama de estímulos visuais, ícones e imagens misturadas, carregadas de significados que de início são difíceis de decifrar. Dentre as imagens, as que mais causam impacto, para os neófitos na matéria, são as fotos de rostos totalmente tatuados.

Num canto, está o balcão de atendimento, onde se acha a vitrine dos piercings, o equipamento de som, a imagem de Jimmy Hendrix, um cartaz alusivo à Cannabis e um boneco verde inflado que parece um extraterrestre. Sobre a mesa um jogo de xadrez e algumas revistas e álbuns de tatuagem. No atendimento, uma moça de sorriso à flor de pele, cabelos compridos, vestida de jeans e camiseta branca na que tinha impresso o rosto de Dali. De seu lado, um moço vistosamente tatuado nas costas e nos braços, que é o encarregado de colocar os piercing.

No meio da sala, uma mesinha que contém os catálogos de diferentes estilos de tatuagem, com banquinhos altos para olhar e intercambiar impressões, onde se vê vários jovens olhando e comentando emotivamente.

Encostadas nas paredes outras cadeiras mais cômodas para socializar ou esperar, como seja o caso. A decoração então se

mistura no branco das paredes e do chão com um altar de santos Hindus, um quadro surrealista feito pelo tatuador, e desenhos de tatuagens enquadrados e pendurados nas paredes.

Comunicado com essa sala se acha o estúdio de tatuagem, que ressalta por sua brancura, pelos instrumentais e móveis clínicos, com a austeridade de objetos que projeta uma imagem tipicamente clean. Na cadeira móvel se divisa o tatuador, com máscara cirúrgica e luvas, com um ar de familiaridade, dialogando e tatuando um jovem. Do lado está a sala de esterilização, com o instrumental e o acondicionamento requerido pela legislação. No fundo uma pequena sala de estar, mais íntimo, que preserva o estilo psicodélico nas paredes: pintura de vários cores e com movimento, além de uma das excentricidades do lugar: uma tarântula presa, carinhosamente chamada: Clô.

Saindo da sala principal se encontram duas salas mais, onde está um estúdio alternativo usado para tatuadores convidados, e perto da porta, a sala de piercing.

1.5 CONTEXTOS, COMPARAÇÃO E SÍNTESE

Como síntese do capítulo, realizei um quadro comparativo dos diferentes contextos da tatuagem que foram vistos e que permitem visualizar as particularidades do contexto atual.

Contexto sócio-cultural	Tatuador	Usuários	Recursos e cenário	Identificados pelos sujeitos como:
Navegação– Descobertas Europa (século XXVIII)	Povos indígenas das Ilhas do Pacífico	Navegantes: Marinheiros e Capitães	Saber exótico Corpo dos navegantes como tela de exibição	O exótico
Marginalidade (fins do século XIX e começo do XX)	“Amadores” trabalha por trocas	Presidiários Meretrizes Soldados	Saber de bricolagem Técnica rudimentar (manual) Itinerância	O marginal A criminalidade
Revolução tecnológica Centro de difusão: Centros urbanos, e Estados Unidos (começo do século XX)	Tatuador Moderno Profissional	Urbano, cosmopolita	Saber técnico Máquina elétrica Nascimento dos estúdios modernos	O tecnológico
Rebeldia juvenil Tribos Urbanas (anos 60 e 70)	↓	Tribos urbanas Hell’s Angel Rockeros Punks Skin heads	↓	A transgressão A droga
Sociedade contemporânea Neotribalismo (Década do 80 à atualidade)	Tatuador contemporâneo Profissional Artista	Diferentes tipos, multifacetadas	Saber técnico Saber artístico (desenhar) Assepsia Material descartável Catálogos, álbuns, revistas especializadas Lojas contemporâneas	A estética Individualidade Sociedade inclusiva

2 TATUAR E SER TATUADO

Para compreender a natureza da prática atual de tatuagem, neste capítulo vou desenvolver um aspecto que considero fundamental porque focaliza a ação que está implícita nessa prática: o ato de tatuar e ser tatuado como um movimento em dois sentidos, do tatuador para os tatuados e desses para o tatuador.

Tatuar-se, nesse sentido, perderia a noção de adquirir uma mera **marca na pele**, como um assunto exclusivamente comercial e individual, e passaria a denotar todo o processo, ações, vivências, experiências e contatos interpessoais que constituem e dão sentidos a tal ato.

Com este propósito vou me apoiar na perspectiva teórica de Goffman (1985), que desenvolve um importante modelo de interpretação da vida social em sua dimensão-micro do instante, do interagir pessoal e dos encontros cara a cara, mostrando que o mundo social é uma construção interativa e constante, que se renova e se alimenta de cada encontro e de cada nova situação social.

Uma dinâmica que se fundamenta nos encontros interpessoais, que apesar de parecer “simples, comum e corriqueira”, demonstra uma: “[...] influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença imediata dos outros” (GOFFMAN, 1985, p. 23).

Portanto, a interação se dimensiona dentro de um âmbito de interferências mútuas que determina a ação social e define o curso dos acontecimentos, pelo qual, seguindo essa linha de pensamento, ser tatuado é o resultado, o fato final de um processo de interações e de influências recíprocas que traz implícito um universo de “negociações”. No qual é fundamental o reconhecimento do “desempenho” dos atores envolvidos que, de acordo com o conceito de interação, estará gerando influências uns para os outros. Tais desempenhos constituem uma rica fonte de informações sobre os recursos expressivos, mecanismos, sentimentos, idéias, valores, interesses, etc., que se mobilizam para seduzir o outro.

Essa busca está direcionada em desvelar tais desempenhos que formam, dentro do contexto atual da prática da tatuagem, uma forma típica ou reconhecível de interação, configurada através de uma linguagem comum, de interesses comuns e de recursos expressivos à disposição e que se colocam em jogo dentro desse ambiente social.

Além do foco conceitual da interação, vou me basear na noção de *experiência*, entendendo-a como aquele momento, ou vivência, através do qual os sujeitos que dele fazem parte estão sendo formados e transformados no mundo social e no que, segundo Turner, envolve-o: “The whole human vital repertoire of thinking, willing, desiring, and feeling, subtly and varyingly interpenetrating on many levels” (TURNER, 1986, p. 35).

Neste sentido, se veria a prática da tatuagem como um tecido que se forma no jogo das interações, nas influências interpessoais, na desenvoltura dos recursos expressivos, nas experiências que têm lugar dentro desse contexto. Fatores que, em conjunto, moldam o sujeito que se tatua.

Com base nessa perspectiva, vou abordar os momentos mais relevantes da interação que tem a pessoa, durante o processo de tatuar-se, desde sua aproximação da loja até o momento da aplicação da tatuagem.

2.1 A LOJA E A POLÍTICA DE ENCANTAMENTO

A primeira fase do processo de se tatuar inclui uma decisão muito importante que envolve a seleção da loja de tatuagem, a aproximação desse estabelecimento, o contato com o pessoal do atendimento, a preparação necessária para a realização da tatuagem e o início de uma relação com o tatuador.

Assim, escolher uma loja, não é uma decisão tão simples, devido ao grande receio das possibilidades de contágios de doenças por vias sanguíneas (AIDS), e também em relação à forma de trabalho do tatuador, do qual se espera cuidado, não provoque muita dor e realize um bom desenho¹⁶.

Ante tais exigências e tendo em conta o histórico de preconceitos, as lojas desenvolvem uma política de venda e atração do cliente que tenta apontar para dois aspectos: a saúde, enfatizando a esterilização e os materiais descartáveis e a qualidade artística.

¹⁶ Esta preocupação da escolha da loja e do tatuador é mostrada em vários estudos consultados, em especial nos de Sanders (1988) e de Le Breton (2002), que explicam as prevenções, os medos existentes e os critérios de escolha em que se baseiam as pessoas que estão procurando um lugar para se tatuar. Entre os quais, tal como detectei nesta pesquisa, estão os de higiene e de qualidade artística do trabalho.

Apesar de haver uma conduta generalizada em todas as formas de venda e publicidade das lojas atuais, também, encontram-se particularidades. Esse é o caso da loja *Experience Art Tattoo*, que em relação ao contexto de Florianópolis, destaca-se pelo valor dado aos aspectos atrativos para os clientes, sugerindo a caracterização da primeira fase do processo como **política de encantamento**. Essa política pode ser percebida em dois momentos: o primeiro relaciona-se com o impacto visual do ambiente, e o segundo com o processo de atendimento.

É notório o investimento em adequação e montagem da fachada, feito pelos proprietários para tentar um impacto positivo nos clientes e curiosos, que passam próximos à casa de tatuagem, com uma apresentação chamativa, que os convida a entrar, ao menos, para conhecer seu interior. Como apresentei no capítulo anterior, há uma cuidadosa montagem cênica, onde se sobressaem a decoração estético-exótica, a depuração de estilo *clean* (tentando passar uma imagem clínica de limpeza e assepsia) e a disposição de espaço e mobiliário que procura gerar uma sensação de comodidade. Um impacto que é pensado e calculado pelos proprietários: “Deixamos que as pessoas fiquem na sua. Deixamos que fiquem à vontade. Tentamos passar para eles, através de nossa casa, que podem chegar aqui e se sentir bem, que podem fazer, com tranquilidade, um trabalho aqui” (GESA).

A respeito do processo de atendimento, é realmente singular a proposta da loja *Experience Art Tattoo*, pois, diferente de outras visitadas¹⁷, faz um importante investimento nesse campo, a ponto de ter uma pessoa dedicada à atenção do público. Mas não é uma atenção em termos de informação, é uma política de atendimento que está pensando o ato de tatuar-se, que está pensando no cliente e que por meio desse contato inicial prepara o espaço de interação com o tatuador. Assim, Gesa, a pessoa que desempenha essa tarefa, descreve seu papel na loja da seguinte forma:

Eu trabalho em dois campos: a esterilização e a parte das relações com os clientes. Faço o primeiro contato com eles, porque às vezes o primeiro contato da pessoa com o tatuador pode ser assustador, então *eu trabalho o lado psicológico*, converso com eles, os ajudo a se decidir.

¹⁷ Outras lojas visitadas, durante o trabalho de campo, tais como: o Studo Espada Tattoo ou o Studio Pirata, localizadas no centro da cidade, não contam com uma pessoa que cumpra tal tarefa, existindo na recepção um/a encarregado/a que só marca consultas com o tatuador.

O interessante é que essa relação, partindo de uma transação comercial, converte-se em um interessante momento de interação, no qual, como diz Gesa, “se toca o lado psicológico da pessoa”, transita uma intimidade, e se desenvolve um contato em termos afetivos que, no meu parecer, dão importantes pistas para entender o significado e a construção que existem atrás do ato de se tatuar. Por isso, na primeira parte deste capítulo, vou desenvolver a fase inicial do contato, tendo como foco de análise o papel que cumpre Gesa neste jogo de interação e de sedução do cliente.

Como é possível observar, esta análise é vista a partir da ótica da loja, portanto é importante realizar algumas considerações a respeito da efetividade dessa política de encantamento. A primeira, que, de acordo com as estatísticas registradas na loja¹⁸, existe um movimento anual estável, o qual pode ser tomado como um indicativo importante de sua efetividade. A segunda, que meu contato e observação do lugar me permitiram detectar uma significativa acolhida por parte dos clientes. O seguinte é um testemunho de impressões geradas numa pessoa que entrou por primeira vez neste cenário:

- Qual foi tua impressão da loja?

Eu gostei muito da loja, achei muito bonita a decoração e tudo bem original. Achei boa a disposição das pastas dos desenhos para escolher tatuagens, bem expostas, fáceis para ver. As pessoas que trabalham na loja me pareceram muito profissionais, muito competentes. Passaram muita segurança, deram bastante atenção, conversaram bastante, tiraram todas as dúvidas. Um pessoal bem paciente. A sala de fazer tatuagem foi um lugar que me surpreendeu, achei um lugar extremamente limpo, tudo branco, são detalhes que dão segurança. Na minha visão clinica, acho que isso contou bastante. Eu fiquei surpreendida, ela mostrou mais do que eu esperava (CAMILA)¹⁹.

2.1.1 APROXIMAÇÃO DA LOJA

São várias as formas de chegar à loja de tatuagem. Numa primeira categoria,

¹⁸ Ver gráfico 1: Distribuição das Pessoas Tatuadas por Sexo (%), e no anexo, a tabela 1, onde está registrado o número de clientes atendidos na loja desde o ano de 1996 ao de 2002.

¹⁹ Camila é fisioterapeuta e procurou a loja para maiores informações.

poderia incluir aqueles clientes que não têm informação prévia sobre o lugar. Eles se aproximam por diversos motivos: por curiosidade, porque a casa é chamativa, ou, o mais comum, porque estão procurando uma loja para fazer uma tatuagem.

A atitude dessas pessoas é de exploração, de observação, de deslumbramento com o cenário, sua decoração, o jogo de imagens e estímulos visuais que encontram e com o ambiente que ali se sente. As pessoas se detêm no primeiro espaço oferecido pela loja: a sala de atendimento, e principalmente na mesa de catálogos, que convida a entrar de maneira mais ativa e de certa forma protegida no cenário. Observam os desenhos, passam as folhas do catálogo e, entre um olhar e outro, param para detalhar o cenário e o movimento que ali se desenvolve.



FOTO 2.1 - PRIMEIRO MOMENTO: OS CATÁLOGOS
FONTE: CHRISTIANE OTT MAYER (2002)

É interessante observar que a mesa de catálogos opera como a primeira mediadora da interação, servindo como recurso para o ingresso do neófito ao ambiente, possibilitando-lhe tempo para que se adapte, familiarize-se e sinta a necessária proteção que o prepara para o jogo de exigências que implicam os encontros cara a cara²⁰.

20 A informação que a pessoa vai recolhendo sobre o ambiente é essencial para o relacionamento interpessoal, tal como anota Goffman (1985, p. 19), “[...] podemos apreciar a importância capital da informação que o indivíduo inicialmente possui ou adquire a respeito dos companheiros participantes, já que é com base nesta informação inicial que o indivíduo começa a definir a situação e a planejar linhas de ação, em resposta”.

Mas, apesar de ser esse o caminho, geralmente, seguido no início do contato, as atitudes variam de maneira considerável de acordo com as idades e os tipos de acompanhantes. Se podem anotar, então, as seguintes tendências: os mais novos, que geralmente chegam em grupo formado por jovens de um mesmo sexo, motivados pela curiosidade e cujo comportamento é bastante notório (falam alto, riem); os que chegam com um único acompanhante, amigo/a ou geralmente o/a namorado/a, caracterizam-se por manter uma atitude de alta cumplicidade entre si, e os que entram sozinhos na loja, grupo minoritário, usualmente constituído por pessoas não tão jovens, na sua maioria, homens interessados em projetos de tatuagens específicos. A seguinte passagem descreve uma situação do último tipo:

Chegou um homem à loja e se localizou na mesa de catálogos. Observei-o por um bom tempo. Ele passava as folhas do catálogo e parecia bastante atento ao que fazia. Decidi aproximar-me e falar com ele. Me contou ter 28 anos, ser professor de educação física numa cidade do interior e que constantemente viaja à Florianópolis, onde mora perto da loja, onde entrou porque estava interessado em tatuar um escorpião no abdome, pois gosta dos insetos e tem uma aranha tatuada nas costas (DIÁRIO DE CAMPO) .

Uma segunda categoria de clientes é formada por aqueles que, apesar de também novos no ambiente, chegam por meio de conhecidos ou amigos da loja. Segundo os proprietários, é a forma de entrar em contato com o estúdio mais comum, e na que eles –os donos- se sentem mais a vontade, pois estas pessoas se aproximam com uma alguma noção do trabalho e da trajetória que o lugar tem, situação que facilita o relacionamento.

Este é um elemento importante na dinâmica de funcionamento do meio: a rede de amigos e conhecidos dos proprietários da loja atua como um importante canal de difusão e de reconhecimento social do tatuador e de seu estúdio. Assim, esse tipo de cliente se aproxima de outra maneira, não precisando de ambientação com o espaço; geralmente, entram em contato direto com as pessoas do atendimento e estabelecem rapidamente um diálogo sobre os interesses que os fizeram vir ao lugar, mediando sempre as referências e os pontos que têm em comum.

Algumas vezes, os clientes chegam sozinhos à loja, por meio de referências dadas por um terceiro, mas, na maioria das ocasiões, são acompanhados pelo

intermediário na relação. Nessas situações, o ato de percorrer e reconhecer o cenário é orientado pelo intermediário que transmite as informações do lugar, gerando-se um tipo de apropriação que está condicionado pelo olhar desse “guia”. Essa situação é a que se indica na foto seguinte, em que o moço parado detrás da cena, antigo cliente da loja, está postado numa clara atitude de indicação a duas amigas, que nesse dia levou à loja:



FOTO 2.2 - VISITANTE COM SUAS AMIGAS
FONTE: CRISTHIANE OTT MAYER(2003)

Por último, encontra-se a categoria de conhecidos, antigos clientes e amigos próximos da loja, que se aproximam com um claro ar de familiaridade e chegam diretamente ao balcão de atendimento, cumprimentando a todos os conhecidos que estão ali no momento. Localizam-se de uma maneira bastante familiarizada no cenário, principalmente, nas cadeiras do balcão ou nos sofás da sala, onde dialogam animadamente com o pessoal do atendimento e com as outras pessoas amigas do lugar. Outros se acercam do estúdio de Mano, cumprimentam-no e ficam um momento com ele. Ou simplesmente ficam conversando entre eles em diferentes cantos da casa, como nas escadas, no pórtico ou perto da mesa de catálogos.

2.1.2 O PRIMEIRO CONTATO

Ao passar o momento inicial de ambientação, quando geralmente ambas as partes têm uma informação básica uma da outra, o cliente do cenário e dos atores principais, e o pessoal da loja do perfil da pessoa a ser atendida, inicia-se o primeiro contato interpessoal.

É importante salientar que não é só o cliente que se encontra ante uma situação nova, também o pessoal da loja está ante um novo caso de atendimento e,

neste sentido, esse contato inicial pode ser visto como um desafio mútuo. Tal como comenta Gesa: “[...] na maioria dos casos os clientes nos procuram, mas quando estão muito demorados ou têm dificuldades para se expressar, nós chegamos a eles”. É claro, então, que em ambos exista a preocupação, seja consciente ou inconsciente, de encontrar uma forma para aproximar-se.

Após essa aproximação, dá-se início a uma interação entre as partes, na qual se põe em jogo a proposta do estúdio diante dos diversos interesses dos clientes. É, neste momento, que se evidenciam as intencionalidades: o pessoal do estúdio fazendo o necessário para seduzi-los, e os clientes na busca de satisfazer seu desejo e imaginário.



FOTO 2.3 - A POLÍTICA DE ENCANTAMENTO DE GESA
FONTE: CRISTHIANE OTT MAYER (2003)

Nessas ocasiões, o discurso de Gesa é incisivo ao tentar ressaltar as qualidades profissionais e artísticas do tatuador, os equipamentos profissionais que ele usa, a higiene e esterilização do material que ele utiliza, a experiência e o reconhecimento que têm o seu estúdio e a fidelidade de sua clientela. Todos esses elementos estão claramente direcionados para ganhar legitimidade e autoridade diante do outro.

No seguinte episódio, aponto como se desenvolve esse tipo de situação:

Estávamos falando no balcão com Gesa quando chegaram três garotos entre 17 e 20 anos: um moreno, um loiro alto que era o mais interessado - *acho que por ele foram levados à loja* - e um loiro baixo, o mais calado. A atitude deles foi bastante interessante, entravam pela primeira vez na loja, mas demonstravam segurança.

Não se detiveram na mesa dos catálogos e continuaram adentrando o recinto até a porta do estúdio de tatuagem onde Mano estava trabalhando. O moreno comenta para seus amigos: 'Olha como faz o cara, é um selvagem, parece da Idade Média', e Gesa responde, como se o comentário fosse dirigido à ela: 'Mas, se é o contrário, ele é muito cuidadoso em seus trabalhos'. Logo depois, o loiro alto, o mais interessado, se aproxima e pergunta para Gesa: 'Se pode falar com o tatuador?' 'Sim, mas eu também posso te orientar, pois ele está muito ocupado. O procedimento é assim: você faz uma consulta que tem um custo de 50 reais, ele desenha em tua pele e você decide quando fazer. Tem um período de um ano de espera e esse dinheiro se desconta do valor total da tatuagem'. É interessante a intervenção de Gesa nesse momento vendendo o produto: a tatuagem, o profissionalismo, as virtudes da loja, a esterilização, o cuidado, etc; tudo o que poderíamos denominar como o discurso de 'encantamento', de sedução do cliente. Mas, apesar de que este seja o formato da apresentação, ele se coloca a prova com cada novo cliente com seu estilo próprio, com suas exigências individuais. Nesse caso específico, quero anotar tais particularidades: todos tinham uma atitude de incredibilidade e desconhecimento do lugar, além de bastante arrogância, e Gesa teve que colocar com maior ênfase as qualidades da loja, reiterar aspectos que em outras ocasiões não tinha escutado fazer com outros usuários. Entre outras coisas, ela disse que a maioria de pessoas que chegam à loja é por recomendação de outros clientes que já sabem da qualidade do lugar, e no meio de seu discurso ia mostrando as fotos dos trabalhos de Mano, aclarando que não eram fotos profissionais e portanto se perdem muitos dos seus acabamentos. Depois um deles olha as tatuagens dela, em especial a do braço, que é mais visível, e então ela aproveita para mostrá-la em detalhe, ressaltando que foram feitas por Mano, e que já tinha concorrido numa Convenção de Tatuagem - *a de Porto Alegre realizada no ano de 1996-*, e que ganhou o segundo lugar, logo, para reafirmar 'ao vivo' os trabalhos de Mano, chama a Fabrício, um amigo da loja, e lhe pede que mostre as tatuagens que ele têm e que foram feitas por Mano. Assim, o loiro, que se mostrava mais interessado, se solta e diz que ele quer fechar sua perna com a inscrição de uns ideogramas chineses. Gesa lhe corrige e diz que isso não é 'fechar', e sim fazer uma tatuagem comprida. Ele pergunta o preço e lhe repetem o procedimento da consulta, mas, dão um preço estimativo de 300 reais. Nesse momento, o moreno, que é o mais incrédulo, olha uma foto e emocionado diz: 'Olha que traço fino e bom' - *acho que finalmente se interessam pelo lugar e começam a mudar sua atitude preventiva*. Por último, em outro clima, se despedem e levam o cartão da loja (Diário de campo, 2003).

Esse episódio reflete muito bem o ir e o voltar das intencionalidades, o discurso que vende e as solicitações que são colocadas pelo cliente. O que demonstra que o ato de tatuar-se está atravessado por um significativo processo de pequenas negociações que vão conduzindo da intenção à realidade.

2.1.3 CAPTURANDO AS IDÉIAS

Depois que a pessoa decide se tatuar na loja, momento em que intervém uma série de elementos, como a credibilidade no lugar, a confiança e a proximidade com as pessoas que ali atendem, inicia-se outra importante fase: a concreção das idéias que servirão de guia para a concretização da tatuagem.

As idéias da pessoa, ou as “idéias da tatuagem”, como é comumente dito por eles, é uma categoria nativa, usada por todos os atores do meio, tanto pelo tatuador e pessoas do atendimento como pelos clientes. Quando quis entender em detalhe no que isso consistia, não obtive uma definição em termos precisos, mas, sim, um significado compartilhado, que é o seguinte: é tudo o que diz respeito ao “psicológico da pessoa”, seu mundo interno e gostos. Em síntese, aquilo que a identifica e precisa sair para se concretizar em uma forma visual: a tatuagem.

Como se pode observar, as idéias constituem o insumo básico que se precisa para começar o trabalho de tatuagem, portanto, é necessário explicitá-las. Aparentemente é uma questão simples, a pessoa diz seu desejo e a tatuagem é efetuada, mas na realidade isto não funciona assim, o que sucede, de acordo com Gesa, é que a maioria das pessoas não tem claras essas idéias, não sabem se querem se tatuar:

Tem gente que vem com a idéia, com a vontade, com a coragem, com tudo junto. É só marcar, sentar e fazer, mas são pouquíssimos os casos que são assim. A maioria acha que vem com uma idéia, jurando que quer aquilo, mas na hora que tu começa a trabalhar aquela imagem, tudo muda. Até esse presente momento ela queria isso ali, mas no estudo começa a duvidar, mas isso foi fulano de tal que me indicou, eu não queria isso assim. Ai é onde tu te toca: ou a pessoa está com medo, está insegura, ou ela realmente não sabe o que quer. Ai tu começa a trabalhar com ela em torno disso, se tu chega a conclusão que não era isso o que ela queria, tu aborta a missão. Tipo: tu não marcas horário com ela para tatuar, vai marcar uma consulta com ela para criar, para começar a trabalhar em cima da idéia da pessoa [...].

A ausência de clareza, ou melhor, um desejo sem concretização é o que propicia o começo de uma interação mais próxima entre o cliente e Gesa, que cumpre um papel bastante relevante, pois, como ela mesma diz, ajuda a:

[...] *tirar as idéias da cabeça do cliente*, esse é meu filme. Vender a *tattoo*, mas vender o que a pessoa não está vendo. Como é que tu faz? Só pode ser de duas formas: tendo alguém que venda o invisível e sabendo que tem alguém que cria aquilo que ela está vendo dentro de sua cabeça.

Esta é uma frase bastante ilustrativa: tirar as idéias da cabeça do cliente, uma tarefa que leva implícita uma série de elementos bastante significativos. De um lado, que a pessoa abre seu mundo, de outro lado, o fato de penetrar em um universo alheio e interno. Isso implica, de entrada, no início de uma relação mais íntima e próxima, que possibilite a leitura subjetiva empreendida por Gesa.

Quando Gesa diz, “aí tu começa a trabalhar com ela em torno disso”, está implícito que se inicia um processo, um começar a trabalhar, a explorar, a buscar, a identificar o que realmente quer a pessoa. Um processo que não se faz na hora, que implica em uma dinâmica, uma temporalidade, mais encontros, ou seja, uma interação que se aprofunda e se estende (no tempo).

Um processo que se fundamenta na leitura subjetiva que Gesa faz da pessoa, através da qual tenta reconhecer dois aspectos-chave: um, a segurança que realmente a pessoa tem diante da decisão de tatuar-se, o que, segundo suas palavras, é fundamental. Sem essa segurança, é preferível “abortar” o processo e iniciar o “trabalho de busca”. O outro, a identificação da pessoa com a idéia, ou seja, que a idéia realmente represente seu mundo interno.

A leitura se inicia com a observação, pois, como já havia assinalado anteriormente, o contato preliminar e a aproximação se fundamentam na observação e na identificação mútua que existe entre os clientes e o pessoal da loja. Pois bem, a impressão a respeito da pessoa se converte no ponto de partida para construir sua imagem significativa. Depois, obviamente, o diálogo, o contato interpessoal, oferece informação substancial, com base na qual Gesa elabora uma caracterização e dá a respectiva orientação. Na seguinte passagem, apresento como se sucede esta interpretação:

Eu trabalho assim, chega uma pessoa dizendo: ‘Eu quero me tatuar’, então eu falo: ‘Quer tatuar o quê meu amigo? Porquê tu viu numa revista? Porquê teus amigos têm? Ou porquê realmente tu quer tatuar?’ E a partir do momento que consigo arrancar o que faz dele querer tatuar, é que eu sei para que lado é que eu vou correr com a pessoa. Eu sei se é uma pessoa da moda que quer um detalhe no corpo, ou se ela realmente tem alma de tatuado. Tu tenta descobrir o que ela quer, porque ela está tomando uma opção e então tu tem

que trabalhar com a pessoa. Tem pessoa que demora meses para escolher um desenho. É que na verdade ela não sabe se quer tatuar, ai tem que ter paciência com a pessoa, porque tu tem que ter consciência, como tatuador, que tu estas vendendo um produto, mas que é um produto que vai por dentro da pele da pessoa, que ela vai pagar caro e que ela vai sentir dor [...].

A orientação de Gesa está, então, ajustada à leitura subjetiva que faz da pessoa e que vai se desenvolvendo através da interação que ocorre na ocasião propícia, que varia de acordo com diferentes circunstâncias, tal como assinala: “tem pessoas que demoram meses”. Outras demoram, menos tempo, mas o certo é que se estabeleça uma relação que gire em torno das preocupações e do mundo interno da pessoa. Essa relação se inicia com Gesa, continua com o tatuador, com quem finalmente se definem e concretizam as idéias.

Na seguinte passagem do meu diário de campo, é possível apreciar um desses momentos em que se produz a interação em torno das idéias da pessoa:

Estava no balcão de atendimento quando chegou um casal bastante jovem procurando uns desenhos para se tatuar. Ele queria um dinossauro que tinha visto na internet e trouxe uma cópia, ela não sabia o que queria, então estavam pesquisando nos catálogos. Ele fazia sugestões, ela continuava olhando, até que se aproximou Gesa. Falaram do que tinha visto. Gesa lhes pergunta quais eram suas idéias iniciais. Ela comenta que gostava do coração, que sempre gostou desse desenho. Então, começaram a estudar o local, ela disse que gostaria no braço. Aí, o marido deu sua opinião, e novamente se voltaram sobre o desenho. Ela não estava muito segura, Gesa lhe pergunta porque tinha pensado no coração. Ela disse que lhe parecia romântico, então Gesa começa a contar a história de suas tatuagens enquanto as vai mostrando. Ela se entusiasma e pergunta sobre os procedimentos, sobre os detalhes das tatuagens. Falam de locais, da dor, e voltam a olhar nos catálogos alguns desenhos. Ela continua pensando no coração, só que não parece conformar-se com esta opção. Continuam falando, já de temas vários e informais, da próxima formatura de seu marido, que era a razão de fazer as tatuagens. Começam a pensar em outras opções, ela disse que não gosta das flores nem dos tribais que atualmente se usam. Gesa disse que sim, que por seu estilo não parece gostar da tatuagem de moda, que o fato de ter pensado no braço já a coloca noutra visão, que seguramente ela não quer um desenho muito pequeno. Ela disse que não sabe e depois de continuar falando sem chegar a uma idéia concreta, Gesa lhe sugere que o melhor seria fazer uma consulta com o tatuador para analisar em detalhe a proposta...

Esse processo gira em torno da relação entre idéia e imagem, ou seja, entre o relacionamento de uma idéia própria e uma imagem que a represente, portanto o

problema não se radica na mesma imagem, nem em seu conteúdo particular, senão naquilo que ela é capaz de dizer do sujeito, aquilo que traz de sua interioridade. Por isso, Gesa afirma: “na hora que tu começa a trabalhar aquela imagem, tudo muda. Até o presente momento, ela queria isso ali, mas no estudo começa a duvidar, mas isso foi fulano de tal que me indicou, eu não queria isso assim...”. Neste sentido, pode-se dizer que a imagem (como representação da idéia) é mais um pretexto que um fim em si mesma, é um pretexto que mobiliza um ato subjetivo.

Assim, quando os clientes começam a “trabalhar em torno da idéia da pessoa”, tentando achar a imagem que realmente se adequa com o seu “querer”, é uma passagem que vai além de um problema de tradução de códigos, embora seja indiscutível que o próprio cliente coloque sua parte - sua motivação, e o pessoal da loja coloque a sua - o conhecimento técnico. Há no meio deste trânsito uma interação que se debate no terreno do afetivo, interesses pessoais, gostos, buscas, reconhecimento, identidade, sendo isso absolutamente claro para Gesa, quando afirma que: “trabalho o lado psicológico da pessoa”, e que só à medida que esse lado consegue sair, ele se torna susceptível de ser representado através de uma imagem. Poder-se-ia dizer, então, que este é um exercício de interpretação, no qual se tenta atingir o outro, a sua intimidade, fazendo-a visível através da iconografia da tatuagem.

2.2 A RELAÇÃO COM O TATUADOR

O papel que cumpre o pessoal de atendimento já foi analisado, e, em particular, Gesa, ao ajudar a concretizar as idéias e a orientar um caminho, sobretudo, para os clientes novos ou inseguros. Mas, é definitivamente no contato com o tatuador que se determina a tatuagem, sua forma final, seus detalhes, sua localização certa e seu tamanho.

O contato com o tatuador é crucial, com ele começa a se materializar um projeto pessoal que, por mais impulsivo ou repentino que pareça, não deixa de ter toda a aura de intimidade que inclui o lado psicológico, o imaginário, a pele, o sangue, a dor, enfim, tudo o que implica em interferência no corpo.

Desse modo, ainda que seja uma relação mediada pela atividade comercial, é uma relação que está demarcada pela simpatia entre as partes, tal como o sinaliza Le Breton (2002, p. 90): “Les relations avec professionnel participent du seul registre

d'une relation commerciale teintée de sympathie [...] La générosité, la qualité de présence, la disponibilité, l'écoute sont unanimement saluées et nourrissent la réputation du professionnel” .

Nos depoimentos recolhidos, fica evidente que a relação com o tatuador, tal como o afirma Le Breton, tem mais que uma questão meramente profissional, e se mistura com variados sentimentos e níveis de amizade. Eis como os expressam alguns dos clientes da loja:

A minha relação com ele se deu no início desde a minha primeira tatuagem. Eu conheci o Mano num momento em que eu buscava um ateliê de tatuagem e a pessoa com quem ele trabalhava não podia me atender naquele momento. Foi ele que me atendeu, e me atendeu de uma forma muito profissional, gostei muito da maneira como ele conversou comigo, me explicou, me apresentou os desenhos, me sugeriu as formas que poderiam ser utilizadas e me passou muita segurança, muito conhecimento a respeito do que estava falando. Comecei a freqüentar o ambiente que ele trabalhava e percebi também que existia uma preocupação profissional, de manter uma higiene adequada, porque tudo isso, claro, passa na tua cabeça quando tu vai fazer tua tatuagem. A gente passou a ter uma relação na verdade pessoal, de amigos, a gente acabou se conhecendo, detectando coisas em comum e reformulando a vida em função de algumas situações. Eu conheci minha esposa no ateliê de tatuagem dele, a gente se casou, eles são padrinhos do meu casamento, eles são padrinhos do meu filho, a gente sempre teve uma relação bem estreita, as relações que aconteceram na minha vida, muito foram impulsionadas por ele e pela esposa dele, e a gente tem muitas coisas em comum, de gostos pessoais, e muitas coisas que também não são nada comuns, e que também aproximam mais as pessoas porque fornecem condições de uma discussão (ADRIANO).

Mano é uma fera. Meu irmão fez umas tatuagens com ele, eu confio muito em seu trabalho (MARCELO, informação verbal).²¹

Eu gosto do pessoal, de Mano, a esposa, do atendimento... Sabe, a gente sempre se sente em clima de amizade, no meio de amigos fica melhor o trabalho, é bem agradável aqui. Aí onde leva tua vontade para fazer uma tatuagem... E o trabalho, o trabalho é indiscutível, Mano não só tatua, ele cria, ele é um artista da tatuagem, o cara é um monstro da tatuagem (RICARDO, informação verbal).²²

21 Marcelo, cliente novo que chegou por referências.

22 Ricardo, cliente que começou com Mano sua segunda tatuagem.

De maneira similar, os tatuadores dimensionam seu contato com os clientes dentro do terreno da proximidade, característica bastante notória dentro de seus discursos, como se pode apreciar na seguinte reflexão que fez Tuca, um tatuador pioneiro do Brasil, quando lhe perguntei sobre sua interação com os clientes:

Geralmente o cara que você tatua ele vira seu amigo, ou seu inimigo, não tem uma terceira, ou ele te ama ou ele te odeia, porque é uma coisa que você vai deixar para sempre em sua pele, é uma questão de sentimento, até de espiritualidade, é a sangue que está rolando, na hora que está tatuando se conversa, você vira, vamos dizer assim, entre aspas: 'psicólogo', troca idéias sobre a vida, tem uns que te amam tanto que ele nunca mais se esquece de você... (TUCA, Convenção Internacional de Tatuagem, 2002).

Assim, nesta primeira olhada sobre o relacionamento entre o tatuador e o tatuado, pode-se concluir que uma importante faceta é a da afetividade, reconhecida tanto pelos tatuadores quanto pelos tatuados, como um aspecto que fundamenta a relação. Desenvolve-se a partir do contato íntimo que se produz durante o ato de tatuar-se, com partes de forte valor simbólico do corpo, como a pele, o pêlo e, em especial, o sangue. O contato com essas substâncias representa simbolicamente a ruptura de fronteiras entre o fora e o dentro, entre o externo do ser e sua interioridade. Nesse sentido, tocar o sangue é, também, de alguma maneira, tocar o "interior" de uma pessoa, é penetrar o seu corpo, é intervir dentro de sua natureza. Tal como disse Gesa: "a tatuagem vai **dentro** da pele da pessoa", frase que resume o conteúdo do contato íntimo e pessoal que fica por detrás do ato de tatuar-se.

Não obstante se possa estabelecer um paralelo entre a figura do tatuador e a figura do médico, no sentido de que ambos entram em contato **com o interior da pessoa**, sua relação é inteiramente diferente, porque o médico invade o corpo e o assume, como diz Le Breton (1995, p. 178):

[...] separado del hombre, valorizado, percibido como o receptáculo de enfermedad... El saber anatómico y fisiológico en que se basa la medicina consagrada la autonomía do corpo y la indiferença al sujeto que lo encarna. Hace del hombre un propietario, más o menos feliz com um corpo que segue desígnios biológicos propios.

Pelo contrário, o tatuador dimensiona o corpo em função do sujeito, de sua subjetividade, como uma unidade, como um todo que se afeta e que, portanto, está

integrado no ato de tatuar, de tal forma que tocar o corpo, é tocar o sujeito, é tocar sua intimidade, não apenas orgânica, como também psíquica, o que é bastante evidente dentro de seus depoimentos. Por exemplo, a forma com que Tuca se refere à relação tatuador – tatuado, tratando no mesmo plano de incidência a pele, o sentimento, a espiritualidade, o sangue, etc, como partes de contacto, de intimidade e de construção afetiva.

Outra faceta importante da relação tatuador - tatuado é a que tem a ver com o jogo de cena que cada um deles desempenha e que está diretamente relacionado com o domínio de conhecimento que exercem dentro do campo artístico e técnico da tatuagem. Um domínio que gera poder e *status* e que estrutura a forma de relação, as posturas, os comportamentos e as atitudes esperadas. Assim, o tatuador é o “especialista”, o “mestre”, e os tatuados são os “leigos”, os desconhecedores, os iniciantes dessa arte.

Tais posições se refletem em toda a interação e determinam a dinâmica da relação. E que pode ser notado claramente na forma como se produzem os encontros entre eles. Assim, por exemplo, o primeiro contato está mediado por uma série de passos prévios, nos quais se inclui a proximidade inicial com o pessoal de atendimento, o encaminhamento por parte deles, a marcação de uma consulta, na qual o tatuador recebe uma informação preliminar sobre o interesse do cliente, e a partir destas noções se dá começo à interação. Os posteriores encontros também são previamente marcados, tudo não deixando de estar rodeado de uma certa aura de solenidade, que se sente e se recria em cada novo encontro.

Uma solenidade que está acompanhada pela devida atitude ante quem domina um campo de saber e se encontra ademais, dentro de um âmbito onde estão criadas todas as condições para dirigir a interação que gira em torno desse saber (a tatuagem). Daí os sentimentos de respeito, admiração, reverência, credibilidade e confiabilidade, entre outros, que gera o tatuador e que aparecem reiteradamente nos discursos dos tatuados. Por exemplo, a afirmação feita por Marcelo, referindo-se ao tatuador como uma “fera”, qualificativo que expressa claramente o poder, a capacidade e a destreza do tatuador, características que se convertem em essenciais na decisão de tatuar-se.

Como parte desse jogo de posições e de desempenhos, que são recriados no interior dessa relação, o tatuador orienta e dirige, e o tatuado por sua vez se deixa orientar, deixa-se levar no contato, na interação, na vivência que se produz através

desse encontro. Esse sentido do solene, de uma relação intensa que gira em torno de um saber “especializado”, cujos praticantes transcendem o âmbito do meramente comercial, é bem anotado por Le Breton:

Si la relation reste professionnelle, intimité de l'acte rapproche les deux acteurs, et celui qui reçoit toute l'attention du tatoueur ou du pierceur a le sentiment d'un moment fort partagé ... Même si la relation est brève et sans lendemain, le professionnel est vécu comme un initiateur, un gourou même si l'on demeure libre à son égard (LE BRETON, 2002, p. 93).

Outros fatores importantes que ajudam a criar a atmosfera de solenidade e de intimidade, que caracteriza a relação tatuador/tatuado, são os que estão relacionados com a disposição da prática da tatuagem, entre eles, ocupam especial relevância, a dimensão temporal e a espacial.

A dimensão temporal está demarcando o lugar da tatuagem dentro do conjunto de atividades que uma pessoa faz quotidianamente e, em geral, dentro de seu processo de vida, apesar disso variar de acordo com as diferentes formas assumidas pelas pessoas. Comumente, segundo os depoimentos recolhidos, o momento de tatuar-se é caracterizado como uma experiência significativa. Tal como é expresso no seguinte testemunho:

É uma coisa que eu acho legal de sentir, fazer as tattoo é um estado de espírito. Se você está contente é mais propício de fazer uma tattoo, se você está mais chateado, você não aproveita. Você está realizando uma coisa que você gosta, se você faz de um baixo astral, fica uma coisa sem o prestígio que poderia ter. Eu fiquei 6 meses sem me tatuar, sendo que estava para terminar esta tattoo porque estava de baixo astral, então não estava disposto a fazer aquilo naquela época (FABRÍCIO, informação verbal).²³

Neste sentido, considero que o ato de tatuar-se é um tempo especial, diferente e até mesmo “cerimonial” dentro da vida de uma pessoa. Essa dimensão contribui para gerar uma disposição e um estado anímico, diferenciados do resto das atividades desenvolvidas dentro da rotina do dia-a-dia, pensada num tempo breve, e, em geral, dentro de seu processo vital, pensado num tempo longo.

Dentro dos aspectos relevantes da dimensão espacial que está mediando a relação e o ato de tatuar-se, é a atmosfera que se recria durante este encontro,

²³ Fabrício, amigo da loja.

estando, em meu parecer, carregada de elementos simbólicos que se apresentam de maneira sutil e abrangente. Estou fazendo referência à sala de tatuagem, ou “estúdio”, como é chamado; espaço onde se concentra a interação tatuador - tatuado e que está localizado num lugar estratégico, com acesso limitado, reconhecido como o mais importante da loja. Está afastado do movimento ordinário, de cor branca e brilhante, dando a imagem de limpeza e de esterilização. Possui uma cadeira de tatuagem que parece de dentista ou de médica, com toda a simbologia e referentes culturais que evoca, com respeito ao poder que outorga ao outro, diante do controle do corpo. Também estão nesse espaço os diferentes instrumentos que fazem parte do equipamento especial para a interferência no corpo: máquinas de tatuar, agulhas, tintas, etc. Tudo o que ambienta um cenário de trabalho especializado, higienizado e estruturado, de forma tal, que a prática da tatuagem se apresenta com uma força envolvente e sugestiva para a pessoa que ali entra.

2.2.1 ESCOLHA E DEFINIÇÃO DA TATUAGEM

Como já foi abordado, o material de trabalho básico da tatuagem são as “idéias”, nelas nasce a inspiração, o encontro entre uma intenção e uma imagem, o jogo de possibilidades e de pequenas negociações, que levam a definir um caminho comum entre o cliente e o tatuador. Caminho que se inicia, de acordo com Mano, com a “captura das idéias” e do querer do cliente, atitude que, em geral, acompanha os tatuadores:

Lucky, o tatuador que trouxe a história da tattoo no Brasil, já tinha isso como princípio. Ele quase não desenhava, mas era um cara que gostava de antes de definir uma idéia com a pessoa, trocar uma idéia com ela, e sentir o que ela gosta, entendeu? A coisa com que a pessoa vai se identificar e não vai se arrepender.

A despeito de que boa parte dos clientes chegam ao estúdio com alguma idéia formada sobre o que querem, e o trabalho se desenvolve a partir dessa “idéia”, há casos de clientes que não têm definido o que desejam. É quando entra em jogo a seguinte interação:

Tem uma parcela das pessoas que não sabe o que quer. Ela sabe que quer tatuar, ela entra no estúdio e aqui ela começa a formar a

idéia dela... Praticamente o negócio é por aí. Eu acho que a idéia da tatuagem flui por dentro de cada um, sabe que é uma coisa que você quer, vai atrás, vai visitar os estúdios, vai se identificar com o que você gosta. Ele, por exemplo, o cara que é músico se identifica com a música... Na família dele todos são músicos. Então o tipo de trabalho que vai envolver esse sentido é uma música interior, uma idéia que ele teve, sai no próprio papo; às vezes nem a própria pessoa liga nisso. Eu procuro trabalhar dessa forma.



FOTO 2.4 - O QUE QUERO TATUAR?
 FONTE: CHRISTIANE OTT MAYER (2003)

Através do caso de um músico, chamado Adriano, que, aos 30 anos, veio fazer sua primeira tatuagem, trazido por seu irmão, que já havia sido antes tatuado por Mano, posso ilustrar como se produz esse encontro de idéias e imagens.

Adriano chegou à loja, sozinho, aproximou-se diretamente do balcão de atendimento onde cumprimentou Gesa, amiga de tempos atrás, e lhe comentou seu propósito de tatuar-se. Não tinha nada de concreto, só a idéia de algo que tivesse relação com a música. Porém, como já tinha um relacionamento prévio com Mano e seu propósito era tatuar-se na hora, tiveram um contato direto, procedendo de maneira imediata para definirem a tatuagem. Assim, foram falando, olhando desenhos, colocando várias opções, até que surgiu a proposta dos ideogramas chineses como uma maneira simbólica de representar as virtudes da música. Adriano gostou da idéia e começou a pensar nos temas, no tamanho, na forma em que ficariam no seu corpo, visto que já tinha definido o ombro e parte do braço, como lugares ideais, pois costumava usar camisetas durante os concertos e considerava “legal” que as tatuagens estivessem visíveis em tais circunstâncias.

É interessante a forma como o cliente assumiu a passagem de suas idéias para o desenho: “Eu tinha já as idéias, e passei para o Mano e o Mano chegou e me abriu o caminho para fazer isso”. Uma relação absolutamente apropriada, parecendo lógico que uma coisa levasse a outra, que o sentido da música se mostraria adequadamente em seu corpo. A tal ponto, que sua posterior atitude foi participar dos desenhos dos ideogramas, procurando, escolhendo e decidindo-se finalmente pela sabedoria, proteção e justiça. E quando eu lhe perguntei sobre o sentido que tinham as tatuagens, ele, convencido, disse que aí estava a música num “sentido espiritual”.

Assim, superada a primeira fase de escolha do desenho, tatuador e tatuado passam a definir o local e o tamanho adequado que devem assumir no corpo. Em tais aspectos, segundo Mano, a maioria das pessoas já vem com uma idéia formada, só que: “às vezes têm trabalhos que ficam bons, mas às vezes precisam de uma adaptação”.

É importante analisar essa afirmação de Mano, refletir sobre o significado de que um trabalho deve “ficar bom no corpo” ou, então, “precisa de uma adaptação”, porque esta é uma idéia que conduz à linguagem específica da tatuagem, dos recursos que se vale, da técnica que se utiliza e da aplicação que se faz.

Apesar de que se está partindo de um elemento básico que é o desenho, que, na análise adiantada, é uma idéia transformada em imagem, entretanto é essencial avançar também na noção técnica desse conceito, assim definido pelo dicionário: “Desenho é uma representação de formas sobre uma superfície, por meio de linhas, pontos e manchas, com objetivo lúdico, artístico, científico ou técnico” (FERREIRA, 1999)

Sublinhei o termo superfície, porque aqui está a chave da especificidade da tatuagem: sua tela é a pele, o corpo humano. E, como tal, não é uma tela uniforme, é uma tela que varia com cada pessoa, sua cor, a idade, o gênero, o local, a presença de pêlo, marcas, cicatrizes, etc.

É uma tela que, em síntese, não é plana, contudo se constitui das múltiplas formas corporais, de suas curvas e das particularidades anteriormente anotadas. De tal forma que, apesar de que se aplique o mesmo desenho em muitas pessoas, ele sempre será diferente em cada uma, sempre terá um jogo de adaptação com cada corpo e cada pele, sempre terá uma singularidade que pertence ao seu portador.

A este universo de detalhes e de particularidades é que se faz referência quando se fala de “adaptações”, que são feitas pelo tatuador, baseado em sua experiência e conhecimento técnico da “superfície humana”, especialmente, em função de cada cliente, saber que lhe permite orientar a localização, o tamanho, o uso de cores e de matizes adequados. Por exemplo, as peles morenas não têm boa absorção da cor, enquanto, nas brancas, as cores ficam bastante bem; um desenho grande e contínuo poderia ficar melhor nas costas, dada sua proporção e forma plana, ao passo que um desenho com seqüências ou cenas poderia estar bem localizado nas pernas ou braços onde se pode jogar com o contorno e com a curvatura.

Este passo, assim como a escolha do desenho, também é um momento de negociação, discussão, revisão de opções e convencimento mútuo. Já se sabe que é o cliente quem decide, porém o faz sobre esse amálgama de noções colocadas pelo tatuador. E dada à aura de credibilidade e respeito que ele apresenta, é fácil supor o peso que suas opiniões têm na decisão final.



FOTO 2.5 - ONDE DEVO TATUAR?
FONTE: CHRISTIANE OTT MAYER (2003)

O caso de Adriano, com o qual illustrei a relação idéia e imagem, aconteceu da seguinte forma: não houve discussão sobre o local para a aplicação da tatuagem, mas, devido ao tamanho dos ideogramas, existia uma pequena diferença de opiniões. Adriano achava que os ideogramas deviam ser menores e Mano lhe disse que ficariam melhores de tamanho maior. Adriano continuou pensando sobre o assunto e, por sua atitude, creio, não ter se convencido totalmente.

Posteriormente, quando entraram no estúdio para fazer a prova do desenho no corpo, Adriano voltou a colocar dúvidas a respeito do tamanho e, aí Mano, em tom mais sério que a vez anterior, disse-lhe: “mais pequenas vão ficar ruim, porque se perdem, e vão ficar muito espalhadas entre si”. Para dar saída a tal impasse, decidiram fazer uma a prova, no tamanho sugerido por Mano, colando o desenho na pele. Dessa forma, com melhores elementos para decidir-se, Adriano se dirigiu ao espelho, observando-se com atenção por um bom espaço de tempo, até convencer-se de que aquele era o tamanho adequado.

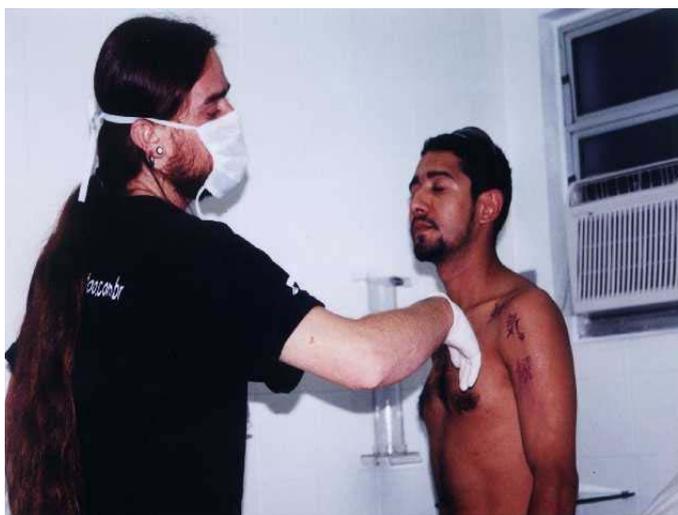


FOTO 2.6 - VAMOS TESTAR NA PELE
FONTE: CHRISTIANE OTT MAYER (2003)

Então, é chegado o momento definitivo da escolha da tatuagem, que é a prova sobre o corpo, procedimento que consiste em fazer uma imitação da forma, do tamanho e da localização que a tatuagem terá sobre o corpo. Esse procedimento varia de acordo com o tipo de tatuagem; se for comercial, como no caso anterior, o desenho já está pronto no papel e só precisa ser calcado na pele, mas se for uma tatuagem de criação, como analisarei mais adiante, o tatuador faz o desenho sobre a pele. Em um caso ou outro, o efeito é bastante intenso na pessoa, porque, pela primeira vez, tem uma imagem real e concreta da tatuagem sobre sua pele. Materializa-se a intenção, a idéia, a proposta, o desenho, transformando-se numa imagem impressa no corpo, numa expressão visual que se pode tocar, sentir e ver.

Há uma sensação de surpresa, de deslumbramento, de emoção, que as pessoas sentem, ao ter o contato direto da tatuagem em seu corpo, mesmo sendo de maneira simulada. Essa sensação, apesar de ser generalizada, varia de acordo com a proximidade que as pessoas têm com o meio, e, em especial, diante do

conhecimento que têm sobre o procedimento da tatuagem, tal como o afirma Mano: “Tem uma galera que eles não têm uma idéia de como o negócio vai ficar na pele, então, os caras, às vezes, até se impressionam, ficam muito contentes com o trabalho, mais do que eles esperavam”

2.2.2 A TATUAGEM DE CRIAÇÃO²⁴

Há uma relação que merece ser aprofundada pelas particularidades que adquire, sendo aquela que se tece entre o tatuador e os clientes antigos, os quais se orientam com freqüência pela tatuagem de criação, uma modalidade relativamente nova dentro do mundo da tatuagem e que consiste, como seu nome diz, na criação de desenhos de acordo com certos parâmetros que são produzidos na interação tatuador - tatuados. Mano faz a seguinte interpretação dessa tendência na tatuagem:

Dá para abordar desde diversos pontos de vista diferentes, você pode desenvolver uma questão cultural, que é muito importante dentro da tattoo, que é o que os índios faziam, trabalhos que, para cada indivíduo separado, eram formas diferentes e eram criações que cada um transmitia ou tinha certo significado. Então pode levar o lance de criação nesse lado também, vamos personalizar, vamos ver que o que a pessoa quer e vamos fazer algo com o que ela se identifique e que ela fique com um trabalho diferente, exclusivo. Dá para abordar noutra questão que existe hoje em dia e é que a gente tem uma base do que aconteceu no passado e tem uma base do que acontece hoje em dia. Hoje em dia a tattoo se explodiu como forma de arte também, o tatuador se converteu num puta de um desenhista, o bom tatuador é aquele que desenha muito, então ele pode querer trabalhar também com a parte de criação, a nível de começar a expor uma coisa íntima dele que era o que ele criou e passa para as pessoas, em contrapartida se essas pessoas aceitam

²⁴ Nesta reflexão, estou interessada na interação que se produz entre o tatuador e o cliente diante desse tipo de desenho denominado de “criação” dentro do meio da tatuagem. Não vou abordar o debate sobre o *status* de “artista” do tatuador, nem da qualidade “artística” de sua obra, porque esse não foi o objeto desta pesquisa, pois não tenho informações pertinentes, assim como elementos conceituais para poder realizar uma análise dessa natureza. Só quero fazer algumas esclarecimentos que considero necessárias. Entre elas, que o termo “artista” ou tatuagem “artística” é usado com dois sentidos dentro desse meio; o primeiro, para significar que o tatuador trabalha com boa técnica, portanto suas tatuagens são de ótima qualidade, e o segundo, que, além dessa boa qualidade técnica, a tatuagem é “original”, quer dizer, é um desenho criado pelo tatuador. Com respeito ao valor “artístico” do tatuador e de sua obra, existem dentro do meio da tatuagem alguns mecanismos não formais de fazer tal avaliação; em primeiro lugar, o reconhecimento do cliente, e, em segundo lugar, o reconhecimento por parte do grêmio de tatuadores, o qual se faz por meio de certos critérios, também não formais, mas conhecidos pela maioria de tatuadores. Através desses critérios se avaliam os trabalhos apresentados nos espaços de difusão que esse meio tem, tais como os encontros regionais, as convenções nacionais e internacionais de tatuagem e as revistas especializadas.

o projeto, aceitam uma idéia, você está trabalhando conjunto, existe poucas pessoas que trabalham o lado criação...

O processo de criação, conforme se pode observar, é muito mais que o desenho de uma figura ou a negociação de aspectos concernentes à forma, ao local, à cor ou ao tamanho. É um processo no qual se gera outra dinâmica de interação entre tatuador e tatuado, com outro tipo de exigências, de procedimentos, e de vínculos entre eles. O seu centro de motivação é a criação interativa, na qual o tatuador, atuando como especialista, e o tatuado, no papel de leigo, recriam uma linguagem nova, uma nova forma de expressão que os personaliza, que os singulariza. Isso ocorre com o tatuado, porque, como disse Mano, “a pessoa fica com um trabalho que o identifica... diferente e exclusivo”, como com o tatuador que pode “expor uma coisa íntima dele”.

Uma relação na qual a interação é mais estreita e compenetrada, na qual se acrescentam níveis de intimidade, de afetividade e de amizade, existentes entre eles, numa nova dinâmica, que transcende à orientação do tatuador ao cliente, transformando-se numa construção conjunta, tal como nota Adriano, a partir da perspectiva do “tatuado”:

Durante toda a minha experiência com a tatuagem, conheci muitos tatuadores e uma das pessoas que mais me passou segurança, que eu senti mais sintonia de comunicação, foi realmente a pessoa que me tatua hoje que é o Mano. Tenho tatuagens de outros tatuadores, mas a maioria das minhas tatuagens é do Mano, pelo fato da gente construir juntos aquilo que eu estou fazendo... a gente senta, ele me apresenta coisas novas, a gente consegue estruturar, planejar coisas novas...

Este tipo de busca na tatuagem está necessariamente combinado com a destreza e o talento do tatuador. É ele que desenvolve um trabalho de criação, fundamentado em seu próprio estilo, na procura de um desenho que se aproxime o máximo dos desejos do cliente, de sua iconografia, de sua corporalidade, de tal forma que o resultado final possa ser visto como Fabrício afirmou: “Eu não sei desenhar, então eu passo minhas idéias para o Mano que trabalha em cima delas, e através disso a gente chega num consenso, é isso que eu procuro, um trabalho que vai ao encontro de minha necessidade com o trabalho que o artista realiza”.

É indiscutível que para que isso aconteça, certas condições mínimas são requeridas. De um lado, um cliente que esteja pensando e procurando uma estética

original, quase sempre dentro de um projeto de construção corporal, que entenda os rudimentos da linguagem da tatuagem e que participe, em algum nível, do ambiente dessa prática.

De outro lado, um tatuador que tenha talento e um mínimo de formação e prática, seja formal ou informal, no campo artístico do desenho, já que esses tipos de trabalhos precisam de desenvolvimento artístico e técnico. Esse perfil nos últimos anos tem tido um importante auge dentro do mundo da tatuagem, tanto a nível internacional, onde são reconhecidos nomes como Paul Booth ou Goitason, pela qualidade e inovação de seus trabalhos, os quais se converteram em pontos de referência, como a nível nacional, onde também há tatuadores que têm desenvolvido um importante trabalho na área, como o caso de Maurício Teodorque, que segundo Mano:²⁵

É um cara brasileiro que na verdade é muito respeitado porque ele dinamizou uma linguagem diferente de tattoo, ele tem um bom domínio de desenho e ele conseguiu um bom domínio técnico de tatuagem. Ele foi para fora e levou os desenhos dele, os desenhos dele são uma linguagem nova para tattoo. Então, a partir daí começou que outros desenhistas bons começaram também a fazer seus trabalhos, de ter esse lance de criar e foi onde teve essa explosão da tattoo.

Dentro da nova tendência da tatuagem, encontra-se Mano, que, desde os treze anos, gostou de desenhar, afirmando que, em sua formação artística, foi muito importante a aproximação com o mundo da tatuagem, porque nele “se trabalha com uma linguagem muito diversificada de estilos”. Mas também teve que superar grandes desafios, como o fato de ter que aprender a criar a partir das idéias das pessoas, pois, até então, criava muito, mas sobre coisas de sua própria imaginação. Assim, teve que encontrar, através da prática, um caminho que lhe permitisse criar sobre “as idéias dos outros” e desenvolver ao mesmo tempo uma linguagem própria, um estilo que o caracterizasse e que, segundo ele, pudesse ser entendido da seguinte maneira:

Eu acho que meu estilo cai um pouco pelo surrealismo, mas é um surrealismo com formas definidas. Eu trabalho com coisas sem muito

²⁵ Na entrevista que fiz com Stopa, ele também se referiu a Maurício Teodorque nos seguintes termos: “Maurício está entre os cinco melhores do mundo, ele é de São Paulo, ele muda o estilo permanentemente”

nexo, principalmente dentro da linguagem da tattoo. Você trabalha muito em cima dos motivos tradicionais (sacros, tribais, no estilo marinhe), das cores, das formas... Só que hoje em dia se faz com uma nova linguagem, a tattoo teve uma explosão de arte.

Esse tipo de tatuagem, como observei, tem um maior investimento, uma interação mais intensa e um perfil, tanto do tatuador como dos tatuados, bastante especial. Portanto, o procedimento da escolha e da definição da tatuagem também varia, tornando-se mais sofisticado. Embora se continue trabalhando sobre o mesmo material das “idéias”, essas são mais complexas, porque usualmente fazem parte de um “projeto”, no qual se incluem as tatuagens que o cliente já tem sobre o corpo e aquelas que está pensando para o futuro, numa dinâmica que é denominada por eles como “construção corporal”, tal como o expressa Adriano:

Eu sempre gostei de cor. Não sou uma pessoa visual, mas uma das coisas que mais me tocam é a possibilidade de ver a cor, de sentir a cor, de trabalhar com cores e a possibilidade de eu botar uma cor em cima da pele que tem uma cor única, me chamou bastante a atenção... Até como a cor se distribuiria, que desenho ela formaria. Com isso veio a idéia de uma dinâmica corporal, como uma construção, por isso eu fiz esse duende, depois eu pensei em aumentar esse desenho... A partir dele construir outros desenhos. E existe uma coisa muito engraçada em relação às pessoas que têm muitas tattoos, sempre têm tattoos inacabadas, e sempre vai mexer numa e acaba mexendo na outra, fazendo uma outra diferente. Então fiquei com várias tatuagens espalhadas, eu resolvi juntá-las num ambiente só, aí eu comecei a fazer uma construção, então eu tenho a minha perna quase toda tatuada, agora eu vou começar a pegar uma parte de cima da coxa, junto com a cintura para poder trazer para o tórax e emendar com esse braço e levar para o outro braço e aí eu acho que acabo.

Por conseguinte, o tatuador não só está interferindo num momento específico, senão que também está fazendo parte de um processo de “construção corporal” que é pensado e desenhado de maneira conjunta. Um processo que parte da reflexão sobre as “idéias e projetos do cliente”, e que se vai desenvolvendo na interação, no diálogo e no encontro criativo. Tal processo, para além da própria criação, insere-se no “mundo interno” da pessoa, em suas buscas, em suas preocupações, em seus gostos e em suas propostas. Portanto, esclarecer, refletir e construir sobre esse universo é, em meu conceito, uma forma de aproximação e reconhecimento do próprio sujeito, através de uma interação, na qual o tatuador tem um importante papel como **mediador**.

O procedimento que se segue para a escolha deste tipo de tatuagens é diferente. Para começar, o cliente já não passa por todas aquelas fases anotadas anteriormente, quando tratei sobre o contato prévio com o pessoal do atendimento, apenas fala diretamente com a Gesa ou com Mano sobre sua intenção, sobre o projeto que tem em mente. Dentro de um ambiente de amizade, conversam, intercambiam opiniões, fazem esclarecimentos, colocam sugestões, e com base nessas idéias preliminares, que são devidamente registradas, marcam uma consulta de “criação na pele”. Nessa consulta, o tatuador, tendo analisado previamente as idéias do projeto, realiza uma prova sobre a pele, desenhando com canetas, de maneira experimental, apagando ou refazendo, de acordo com o resultado que vai sendo obtido, e, sobretudo, com a forma, que a pessoa vai se sentindo com o desenho, até que, finalmente, de ambas as partes, há satisfação, definindo-se, portanto, a forma final do trabalho. Este é um momento de significativa interação, em que o tatuador cria sobre o corpo, tentando atingir o que a pessoa quer. Por sua vez, o cliente está em um momento de emotividade e ansiedade, ao concretizar um projeto que tinha em mente, e que, através de Mano, começa a se fazer realidade.



FOTO 2.7 - CRIANDO UM DESENHO
FONTE: A PRÓPRIA AUTORA (2002)

Logo depois de ter sido definido o projeto, o desenho é tirado da pele com plástico colante (papel *contact*), um procedimento que permite que o tatuador grave o desenho de acordo à anatomia da pessoa e à região corporal onde vai ficar. Assim:

Você fica com o desenho gravado no contac, e esse desenho serve também como um mapeamento do local, as pessoas têm anatomias diferentes, o braço aqui encima pode ser mais largo, mais comprido, e você quer algo que envolva e deixe o trabalho harmônico com o local. Isso que estou fazendo ficou também mais fácil porque quando você começa a trabalhar com o desenho no papel, o desenho já está criado na pele. Já tenho a forma exata, eu já sei como vai ficar, já defini a idéia com cara, o cara já olhou e já gostou do trabalho (MANO).

Com base nesse desenho preliminar, como explica Mano, elabora-se o desenho final no papel, que será tatuado no corpo, com todos os detalhes, sombras, cores, perspectivas, etc. Trabalho que o tatuador faz em sua casa, durante vários dias ou semanas, de acordo com as dificuldades que tenha, realizando rascunhos, refazendo-os, aperfeiçoando-os, até conseguir plasmar numa imagem o desejo do cliente, com um investimento grande de tempo, que, às vezes, segundo Mano, pode necessitar mais esforço que a verdadeira criação na pele. Quando o desenho está pronto, é marcada uma nova consulta com o cliente, momento no qual as últimas revisões são feitas e se não tiver mais reformas, fecha-se a escolha da tatuagem.

A diferença em relação às tatuagens comerciais é bastante marcada, pois os desenhos das mesmas já estão prontos nos catálogos ou revistas de ampla circulação nos estúdios do mundo inteiro. De tal forma, que só é preciso fotocopiar os modelos desejados, para passá-los na pele, procedimento que obviamente abrevia e facilita o processo da tatuagem, pelo menos na fase da escolha.

2.2.3 TATUAR-SE: UMA EXPERIÊNCIA RITUAL

Esta é a última fase do processo. O momento esperado da prática da tatuagem, quando se resumem todas as expectativas colocadas ao longo dos passos anteriormente analisados, em que o contato interpessoal tatuador - tatuado fica mais intenso e íntimo, em que se concretizam as intenções e os projetos, e em que se chega finalmente ao ponto culminante da experiência que esse ato envolve.

O ambiente onde se desenvolve o processo está especialmente recriado para este fim: o estúdio de tatuagem, como já analisei, está estruturado com uma série de elementos simbólicos e de poder e ajudam a forjar uma atmosfera carregada de emotividade e de significados para os atores nela inseridos.

Uma atmosfera que é mais impactante e sugestiva durante o ato de se tatuar, porque se desenvolvem todos os recursos simbólicos dispostos para essa atividade. Em especial, os recursos que estão relacionados com a parte da higiene e da assepsia do recinto. De tal forma que, antes de iniciar o trabalho, é feita uma montagem cênica, na qual se sobressaem os seguintes elementos: a notória limpeza e desinfecção da sala de tatuagem e do seu mobiliário, a preparação do equipamento e do material que será utilizado com as respectivas medidas de esterilização²⁶, a embalagem com papel descartável das partes que vão entrar em contato durante o momento da tatuagem, como a cadeira de tatuagem, os botões do estabilizador onde se conecta a máquina de tatuagem, e a bancada em que se coloca o instrumental.

O efeito final é que o ambiente reluz de limpeza, de brancura e de medidas de proteção higiênica, elementos que para o cliente são essenciais, porque afixam o seu sentimento de segurança, de confiança e de tranquilidade, diante do ambiente e do equipamento que será usado, e principalmente perante o ato de tatuar-se.

Como parte desta assepsia que envolve o ambiente do estúdio, estão os acessórios que o tatuador usa: a máscara e as luvas cirúrgicas, que criam uma imagem associada à ordem do clínico, neste sentido, uma dissociação do amigo/conhecido para o profissional que inspira segurança, respeito, distância e uma certa tensão ante a eminência da interferência corporal que ele vai realizar.

É interessante como a atmosfera que se cria, a parafernália usada, e a imagem que projeta o tatuador, está acompanhada de uma atitude de receptividade do cliente. Ele se compenetra nesse jogo simbólico e de cena, na cadeira de

²⁶ O material que é utilizado em cada sessão de tatuagem é o seguinte: 1. a **máquina de tatuar** que se compõe de uma parte eletrônica fixa e uma parte móvel. Dela constam: as aspas, que é um ferro comprido que atravessa a parte de cima da máquina; os bicos, também de ferro, que se instalam na parte final das aspas; as agulhas que são descartáveis e soldadas em cada nova sessão no extremo final dos bicos. 2. a máquina cortadora de pelo que é descartável; 3. as tintas que se conservam em garrafas de bolacha; 4. o papel de limpeza. Esse material é devidamente preparado e esterilizado antes de cada sessão, em especial a máquina de tatuar e suas partes que não são descartáveis, as quais passam por um processo de limpeza, desinfecção e esterilização, que se realiza dentro da sala de esterilização que tem a loja, e que segue os seguintes passos:

- O primeiro passo: limpeza que tem duração aproximada de uma hora, processo que se faz na máquina de Ultra-som, onde se deixa o material dentro de uma cesta com uma solução (água sanitária e detergente);
- O segundo passo: limpeza manual para eliminar qualquer resíduo que tenha ficado e tem duração de uma hora;
- O terceiro passo: secagem do material e embalagem na máquina cela;
- O quarto passo: a esterilização, com uma duração de uma hora, que se realiza na máquina de Ultraclave (máquina que funciona a vapor com altas temperaturas, como uma espécie de panela à pressão eletrônica).

tatuagem, geralmente recostado, em uma postura que denota uma clara atitude de permissibilidade, de disposição ao outro, de deixar seu corpo, de deixar-se a si mesmo sob o controle do “especialista”.

Logo depois de o ambiente estar criado, e de cada um estar dentro da postura que essa interação requer, dá-se início ao processo de tatuar que, de maneira geral, segue a seguinte seqüência: isola-se o local que vai ser tatuado, realiza-se uma assepsia do mesmo, lavando e retirando os pêlos, depois se transfere o desenho escolhido, através de um decalco, e sobre essa impressão se começa a tatuar. Chega assim o momento esperado, o tatuador se aproxima, aumenta o contato, a máquina penetra no corpo, há brotos de sangue que são limpos permanentemente, para continuar a injeção de tinta sobre os pontos demarcados, ocorrendo mudanças contínuas, coloração da pele, traços de tinta que começam a aparecer, e aos poucos o desenho que cobra vida na superfície do corpo²⁷.

Geralmente uma música de fundo é colocada, rock, ritmo compartilhado pelos donos da loja e a maioria dos clientes, música que eles consideram bastante “relaxante”. E, assim, entre o som, os diálogos, os silêncios, o barulho da máquina de tatuagem, os ocasionais visitantes, vai transcorrendo o tempo, que é bastante variável e depende da complexidade e do tamanho do trabalho. O processo pode levar de meia hora até mais de sete horas seguidas, e nas ocasiões em que o trabalho é muito grande é organizada uma agenda com várias sessões.



FOTO 2.8 - ANDRÉ SENDO TATUADO



FOTO 2.9 - MANO TATUANDO ANDRÉ

FONTE: CHRISTIANE OTT MAYER (2002)

²⁷ A pesar de existir uma base técnica geral de tatuar, que consiste na aplicação inicial do contorno, das sombras e finalmente das cores, também existem variações, conforme o tipo de trabalho que será realizado, tal como aclara Mano: “têm alguns tipos de trabalhos que não vão usar nem contorno, só traços suaves, nos que já vai sombreando e dando o colorido, são trabalhos nos que você vai meio que esculpindo o desenho e ele vai tomando forma”.

Mas tudo isto não transcorre só no corpo, na parte física da pessoa que está sendo tatuada, também seu ser interno está sendo afetado e tocado. Uma corrente de sensações começa a fluir desde o momento em que entra no estúdio, deita-se na cadeira, a agulha perfura seu corpo, a dor aparece, o ambiente o envolve num contato íntimo consigo mesmo e com o tatuador, entrando em jogo então uma importante carga emotiva, que é vivida e expressada de diferentes formas. Seguem-se alguns destes depoimentos:

Corre adrenalina antes, e depois endorfina, ou similar. Essa experiência emotiva é muito importante, é, por meu modo de vida, quem sabe, por meu modo de pensamento, às vezes eu penso que fico mais preparado, às vezes eu penso que porque me tatuei e por causa da dor que eu senti, essa noite vou dormir melhor. Na hora que acaba a sessão da uma satisfação da energia que rolou, tá bom terminamos (Fabrício Cardoso: 4 tatuagens).

Quando tu te senta para tatuar e tu sente, claro, a agulha entrando na tua pele, ocorre uma liberação de adrenalina, de outras drogas do teu corpo, que te conduzem a um estado que nenhuma outra possibilidade poderia te oferecer, porque são substâncias naturais que teu próprio corpo libera. Acredito que um pouco disto aconteça, sim, de gostar de sentar, de sentir as agulhas, de fazer o desenho, de passar por aquela dor, é uma dor que para mim não é uma dor negativa, é uma dor que me traz uma satisfação, me traz uma satisfação em função do desenho que é criado, não em função da dor que me causa, mas sei que faz parte do processo para criação.

Fico ansioso, fico nervoso na hora que tão me tatuando, o barulho da agulha já deixa a gente um pouco diferente, porque tudo isso gera uma adrenalina, leva a uma alteração da tua pessoa, tanto que as pessoas que tão conversando contigo elas percebem que mudas um pouco, porque tu te concentras mais naquilo que tu estás passando, naquela experiência única, claro que é uma experiência que tu marcas um horário para ter (Adriano, 40% do corpo tatuado).

Para mim tem um significado especial, mas eu fico quieto na minha. Quando comecei está aqui, -antes de começar minha pressão caiu, fiquei meio mal-, mas depois voltou e aproveitei, fiquei tranquilo, fiquei refletindo, pensando, deixando fazer o trabalho dele sem incomodar, foi tudo tranquilo (Ricardo: 1 tatuagem).

Se deixar por mim, todo mês eu faço alguma tatuagem, na verdade sinto falta. O que eu sinto? Quando acaba é a maior felicidade do mundo. Eu considero a tatuagem uma terapia, algo que faz bem porque enquanto tu tá sendo tatuado tu esquece do mundo. Já passei várias vezes por situações às quais, tipo, tô passando por algum problema, você brigou com alguém, tá mal, o quê que eu vou fazer? Ah! Vou me tatuar... Naquele momento que você tá sendo tatuado, você não tá se lembrando daquela pessoa, você simplesmente esquece do mundo (Sampaio: 70% do corpo tatuado).

É indiscutível que existem diferenças de perspectivas relacionadas aos níveis de inserção nesse meio, à quantidade de tatuagens já feitas, e, em algumas circunstâncias particulares, às flutuações de estados anímicos, às inclinações pessoais, ou ao período de vida pelo que se está atravessando. No entanto, não deixa de ser notório que em todos essas pessoas o ato de tatuar-se provoca intensas emoções físicas e psicológicas que, em suas palavras, são representadas por pressão baixa, aumento de adrenalina, endorfina, *relax*, reflexão, satisfação, preparação, terapia, felicidade, etc.

Quando comecei a aprofundar-me em tais sensações, foi parecendo cada vez mais claro que, no meio do que essas pessoas expressam, há uma espécie de estímulo ou exaltação bastante forte ao momento de tatuar-se²⁸, que está relacionada, em meu conceito, à capacidade de dominar a dor, de conseguir superar os limbos dessa sensação desagradável e transformá-la num estado de tranqüilidade. Não é que as pessoas começam a gostar da dor, como afirmam reiteradamente, é que cada nova ocasião se converte num desafio pessoal, que na medida que é superado, produz o prazer e a satisfação.

Assim, refletindo sobre a sensação sentida no momento de tatuar-se, encontro uma sugestiva proximidade com o conceito de *flow*, proposto por Cskszentmihalyi e MacAloon, como ferramenta teórica para compreender as experiências ocorridas nos jogos e esportes, como também nas artes e na religião, e cujo significado foi retomado por Turner (1982, p. 55-56):

Flow denotes the holistic sensation present when we act with total involvement ... a state which action follows action according to internal logic which seems to need no conscious on our part ... we experience it as a unified flowing from one moment to the next, in which we feel in control of our actions, and in which there is little distinction between self and environment; between stimulus and response; or between past, present, and future.

²⁸ Esta sensação é observada por vários autores que têm realizado pesquisas sobre tatuagem, entre eles, Sanders (1988, p. 417), Almeida (2001, p. 10) e LeBreton (2002, p. 136). Quero ressaltar o trabalho do inglês Paul Sweetman, que dá uma especial ênfase para a intensidade dessa experiência e que me ajuda a ter um ponto de comparação para esta pesquisa: "Whether as a result of the initial process or the subsequent high, certain body modifiers find the acquisition of a new tattoo or piercing to be a cathartic experience, again illustrating that, for some, the necessary physicality of the process is key to their overall motivation" (Sweetman, 1999, p. 171).

Turner debate a competência teórica desse conceito, no sentido abrangente e explicativo desse tipo de fenômenos e, em particular, nos rituais das sociedades pré-industriais, nas quais o *flow* seria mais uma qualidade do que um padrão de conduta. Nas sociedades pós-industriais, onde o ritual assume uma forma mais individualista e racional, a experiência *flow* está atuando de maneira mais determinante dentro dos gêneros classificados de ócio, como a arte, os esportes, os jogos e os passatempos, os quais, além de complexos e diversificados, ocupam lugares importantes dentro da cultura como espaços de criação e desenvolvimento social (TURNER, 1982, p. 58)

Ainda que Turner coloque algumas ressalvas frente ao uso do conceito *flow*, também salienta seu valor explicativo em relação às experiências altamente emotivas que se vivem dentro de diversas situações e contextos. É o caso da presente pesquisa, onde o conceito *flow* aparece bastante apropriado para entender o tipo de experiência que envolve o ato de tatuar-se. E, neste sentido, ajuda a caracterizar algumas de suas mais importantes particularidades, como: o fato de que a experiência está fundida na ação e na consciência, ou seja, que o ator, apesar de estar consciente do que faz, pode não estar consciente de sua própria consciência, dado que sua atenção está centralizada nos estímulos e nas sensações que se convertem em determinantes da ação (TURNER, 1982, p. 56). É Isso justamente o que acontece com o setor dos “tatuados”, grupo cada vez mais crescente e significativo dentro dessa prática, para os quais a sensação chamada de “adrenalina” é essencial, a ponto de invadi-los, de abarcá-los todos. Assim expressa Mano esta sensação :

Sabe o cara que é viciado em adrenalina, e a tattoo tem um pouco disso. A pessoa que têm uma tattoo grande, chega uma certa época do ano que ela sente a de se tatuar, quando ela se tatua, ela passa dois meses, três meses, *relax*, tranqüila, com a dor ou com a endorfina trabalhando no organismo, ou a sensação de ter a tinta na pele...

E, ainda, que pareça uma posição extrema, na verdade, essa tendência se mostra bastante notória dentro desse meio, tal como confirma a pesquisa feita por Maria Isabel Mendes, nas camadas médias do Rio de Janeiro, onde segundo a autora: “São significativas as referências a uma vontade incontrolável que acostuma

‘assolar’ os tatuados que temem, por sua vez, acabar ‘se deixando’ tatuar inteiramente” (MENDEZ, 2001, p. 10).

Uma parte estreitamente vinculada a essa “necessidade” de se tatuar, é o fato de que a experiência *flow* se justifica em si mesma, parecendo não precisar de metas fora dela. Porém, não é inusual encontrar explicações a respeito dos motivos de se tatuar, como simplesmente a “falta desta sensação logo depois de dois ou três meses”, ou, como está na citação anterior, “uma vontade incontrolável”.

Outras das características importantes e concomitantes com essa experiência, sinaladas pelos autores que propõem esse conceito, é a perda do ego. Ou seja, o *self* começa a ser irrelevante em função de que o ator se encontra totalmente imerso na experiência *flow*, e, portanto, diminui seu interesse por entender, definir ou dirigir, atitude que por sua vez propicia a fusão e o encontro com o outro partícipe do ato (TURNER, 1982, p. 57).

Ao lembrar os depoimentos dos tatuados, pode-se observar que eles, no momento em que estão se tatuando, estão absortos, concentrados, levados pela emotividade, seja qual seja ela, e, aí, então, tal como expressa Sampaio: “você simplesmente esquece do mundo”, esquece do mundo e de si mesmo. E se deixa acolher por este ato, um ato que como tenho ressaltado ao longo do capítulo, é produzido em e através da interação tatuado - tatuado, em que o “tatuado” se coloca textualmente nas mãos do tatuador, sob o seu controle, tanto física como afetivamente, no sentido que é bem explicado por Mano:

Não é uma coisa simples, não é só pegar, sentar e tatuar. Você lida com o psicológico da pessoa, com suas frustrações, com seus medos... É claro, a pessoa tá ansiosa, tá nervosa, ela te passa aquela ansiedade e você tem que estar muito calmo naquela hora de fazer o trabalho e para passar a calma para ela, se lida com ‘n’ tipos de pessoas, e eu acredito muito em energia, quando você abraça uma pessoa, o abraço flui ou não flui, e na tattoo é assim, você tá ali, muito próximo da pessoa.

Todos os elementos que tenho apresentado, a atmosfera que se cria, os laços afetivos que se constroem, as formas simbólicas e de poder que transitam nesse cenário, as fortes sensações no momento de se tatuar e que tenho aproximado do conceito de *flow*, denotam o processo de tatuar-se **como uma experiência que se poderia caracterizar de liminoide**. Ou seja, um estado de ritualismo próprio das sociedades contemporâneas, o qual, de acordo com Turner, aparece dentro das

atividades de ócio – tal como a prática da tatuagem, entendida como uma atividade estético corporal -, localizadas nos interstícios da sociedade e com um caráter plural, fragmentário e experimental. Porém, despeito de não estarem na centralidade da vida social e de estarem orientadas no terreno da afetividade, da emotividade e do prazer, contêm uma importante potência inovadora (TURNER, 1982, p. 52-55).

Esse sentido da experiência e do ato ritual, como “potência inovadora”, é o que me interessa indagar na prática da tatuagem. Um caminho que começou a aparecer claro a partir do reconhecimento da sensação flow, e que foi desvelando aspectos bastante relevantes como os que coloca Mano quando afirma que “tatuarse é uma coisa que faz parte de um ritual, quando você passa por esse ritualzinho, digamos assim, então parece que fica mais limpo, fica mais tranqüilo, parece que isso lhe deu uma modificada em você”. É onde aparece evidente esse sentido de “inovação” e que, em meu critério, está diretamente relacionado com o processo de construção subjetiva, que será o tema de debate do próximo capítulo.

3 O SENTIDO DE TATUAR-SE

Junto al descubrimiento de sí mismo como individuo, el hombre descubre su rostro, signo de su singularidad y de su cuerpo, objeto de su posesión” (LE BRETON, 1995, p. 20)

Neste capítulo, vou centrar meu olhar no sujeito atual que se tatua, em suas buscas, em suas formas de apropriação, em sua interação e no sentido que constrói em torno dessa prática corporal. Tal reflexão requer algumas precisões conceituais que farei nesta parte inicial.

Para começar, vou situar historicamente a noção de sujeito e seu percurso teórico. Sua origem se remonta ao processo civilizatório, pelo qual atravessou o mundo ocidental, que levou, tal como corrobora Dumont (1992), mais de dezessete séculos configurando um tipo de sociedade caracterizada na orientação *individualista*. Nessa sociedade, o *individuo* começa aparecendo como um valor, que, lentamente, vai se posicionando no cenário social, até chegar à sua forma moderna de “ser moral, independente, autônomo, e por consequência essencialmente não social, que veícula os nossos valores supremos e ocupa o primeiro lugar na nossa ideologia moderna do homem e da sociedade” (DUMONT, 1992, p. 35).

Dessa maneira, o indivíduo, como valor e como ideologia, constitui a fronteira da história e da configuração social. E, como tal, não pode passar indiferente dentro do debate das Ciências Humanas. O *individuo* é um lugar comum, um eixo da reflexão teórica. Mas, como o mostra Stuart Hall (1998), sua conceitualização tem tido importantes mudanças ao longo do pensamento ocidental. Na reconstrução histórica que o autor faz, ressalta duas grandes tendências: uma que tem suas raízes no nascimento do mito do “indivíduo soberano”, entre os séculos XVI e XVIII, que se caracteriza por sua “indivisibilidade” e por sua “singularidade”, e que tem constituído o fio-condutor de grande parte da história da filosofia ocidental. Essa tendência foi matizada, nos fins do século XIX, emergindo uma concepção mais social do indivíduo, que o concebia localizado e “definido” no interior das grandes estruturas sociais. Dessa forma, o indivíduo passou a ser “sujeito” do social,

conservando a noção de duas entidades conectadas, porém separadas: indivíduo e sociedade.

A outra tendência é a denominada de “descentramento do sujeito cartesiano”, que caracteriza o pensamento contemporâneo, que começou a se formar em meados do século XX, a partir de cinco importantes rupturas teóricas: a reinterpretção do marxismo, a psicanálise Lacaniana, o estruturalismo lingüístico, a teoria de Foucault sobre o sujeito moderno e o feminismo, as quais, de diferentes perspectivas, questionam o mesmo fato - a noção do indivíduo como uma unidade fixa e estável -, colocando no centro do debate a idéia de um sujeito aberto, contraditório, inacabado e fragmentado (HALL, 1999, p. 31-46).

Siqueira (1999) acrescenta a esse debate a idéia de que a noção do próprio sujeito é colocada em questão que, ao invés de sujeito, “tem-se subjetividades e processos de subjetivização díspares, múltiplos, fragmentados, multifacetados sob a lógica de um calidoscópio” (SIQUEIRA, 1999, p. 78).

Portanto, o foco de análise se deslocou de um olhar centrado no indivíduo, como uma unidade contida e definida em si mesma, para uma perspectiva que prioriza a diferença, processo, contradição, significação, construção, movimento e a mudança. Tais aspectos são abordados através de dois conceitos-chave dentro deste novo contexto de pensamento: **subjetividade e subjetivização**. A subjetivização faz referência ao “processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, ou mais exatamente de uma subjetividade, que será sempre uma das possibilidades dadas de organização de uma consciência de si. Como um processo, ele sempre é provisório”, e a subjetividade como: “a relação consigo, que se estabelece através de uma série de procedimentos que são propostos e prescritos aos indivíduos, em todas as civilizações, para fixar sua identidade, mantê-lo ou transformá-la em função de um certo número de fins” (EIZIRIK, 1997, p. 42).

Essa perspectiva teórica e, em particular os dois últimos conceitos, -o de subjetividade e subjetivização, são chaves para minha análise, porque, além de ajudar a situar-me dentro do debate do sujeito contemporâneo, delimita noções como as de “processo”, “transformação”, “relações”, que foram desenvolvidas nos capítulos anteriores e que constituem meu percurso sobre a prática da tatuagem.

Outra noção que é abordada na definição de subjetividade e que para o marco de referência desta dissertação tem uma especial importância, é a concernente aos “procedimentos que são propostos e prescritos aos indivíduos”

(EIZIRIK, 1997, p. 47), com a qual a autora transmite o sentido do social, como algo presente e atuante no processo de construção do sujeito. Essa idéia aproxima o conceito de *habitus* formulado por Bourdieu (1983, p. 61), entendido como: “o sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes”, que habilita um contexto de análise mais dinâmico, no que o social é colocado em relação e em interação com a experiência.

Entretanto, esses processos de subjetividade acontecem, como já o afirmei, em torno de uma prática que se centra no corpo, em sua modificação e em sua transformação intencional. Portanto, se precisa de uma conceituação sobre essa temática.

São múltiplas as abordagens teóricas sobre o corpo. Mas é o discurso biológico que tem tido preeminência, instaurando uma noção que até hoje tem ressonância: o corpo como um fato natural e orgânico. Por isso, a importância de Marcel Mauss (1991), que, no artigo “Técnicas e Movimentos Corporais”, faz uma quebra nesse discurso, ao colocar duas noções centrais, que inauguram a perspectiva antropológica do corpo. De um lado, o sentido cultural e diferenciado, ao afirmar que cada sociedade possui suas próprias atitudes e técnicas corporais; de outro, o substrato social no aprendizado e reprodução das técnicas corporais, que coloca um claro conteúdo social como causa constitutiva da corporalidade (MAUSS, 1991, p. 338–355).

Em diálogo com Mauss, está Robert Hertz (1928), que faz aportes substanciais ao desenvolvimento desta visão antropológica do corpo. Em seu estudo sobre a preeminência da mão direita, salienta a perspectiva do corpo como construção social, como “fato social total”, através do qual se pode atingir o conhecimento da sociedade, de sua configuração, formas de ordenar e classificar o mundo (HERTZ, 1928).

A partir desses autores, o corpo passa a ser objeto da reflexão antropológica, como uma construção social e cultural, parte das representações sociais e via na compreensão da cultura.

Múltiplas abordagens têm-se desenvolvido, desde então, assim como estudos etnográficos que acrescentaram o conhecimento da diversidade de formas e construções corporais. No Brasil, o estudo de Seeger, Da Matta e Castro (1979) marca um importante passo nesta busca conceitual. Os autores propõem os conceitos de corporalidade e de construção de pessoa como princípios de

organização social, como “matriz de significados sociais e objeto de significação social” (CASTRO, 1979; DA MATTA, 1979; SEEGER, 1979, p. 10) nas sociedades indígenas de América do Sul.

Nessa perspectiva teórica, é clara a centralidade do corpo como princípio de organização do mundo social e princípio de significação. O corpo não só é uma construção social, princípio que estava colocado desde Mauss, mas também um construtor do mundo social.

Nas sociedades ocidentais, segundo outro ângulo, o corpo também ocupa um lugar central. Mais que “matriz de significação social”, o corpo se constitui no “recinto objetivo da soberania do sujeito” e no “fator de individualização” (LE BRETON, 1995). Essa concepção, além de estar estreitamente vinculada com a estrutura social de “orientação individualista”, que caracteriza a sociedade ocidental (DUMONT, 1992), faz parte do processo cultural que vive a modernidade, em que o corpo começou a ser visível, como objeto, representação, valor, signo, ou seja, parte inseparável do indivíduo.

E, em especial, desde os finais dos anos sessenta, quando surge um novo imaginário sobre o corpo, que

conquista prácticas y discursos hasta entonces inéditos. Luego de un tiempo de represión y de discrición, el cuerpo se impone, hoy, como un tema predilecto del discurso social, lugar geométrico de la reconquista de uno mismo, territorio a explorar, indefinidamente al acecho de las incontrolables sensaciones que oculta, lugar del enfrentamiento buscado com el entorno, gracias al esfuerzo (maratón, jogging, etc) o a la habilidad (esqui); lugar privilegiado del bienestar (la forma) o del buen parecido (las formas, body-buil-ding, cosmética, dietética, etcétera) (LE BRETON, 1995, p. 151).

Nesse contexto social e cultural, o corpo aparece como uma matéria disponível, aberta a todas as modificações, mudanças e transformações. O corpo se converte na obra-prima de construção do sujeito, inacabado e imperfeito, estando em permanente elaboração e em constante ressignificação. Num processo, em que o sujeito, através da construção de sua própria corporalidade, constrói-se a si mesmo. Por isso, as marcas corporais, como a tatuagem, são uma forma de revelar sua presença no mundo, um sinal íntimo gravado na carne: “Elle est une signature de soi, elle affirme avec force une individualité” (LE BRETON, 2002, p. 165). E, em tal sentido, a tatuagem é um elemento do processo de subjetivização.

Assim sendo, fundamentada nesse marco conceitual vou abordar duas grandes temáticas: a reflexão sobre a tatuagem como expressão do processo de subjetivização e a caracterização do grupo dos “tatuados” como expoentes de uma nova construção subjetiva que faz da tatuagem um projeto corporal e de vida.

3.1 A TATUAGEM COMO EXPRESSÃO DA SUBJETIVAÇÃO

3.1.1 O PERFIL DOS TATUADOS

Com o propósito de reconstruir um perfil geral dos tatuados, que permitisse identificar os tipos de sujeitos que se tatuam, seus gostos, suas preferências e suas tendências prevaletentes, realizei uma análise estatística com a informação disponível na loja. Tal informação estava composta basicamente pelas fichas de registro dos clientes, nas que estava registrado o seguinte tipo de aspectos: sexo, idade, local e tipo de desenho.

Retomei todo o período de tempo que tinham registrado, do ano de 1996 até 2002, período que me pareceu relevante destacar porque representa a fase em que muda, dentro do contexto da cidade de Florianópolis, a tatuagem de “fundo de quintal” para a tatuagem profissional. E, nesse sentido, esta informação pode oferecer significativos elementos de contraste e comparação na descrição do atual perfil dos tatuados.

Embora a informação esteja incompleta, devido a mudanças e perdas nas fichas de registro²⁹, os dados obtidos nas estatísticas foram bastante proveitosos para desenvolver a análise sobre o novo sujeito da tatuagem.

²⁹ As deficiências de informações que se tem são as seguintes: uma mudança da ficha de registro no ano 2000, na qual se excluíram os dados pertinentes ao local e ao desenho; a falta de registro dos dados sobre a idade no ano 1996 e a perda dos arquivos do ano 1999.

3.1.1.1 Distribuição das pessoas tatuadas por sexo

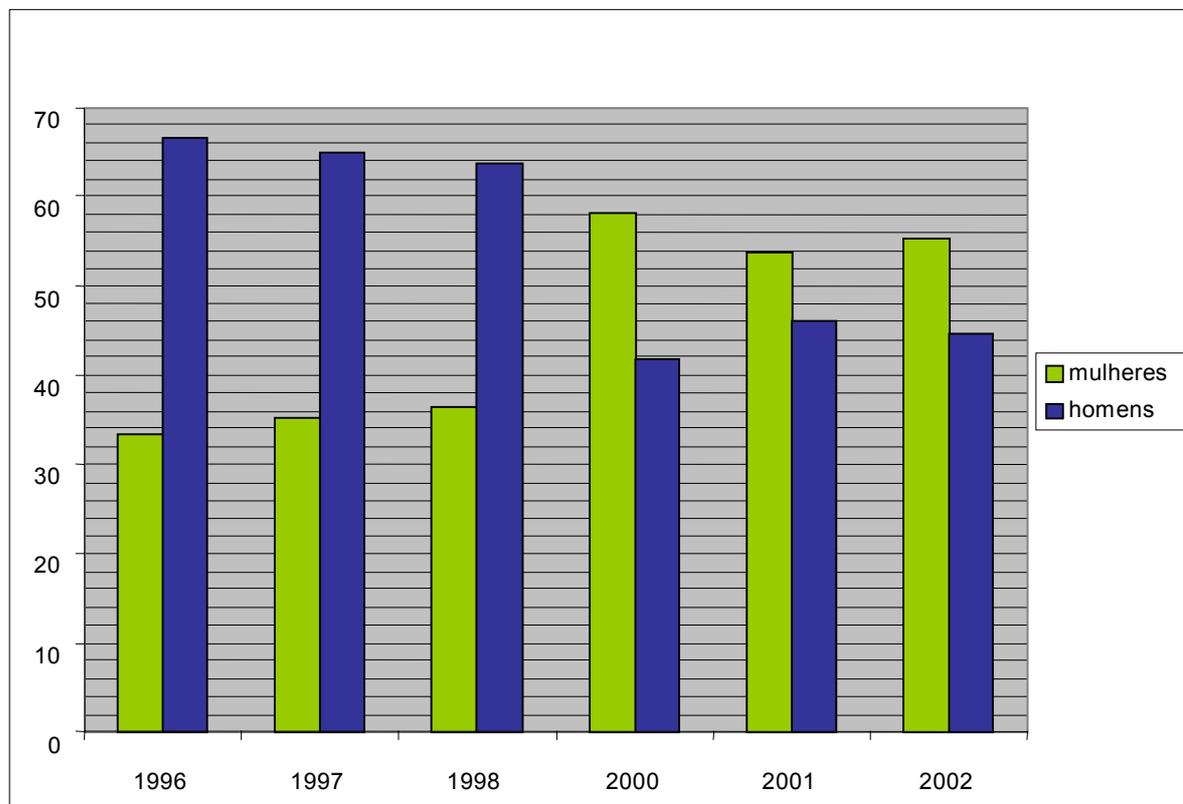


GRÁFICO 1 – DISTRIBUIÇÃO DAS PESSOAS TATUADAS POR SEXO (%)

NB: O número de pessoas tatuadas foi percentualizado devido à variação interanual encontrada nos totais, e também à intenção de mostrar tendência. Em ordem anual ascendente (1996 – 2002), o total de mulheres foram 55, 97, 20, 79, 120, 181, e o de homens 132, 180, 35, 57, 103 e 146.

Como se pode observar no gráfico 1, a correlação de sexos mudou ostensivamente durante o espaço de sete anos. De uma predominância da população masculina, com uma margem superior do 60%, durante os anos 1996 e 1997, passou não só a um equilíbrio, mas a uma supremacia do setor feminino, que no ano 2000, encontrava-se acima do 50%. Que aconteceu? Que fez mudar este perfil?

Para poder explicar este fato, tenho que recorrer aos dados comparativos que trabalhei no primeiro capítulo sobre os diferentes contextos históricos da prática da tatuagem, os quais me permitem deslumbrar que o âmbito de desenvolvimento dessa prática foi basicamente masculino e dominado pelos valores associados culturalmente à masculinidade tais como a valentia, a coragem, a agressividade, a força, entre outros.

No entanto, quando essa prática se abriu, através do comércio, a todo tipo de público, de diferentes idades, sexo ou procedência econômica e social, isso afetou profundamente a relação de gênero existente, levando a um acelerado processo de desmasculinização da prática da tatuagem, de tal forma, que, em pouco tempo, as mulheres irromperam no novo cenário e, mais que isso, posicionaram-se como primeiras consumidoras.

3.1.1.2 Distribuição das pessoas tatuadas por grupos de idade

A característica mais visível que está mostrando o gráfico N.2 é a relacionada com o significativo aumento das pessoas que se tatuam dentro das faixas de idade mais avançadas, um incremento que se dá em duas direções: em cobertura e em quantidade. Em termos de cobertura, se pode observar que a partir do ano 2000 o quadro de população se estendeu pelas faixas etárias localizadas acima dos 39 anos. Em termos de quantidade, se observa um significativo crescimento (15%) nos grupos etários localizados acima dos 25 anos.

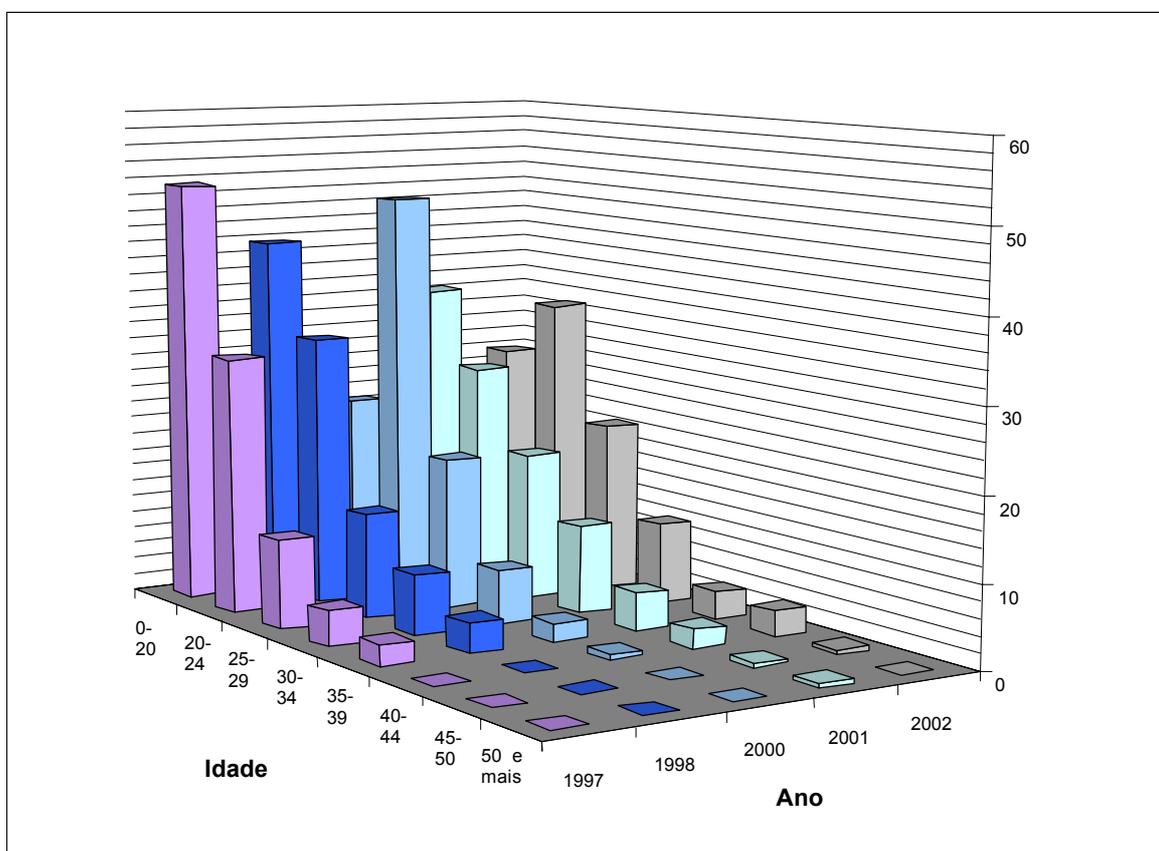


GRÁFICO 2 - DISTRIBUIÇÃO DA TATUAGEM POR GRUPOS DE IDADE (%)

Esta mudança se pode compreender na mesma direção em que se interpretou as diferenças na distribuição por sexos, quer dizer, como o resultado do processo de comercialização da prática da tatuagem, que permitiu ampliar e diversificar o seu público. Neste caso, dos grupos de idade que, anteriormente, estavam concentrados dentro da população juvenil.

Esta escalada da tatuagem pelos diferentes grupos de idade e, em especial nas idades mais avançadas, debate-se também no terreno dos preconceitos, porque este passo implica não só em atingir a novas faixas etárias, mas também se desprender da associação que é feita com a adolescência, ou melhor, com esse período da vida e seus valores, tais como: a “rebeldia”, a “imaturidade” e a “impulsividade”.

Dentro das interrogações que geram este novo perfil, está a relacionada ao tipo de procedência das pessoas registradas nos grupos etários mais avançados. De acordo com os donos da loja, tal público pode ter várias origens: de um lado, os jovens que se tatuaram na década do setenta e que com a nova dinâmica se entusiasmaram a tatuar-se de novo; de outro, os que começaram a se tatuar na década do noventa – dentro do novo contexto da prática da tatuagem - e que continuaram dentro dessa mesma dinâmica e, por último, os que tomaram a decisão de se tatuar nos últimos anos.

Apresento um caso desta última situação, através da história de um senhor de 50 anos que decide fazer sua primeira tatuagem:

Eu sempre quis ter minha tatuagem, e agora surgiu essa oportunidade, já marquei hora e estou preparado, vou fazer no ombro e braço um índio americano montado num cavalo, é lindo o desenho, o escolhi porque anos atrás o vi numa revista, gostei e o guardei no coração e agora vou fazer. Acho que antes não deu certo porque meu trabalho não permitisse muito assim, se tinha muito preconceito, as próprias empresas antigamente perguntavam nas entrevistas se tinha tatuagem, mas hoje eu sou autônomo, já tenho as minhas duas filhas tatuadas, um genro tatuado e eu sou divorciado, então faço de minha vida o que eu quero.

Apesar do grupo de adolescentes e jovens ter diminuído através dos anos estudados, ainda, no ano 2002, representa 60% do total dessa população, existindo uma certa estabilidade, pelo menos na faixa etária compreendida entre os 20 e os 25 anos, que é o setor dos adultos jovens, que representam através de todos esses anos uma porcentagem constante do 34%.

Não acontece igual com o grupo dos menores de idade, o qual sofreu uma importante redução, passando de ser 52% da população no ano de 1997, para 27% no ano de 2002, mudança que foi progressiva durante o percurso desses anos, e está relacionada com dois fatores: o ingresso de novos grupos de idade e sua redistribuição no quadro geral, assim como a expedição de normas e medidas de controle em face dessa prática³⁰, que impediram a realização de tatuagens em menores de idade sem a autorização escrita dos pais, fazendo que, tanto os estúdios de tatuagem como a população em geral, entrassem em uma nova dinâmica de interação. Assim, a forma antiga de tatuar-se, às escondidas dos pais, que seguramente trazia mais risco e menos possibilidade de controle, na atualidade, está sendo substituída pela política do “convencimento”, tal como descreve uma jovem de 15 anos:

Meu pai e minha mãe, acho que pelos anos de convivência concordam quase em tudo, por exemplo ambos não gostam do piercing nem da tatuagem, mas eu convenci primeiro a minha mãe, logo ao meu pai, com ele foi mais difícil, estive tentando por mais de sete meses até que ele acedeu, mas com a seguinte condição: que fosse pequena e num lugar que pudesse ocultar, assim que decidi fazer um sol bem bonitinho no lado superior de minha bunda. Agora meu pai gosta, e inclusive quando chegam seus amigos ele mostra e disse orgulhoso que me deixou fazer.

³⁰ Como já mencionei, no primeiro capítulo, as medidas jurídicas que até o momento têm sido expedidas em torno do exercício da tatuagem são as seguintes: a Portaria CVS-13, de 07-08-92, do Centro de Vigilância Sanitária de São Paulo, que, no artigo 5, diz: “É expressamente proibida a realização de tatuagem em menores de 21 anos de idade, sem autorização por escrito do pai ou responsável legal”; a Lei Estadual n. 9.828, de 06-11-97, que proíbe a realização, em menores de idade, de procedimentos inerentes à prática da tatuagem e a Portaria CVS-12, de 30-7-99, do Centro de Vigilância Sanitária de São Paulo, que, no Artigo 17º, estabelece que: “É proibida a realização de prática de tatuagem em menores de idade, assim considerados nos termos da legislação em vigor”. Todas estas normas jurídicas têm sido expedidas pelo Estado de São Paulo e, na atualidade, vários Estados estão também trabalhando suas próprias legislações. Mas, até o momento, este marco legal tem sido utilizado como referente pelos diversos atores dessa prática, nos diferentes contextos sociais.

3.1.1.3 Localização corporal das tatuagens³¹

EM MULHERES:

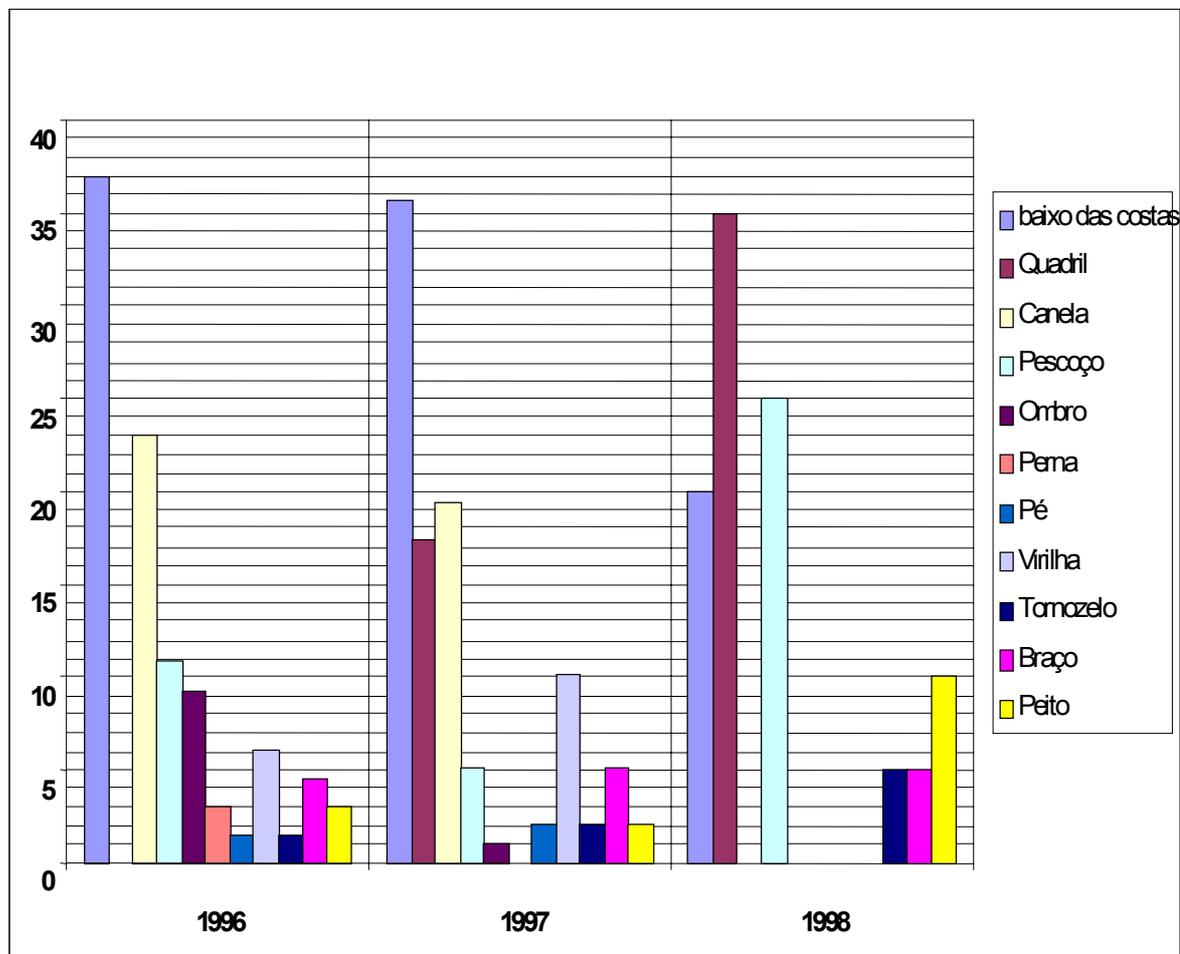


GRÁFICO 3.A - DISTRIBUIÇÃO DE TATUAGENS POR LOCAL (MULHERES) (%)

³¹ Como foi aclarado no começo do perfil, as estatísticas levantadas têm certas deficiências de informação, devido a que, a partir do ano 1999, excluíram da ficha de registro os dados concernentes ao local e ao tipo de desenho escolhido.

EM HOMENS:

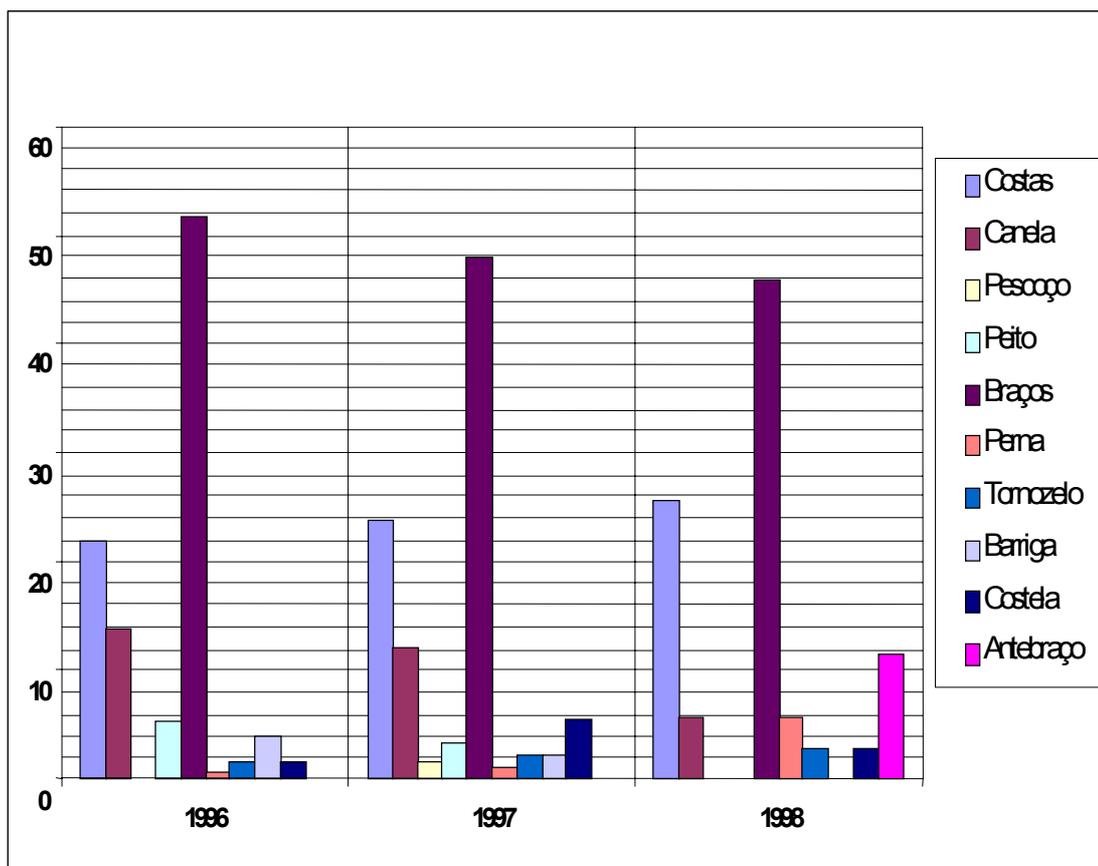


GRÁFICO 3.B - DISTRIBUIÇÃO DE TATUAGENS POR LOCAL (HOMENS) (%)

De acordo com os gráficos (3a e 3b), as escolhas do local da tatuagem são claramente orientadas pelos padrões sexuais. No caso das mulheres, suas preferências são a parte baixa das costas, representando entre 20 e 30 % de suas escolhas, seguidas pelo pescoço, canela, quadril e barriga, e, em proporções menores e oscilantes, outros locais como os braços, peito e tornozelo. Em contraste, os homens se inclinam pelos braços, que constituem 45% de sua escolha, as costas, que representa 20%, seguido da canela, com 10%, e, em quantidade menor, os outros locais do corpo.

3.1.1.4 Estilos de desenhos escolhidos

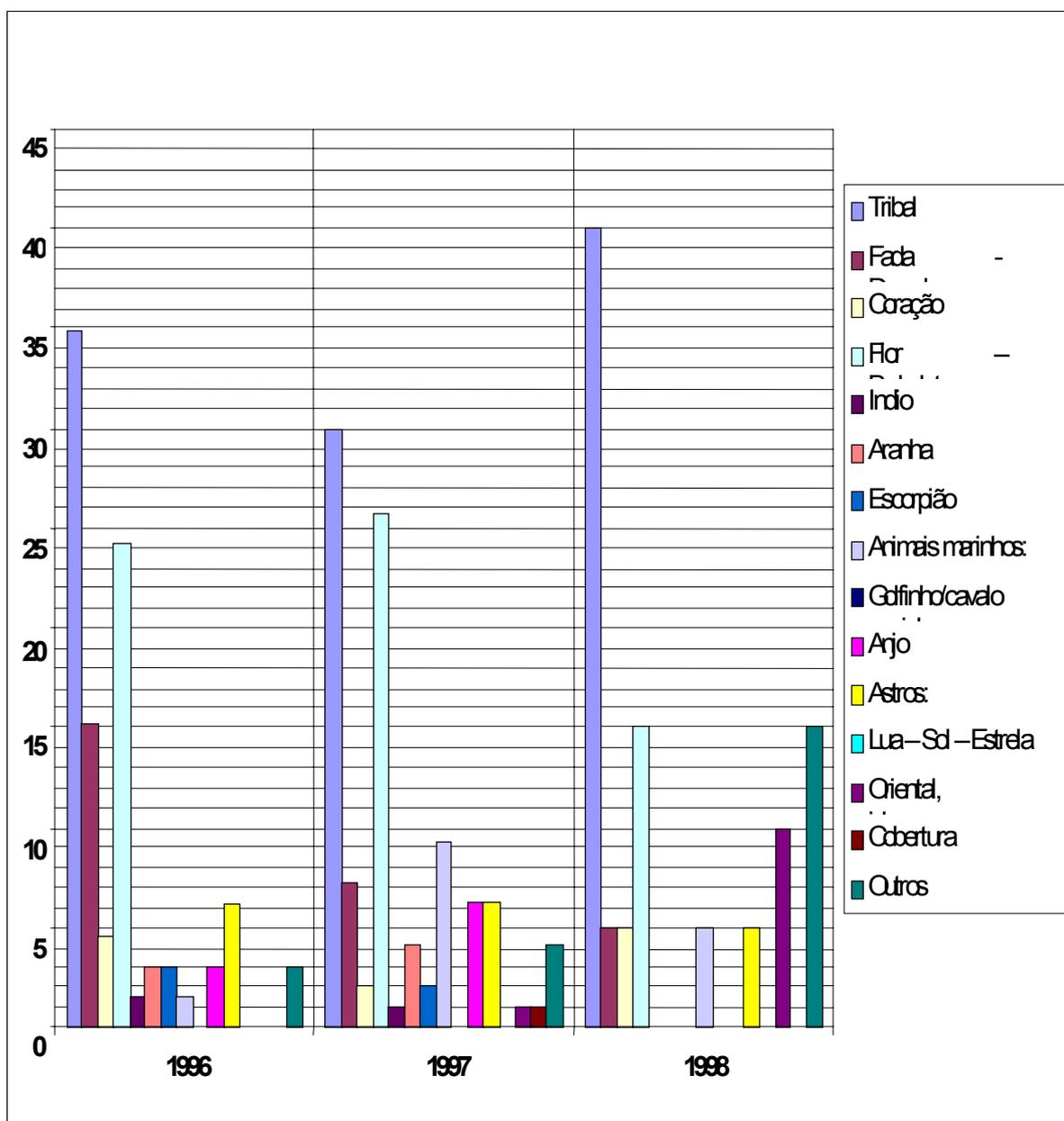


GRÁFICO 4.A - ELEIÇÃO DE DESENHO DE TATUAGEM NAS MULHERES (%)

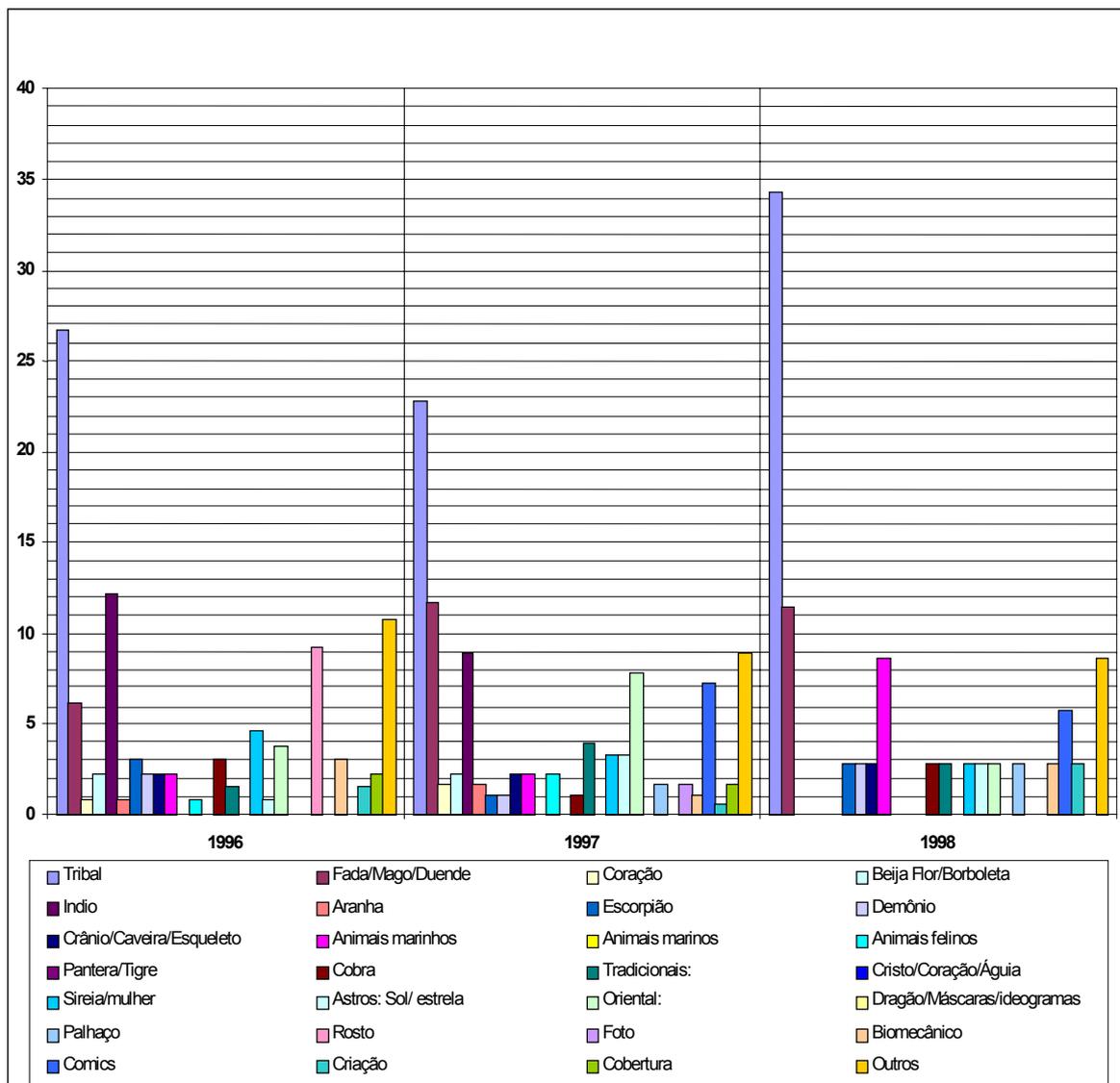


GRÁFICO 4.B - ELEIÇÃO DE DESENHO DE TATUAGEM NOS HOMENS (%)

Como se pode observar, as cifras demonstraram uma clara preferência pelos desenhos **tribais**, tanto de mulheres, que representam 34%, como de homens, que representaram 27% da escolha.

Os desenhos tribais são imagens inspiradas nas tatuagens dos povos indígenas das ilhas do Pacífico, em especial do povo Maori, e chegaram ao mundo ocidental através dos marinheiros e viajantes, que seduzidos com essa arte, trouxeram tais imagens em seus próprios corpos. Caracterizam-se por ter um estilo monocromático, não figurativo, composto por arabescos que configuram diferentes movimentos e formas. Como afirma Célia Ramos, “são desenhos que não só se adaptam a qualquer corpo como a qualquer tempo” (RAMOS, 2001, p.169); bela metáfora que ajuda a compreender sua passagem através da história e das culturas,

com períodos em que ficam esquecidos e outros em que ganham um importante prestígio, tal como acontece desde os anos oitenta, quando viraram moda.

Além da atração pelo exótico, que, desde o começo acompanhou a prática da tatuagem no Ocidente, a plasticidade, as possibilidades lúdicas e criativas e a particular estética que, segundo Le Breton (2002, p. 112) “não aprisiona os corpos”, fazem desses desenhos um lugar comum entre os diversos públicos que procuram a tatuagem.

Além da preferência pelos desenhos tribais, há uma divisão de tendências de acordo com o sexo, encontrando-se, no caso das mulheres, uma importante inclinação pelos motivos de flores e de borboletas, que representam o 21% de sua escolha, e que parecem indicar uma conotação com os valores femininos tais como a ternura, o delicado e/ou o bonito.

No caso dos homens, são imagens relacionadas com o sentido do selvagem e que sugerem uma conotação com valores masculinos, que se podem agrupar em duas linhas: os chamados “índios” – cuja maioria são réplicas do “índio americano” – que estariam denotando o espírito guerreiro, a valentia, a rudeza, como uma forma de ver a “natureza humana selvagem”, e os animais selvagens e/ou mitológicos como o tigre, a pantera, e a cobra, que expressariam a ferocidade, o perigo, a agilidade, como uma sublimação da “natureza animal selvagem”. Esses desenhos representaram em média 14% da escolha.

Seguidamente, apresentou-se como tendência comum, os motivos de uma linha mística, que incluía fada, mago e duende, e que constituíram 9% das preferências. Essa linha denota uma inclinação bastante acentuada dentro da cultura ocidental contemporânea pelas imagens mágicas ou supersticiosas que trazem as idéias de mistério, sorte e encantamento.

Dentro das escolhas masculinas minoritárias, mas ainda significativas, estão as de demônios, crânios e esqueletos, com 5%, que recriam “antivalores” como a morte, o medo, o feio, o mal, e também sublimam a valentia e o poder dos homens ante o mundo obscuro do tenebroso. Com essa mesma porcentagem, encontram-se as escolhas de desenhos de mulheres, nas quais incluí as legendárias sereias, reminiscências dos marinheiros, e as *pin-up girls* americanas, bonecas sensuais que decoravam as paredes dos bares durante os anos sessenta e que foram adaptadas para a tatuagem (RAMOS, 2001, p. 165).

Numa porcentagem um pouco menor, (4%), estão os desenhos tradicionais,

de origem religiosa. tais como o Cristo ou o Sagrado Coração, que fazem parte da iconografia de adoração do catolicismo e que tem tido através do percurso da tatuagem uma ampla acolhida entre seus fies. E imagens, como a Águia, símbolo da cultura norte-americana, que se converteu nos anos sessenta na marca de identificação dos *choppers*, tatuada em seus corpos e impressa em suas motos e acessórios (RAMOS, 2001, p. 164).

Dentro da linha de desenhos nomeados “tradicionais”, incluem-se todos aqueles motivos que foram considerados “moda”, em diferentes momentos e contextos em que se desenvolveu a prática da tatuagem, no mundo de marinheiros, da malandragem, dos presidiários e dos grupos juvenis dos anos sessenta e setenta - *choppers*, *hippes*, *skaners*, *punks* - que, na atualidade, continuam fazendo parte das opções de se tatuar, porém com uma nova linguagem técnica e expressiva. Destaco dois importantes estilos: o *Old School* e o *New School*. O primeiro reproduz as mesmas imagens, mas com os traços, as cores e os acabamentos depurados da técnica moderna, e o segundo, iniciado durante os anos 90, pelo tatuador norte-americano Marcus Pacheco (PIERRAT, 2000, p. 213), faz, com base nos motivos tradicionais, imagens mais expressivas, exagerando seus traços e colocando cores vivas e intensas.

Nas escolhas das mulheres, também minoritárias, se encontram os astros: sol, lua e estrelas, com 5%, dentro de uma linha místico-cósmica, que faz parte da atração atual por tal tipo de referentes. Logo, com uma porcentagem menor, de 3%, está o desenho de corações, motivo associado ao tema do amor. Ainda que esse desenho seja mais acolhido dentro do público feminino, também os homens o procuram, sendo freqüente encontrar casais que tatuam igualmente tal imagem.

Outra das escolhas compartilhadas, ainda que um pouco mais relevante para os homens, é a linha dos desenhos orientais, com motivos como dragões, máscaras, ideogramas, que representaram perto de 4% do total. Esses desenhos provêm da tradição japonesa e, desde a época em que se tornaram conhecidos, nos meados do século XIX, têm sido bastante apreciados pelo mundo ocidental, a ponto de famosos tatuadores japoneses abrirem lojas nos Estados Unidos e na Inglaterra, onde difundiram sua técnica e estilo. Entretanto, o momento, no qual se ampliou esta troca de conhecimentos, foi, segundo Pierrat (2000), nos anos sessenta, quando, através da ilha do Hawai, aumentou o contato com os colegas japoneses, tendo sido sua iconografia integrada e adaptada à prática da tatuagem no Ocidente

(PIERRAT, 2000, p. 211).

Com uma presença mais discreta dentro do quadro de escolhas (2%), mas constante durante todo este período, tanto em mulheres como em homens, estão os desenhos de animais marinhos, como golfinhos, cavalos do mar, peixes e tubarões, que de acordo com seus depoimentos sugerem uma influência do entorno, da ilha, do litoral, das praias, enfim, da vida relacionada com o mar.

Por último, quero ressaltar as escolhas que, se não apareceram estáveis, nem quantitativamente relevantes, indicaram novas inclinações por motivos e linhas de desenhos que têm surgido durante os anos noventa e que, em especial, o público masculino tem começado experimentar e adotar, tais como: os rostos, as fotos, os biomecânicos, os *comics* e a criação.

Dentro da linha de rostos, quero salientar dois estilos que predominaram; de um lado, o realista, no qual incluo também as fotos, e que consiste em imagens de cantores, artistas, líderes, ídolos, ou familiares (no caso das fotos), que são gravados na pele, o mais parecido possível com a realidade; de outro lado, o expressionista, que são rostos disformes, cujo maior expoente é o famoso tatuador nova-iorquino, Paul Booth, que criou uma linha de tatuagem caracterizada pelo uso de sombras, de cores cinzas e de motivos mórbidos e macabros (PIERRAT, 2000, p. 213).

Os desenhos Biomecânicos, de uma linha futurista, em que se misturam as formas biológicas com as mecânicas, expressam de uma maneira metafórica a tecnicização do corpo e com ele do ser humano. Através de circuitos eletrônicos, máquinas cibernéticas, formas geométricas derivadas da “cibercultura” e dos jogos de vídeo, recriam o novo imaginário urbano, a crescente tecnicização e a vida mecanizada (LE BRETON, 2002, p. 112).

Noutra perspectiva, mas com esse mesmo fundo de mundo urbano e cosmopolita, estão os desenhos do tipo *comics*, através dos quais se recriam os ídolos de séries de televisão e de histórias em quadrinhos, espaços altamente expressivos da cultura visual, e que constituem para as novas gerações importantes referentes simbólicos.

Os desenhos de criação, timidamente figurando dentro das estatísticas desses anos, são aquelas tatuagens realizadas pelo tatuador, seja sobre um tema dado ou sobre sua livre inspiração. Este estilo foi amplamente abordado no segundo capítulo.

3.1.2 OS HÁBITOS DA ESCOLHA E A LINGUAGEM DA TATUAGEM

O que está mostrando esses dados de relevante para a análise da prática da tatuagem? O que diz sobre o sujeito que dela fez parte? Na verdade, quis explorar a informação estatística como um complemento que me permitisse ter uma visão global das pessoas que se tatuam, de seu perfil, de suas preferências, de suas escolhas, aspectos que ajudam a contextualizar o debate sobre o tipo de subjetividade que ali está em jogo. Uma subjetividade que está em construção, que se alimenta de dentro, e um conjunto de relações e de recursos simbólicos que estão mediando a ação. Porque, apesar de minha ênfase estar em entender a experiência, o processo e a interação como o âmbito em que o sujeito se está configurando, também, é preciso ter uma noção dos recursos e das disposições que delimitam o interagir social.

Assim, o levantamento estatístico me permitiu desvelar que existem atitudes padronizadas na escolha da tatuagem, as quais não se derivam do entorno mesmo da tatuagem, senão que fazem parte das disposições sociais que Bourdieu chama de *habitus*, e atuam como “disposições incorporadas quase posturais” (BOURDIEU, 1989, p. 61).

Essas atitudes são bastante evidentes em relação às preferências existentes entre homens e mulheres, sendo que, nesse sentido, poderiam ser denominadas como “*habitus* da escolha”. Tais hábitos não se originam do acaso nem da natureza biológica do corpo da mulher ou do homem, mas estão indicando uma relação de gênero que é construída culturalmente e que, segundo Bourdieu (1995, p. 133), está “inscrita há milênios na objetividade das estruturas sociais e na subjetividade das estruturas mentais”.

Sustentam-se sobre a forma como é percebido e construído culturalmente o corpo, a partir de parâmetros do “feminino” e do “masculino”, que marcam limites, que transmitem e expressam valores. O corpo é sinalizado, fragmentado e sexualizado em cada uma de suas partes. Como por exemplo, o pescoço, que, em muitas culturas, é um lugar de especial conotação feminina e, assim, adornado, exibido e idealizado por mitos como o vampirismo, que o converteu num lugar privilegiado por onde as mulheres eram “chupadas”; ou os braços, para o caso dos homens, relacionados com a força, potência, atividades com um forte significado masculino como levantar peso ou boxear.

Portanto, as escolhas do local da tatuagem sugerem este universo significativo, como no caso dos homens, em que a escolha de braços e costas faz parte de uma simbolização de virilidade e, nas mulheres, locais, como a parte baixa das costas, o quadril, a canela, o pescoço e a virilha, estão associados com a sensualidade. Todos ideais do ser “feminino” e do ser “masculino”.

Os resultados que obtive sobre as preferências da localização corporal das tatuagens são bastante próximos aos que obtive Sanders (1988), na pesquisa que realizou durante os anos oitenta, nos Estados Unidos, onde mostrava a preferência dos homens pelos braços (71%), e das mulheres pelos seios (31%), ombro/costas (13%) e cadeiras (10%)³². Apesar de existir algumas variações, em essência se mantêm as inclinações por partes corporais associadas aos valores anteriormente mencionados da masculinidade e da feminilidade.

Ainda que Sanders não realiza uma associação entre localização corporal das tatuagens e gênero, quando aborda os desenhos preferidos por homens e mulheres, afirma:

The designs chosen by men are usually larger than those favored by women and, rather than employing the gentle imagery of nature and mythology (flowers, birds, butterflies...), they frequently symbolize more violent impulses. Snakes, bloody daggers, skulls... are dominant images in the conventional repertoire of tattoo designs chose by men (SANDERS, 1988, p. 415).

Tais resultados são bastante coincidentes com os dados das estatísticas que analisei, não só no repertório das imagens escolhidas, mas também no sentido que o autor lhe dá – de impulsos mais ou menos violentos –, e que estariam reiterando o que venho dizendo sobre os padrões de “feminino” e “masculino”, que se manifestam através das escolhas da tatuagem. No caso dos estilos de desenhos escolhidos, se estaria recriando outra dimensão simbólica dessa dicotomia, não tão ligada ao erotismo que denota aos locais e ao corpo, mas como qualidades de

³² O universo de pesquisa no qual se fundamentou o autor foi, de um lado, 163 pessoas que assistiram à Convenção Nacional da Associação de Tatuagem da Filadélfia, realizada em 1984, nas quais aplicou um teste. E, de outro lado, 16 entrevistas semi-estruturadas (SANDERS, 1988, p. 404).

comportamento, que para o ser “feminino” estaria na linha do – delicado, terno, fraco -, e para o ser “masculino” na do – violento, agressivo, forte.³³

Parece também evidente que, dentro do âmbito da tatuagem, há uma linguagem simbólica que está mediando esse universo, dando-lhe certos sentidos e demarcando o jogo de possibilidades da escolha. Uma linguagem que está relacionada com as imagens e com os significados que têm, e com os contextos que evoca e nos quais se insere. Essas imagens em seu conjunto atuam como símbolos no sentido que Bourdieu lhes dá:

Os símbolos são os instrumentos por excelência da interação social: enquanto instrumentos de conhecimento e comunicação, eles tornam possível o consenso acerca do mundo social o que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a interação lógica é a condição da interação mora (BOURDIEU, 1989, p. 10).

Quando analisei as escolhas dos estilos de desenhos, tentei caracterizar os contextos e os significados com os quais se relacionam, e nessa busca, pude constatar uma interessante teia de sentidos que articula velhos códigos de tatuagem com novas preocupações, num saber compartilhado, que, apesar da multiplicidade de formas e atributos, aparecem sob alguns fios temáticos que quero salientar.

Em primeiro lugar, os grandes sentimentos e inquietudes que fazem parte da cultura ocidental³⁴: o amor, representado com corações³⁵; a morte e sua simbologia de caveiras, caixões, cruzes, demônios³⁶; a religião e suas imagens de idolatria – os corações sagrados, o rosto de Cristo, os anjos, os santos, as virgens - e as idéias

³³ De maneira similar, na pesquisa realizada pelo antropólogo francês David Le Breton, numa população, que pelos depoimentos que aparecem através do livro, parecem ser jovens franceses, o autor concluiu que, de maneira geral, as mulheres escolhem desenhos que evocam a doçura, a ternura ou a calma, e os homens, imagens que buscam a afirmação do eu e da virilidade: “De petite taille, en principe évocateur de douceur, de tendresse, d’apaisement et sur des lieux du corps discrets... A l’inverse, celles des hommes sont souvent de large taille, tribales, mais aussi couramment agressives, et effectuées en des lieux du corps publique ment exposés... Dans les imaginaires sociaux masculins, le tatouage joue un rôle d’affirmation de soi, d’ancrage d’une virilité” (LE BRETON, 2002, p. 110-111).

³⁴ De acordo com Catherine Grogard, a comunicação agressiva, ou pelo menos licenciosa, parece ser o motivo de inspiração da tatuagem, em que os temas preferidos são: a violência, o sexo e a morte. Ver: *Taouage – Tags à L’âme*, Paris, Syros Alternatives, 1992. pg. 120 .

³⁵ Segundo Grogard, o motivo do coração na iconografia ocidental serve para lembrar o amor sentimental, havendo uma tendência para o esquecimento do seu simbolismo erótico (GROGNARD, 1992, p. 120).

³⁶ Grogard afirma que existe uma enorme quantidade de símbolos ligados à imortalidade, como círculos entrelaçados à moda celta, serpentes, dragões e outros animais místicos, os quais: “Ils sont liés à la vie et à la mort, à la recherche existentielle humaine” (GROGNARD, 1992, p. 122).

místicas e/ou do mundo da magia, com imagens como os magos, as fadas, os duendes, os signos do zodíaco e os astros.

Em segundo lugar, os seres míticos ou totens animais e/ou vegetais com os quais o homem estabelece uma identificação de qualidades, tais como, a selvageria, ferocidade, astúcia, delicadeza, agilidade, etc, as quais, como se tem visto, fazem parte do repertório em torno do qual giram as diferenças de gênero.

Em terceiro lugar, as imagens exóticas provenientes de outras culturas, com as quais nasce a tatuagem no Ocidente e pelas quais sempre tem havido uma poderosa atração como os tribais da Polinésia, a arte japonesa, a arte céltica e os desenhos maias.

Em quarto lugar, o imaginário social e pessoal, que é representado através dos heróis e/ou personagens que têm especial significado, tais como líderes políticos, cantores, atores, heróis da fantasia infantil (*comics*) e familiares com os quais se têm fortes laços afetivos. E, em quinto lugar, as letras e ideogramas, que cumprem o papel de inscrições na pele.

Essa simbologia constitui o patrimônio de motivos, de referentes e de sentidos que tem sido foco de interesse e de busca, ao longo de diferentes épocas e contextos da sociedade ocidental, e que são representados através de certas imagens e tipologias na tatuagem. Este é fundo simbólico, mas sua forma expressiva e, sobretudo, o tipo de apropriação têm variado no percurso da história.

Dentro dos setores marginais, a tatuagem era assumida como um modo de inscrição, como uma maneira de marcar sobre o corpo determinados sentimentos ou valores, através de imagens carregadas de significado social, nas quais se estabelecia uma relação bastante estreita entre a forma e o sentido culturalmente dado. Um sentido que, a partir de certas convenções, como por exemplo, coração=amor, ou caveira=morte, ou pantera=força, ou mais figurativos ainda, como a âncora=vida de mar, constituíam uma linguagem denotativa das atividades da pessoa, seus vínculos, seus sentimentos e seus referentes de identidade (como no caso da águia para os *choppers*). Assim, as imagens tatuadas no corpo atuavam como ícones de significado e de pertencimento a determinados ambientes, setores e categorias sociais e uma linguagem que privilegiava o significado, em seu sentido social e cultural mais amplo, onde o indivíduo se expressava desde sua condição de marginalidade.

Essa forma de assumir a tatuagem começa a mudar de maneira profunda a

partir dos anos oitenta, dentro de um novo contexto comercial e profissional, no qual, ademais de uma maior qualidade técnica, desenvolvem-se de maneira prolífera e criativa diversos estilos que bebem em diferentes tradições da cultura visual e artística, como o *grafitti*, o *comics*, a fotografia, o realismo, o futurismo, o expressionismo e o surrealismo, entre outros. Surgem, então, diversas iniciativas e buscas individuais, numa nova concepção de tatuador-artista contemporâneo, reconhecido e validado nessa condição dentro do meio da tatuagem, como o caso de Paul Booth, tatuador nova-iorquino, que criou o estilo de rostos mórbidos. Assim como ele, outro grupo de tatuadores e desenhistas aportam idéias, renovam formas, que posteriormente se inserem dentro do mundo do mercado da tatuagem, através de diferentes meios de divulgação, como: revistas especializadas, páginas da Internet e convenções nacionais e internacionais.

Tal renovação estilística e expressiva começa a apagar a importância das imagens estereotipadas, para dar um maior relevo e ênfase à forma, cores, perspectiva, definição dos traços, capacidade expressiva, estilística e ludicidade das imagens, nas quais, mais que certos significados ou referentes culturais, prevalecem o sensível, o emotivo, o belo, o agradável, o harmonioso, quer dizer, o sentimento estético enaltecido e expresso através do corpo.

Assim, a **estética**, dentro desse novo contexto, aparece como um valor essencial, que dinamiza uma nova linguagem, sentido e forma de apropriação, que a afastam de sua anterior perspectiva, tal como o anota Le Breton (2000, p. 104): “Les tatouages scripturaux, à la manière des graffitis sur la peau, s’ils existent encore de manière marginale, ont aujourd’hui pratiquement disparu, ils devenus déseuets et dérisoires”.

Perdendo-se desta maneira, a equação preexistente entre signo e significado dado inerentemente, o qual não quer dizer que se acabe com as convenções sociais, tal como o afirma Le Breton (2002, p. 106), só que o simbolismo começa a ser mais pessoal, mais interiorizado, formulado desde o seu mundo e suas interpretações.

Na verdade, a linguagem moderna da tatuagem se torna mais complexa, porque o fundo comunicativo e significativo segue sendo social, só que dentro de uma nova estrutura, onde a forma, a imagem e sua representatividade se configuram a partir de ópticas individuais e se expressam através de uma técnica corporal que cada vez tenta ser mais decantada e artística.

Assiste-se, então, a construção de uma linguagem em torno da estética e do sentido artístico que, hoje em dia, faz parte do novo referencial de comunicação, compartilhado por seus diferentes atores, os especialistas, os usuários e o público em geral. Embora em muitas ocasiões não exista um domínio da terminologia técnica, como o tipo de traços, as cores, as sombras, etc, nem as proporções dos tamanhos e os locais do corpo, há uma preocupação permanente pela qualidade da tatuagem. E esse parece ser um aprendizado que se vai adquirindo na aproximação com o meio. O saber ver e valorizar uma tatuagem, é uma questão que, tal como o disse Mano, “só vai adquirindo o cara com o tempo, curtindo, olhando”.

Porém, há uma nova linha que aparece timidamente nas estatísticas, de cobertura e/ou retoque, que consiste num trabalho posterior, no qual se tenta reformar ou refazer uma tatuagem considerada mal feita. Os arrependimentos não respondem, tal como anota Sanders (1988, p. 421), à decisão de tatuar-se, ou por causa do tipo de desenho escolhido, mas sim à qualidade deles, suscitando raiva, decepção, frustração na pessoa que se tatua (LE BRETON, 2002, p. 104). E, esse é talvez o principal meio de reconhecimento ou invalidação dos tatuadores. Aí se coloca em jogo seu prestígio. Esse é um tema bastante recorrente no diálogo com as pessoas tatuadas, sempre fazendo referência à qualidade de suas tatuagens, e aos episódios desafortunados que já tiveram. No seguinte relato do meu diário de campo, se pode apreciar como se desenvolve esse tipo de situação:



FOTO 3.1 - NÃO QUERO MAIS A TATUAGEM FEIA EM MEU CORPO

FONTE: CHRISTIANE OTT MAYER (2003)

Estava na sala de atendimento um jovem que procurou a loja para retocar o rosto de uma mulher, que tinha tatuado em sua perna,

quando entro no estúdio, Mano começou fazer a prova com canetas sobre a pele para ver se ele gostava do retoque que iria ser feito, enquanto isto acontecia, comentava os erros técnicos que foram cometidos, os desequilíbrios no rosto, a falta de cor, etc. E o jovem passou a dizer que sim, que isso começou a lhe incomodar dois anos depois ser feita, que antes não se tinha dado conta, mas que depois, com uma observação mais detalhada, e com a ajuda de sua mãe que gosta de desenho, viu que tinha erros e quis corrigi-los, que não queria ter mais ‘uma tatuagem feia’ em seu corpo.

3.1.3 OS SUJEITOS E AS SUBJETIVIDADES

O sujeito da tatuagem, hoje em dia, de acordo com os dados analisados, é um sujeito sem rosto definido, múltiplo, diverso, que não tem fronteira de sexo, percorre todas as gerações de idade, excursiona por todas as classes sociais, faz diferentes atividades, foge, portanto, de ser enquadrado em categorias sociais determinadas ou fechadas.

O que identifica esse sujeito, então, não é sua procedência – social, econômica, etária, sexual -, mas as suas formas de assumir e apropriar-se da tatuagem, na qual entra uma série de elementos de avaliação como: a quantidade de tatuagens, os tamanhos, os locais, a maneira de portá-las, de mostrá-las, de escondê-las, e também certos gostos e estilos de vida que acompanham este tipo de diferenciação.

Apesar de uma certa heterogeneidade nas formas de usar as tatuagens, existem algumas tendências que são reconhecidas por eles mesmos e que denotam um interessante jogo de identificações consigo mesmo e em relação aos demais. Tais tendências são, de acordo com seus próprios termos, os de “detalhe”, os “radicais” e os “tatuados”.

Os de “**detalhe**” são os que usam tatuagens pequenas, poucas e discretas, que são levadas como: “complementos ou acessórios, uma coisa que não tem um peso nem um comprometimento muito grande” (MANO).

“**Os radicais**” são os que se tendem a tatuar todo o corpo, inclusive naquelas partes que são consideradas tabus, tais como, o rosto, as mãos e os antebraços, e praticam outros tipos de modificação corporal bastante extrema: “eles alteram o corpo e não tem retorno, fazem implantes, *brandings*, *escarificação*, gostam da dor, eles provocam um impacto grande para ostentar” (FABRÍCIO).

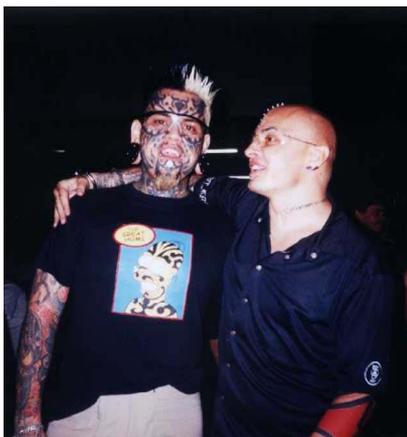


FOTO 3.2 - RADICALIZEI

FONTE: A AUTORA (2002)

Os “**tatuados**” são aqueles que embora tenham grandes áreas corporais tatuadas, diferenciam-se dos anteriores porque não levam ao extremo as modificações corporais, porque mantêm um jogo de “discrição” diante do entorno social, como eles dizem: “somos um ser humano normal, de uma vida normal, que tem família, teus filhos vão para o colégio, mas tu gostas de arte, que tu faz, enche teu corpo de arte, mas onde a roupa cubra, onde tu possas te expor para quem merece te ver, não que tu sejas sempre discriminado” (GÊSA).

Ao analisar com cuidado tais formas de “uso e apropriação” das tatuagens, dentro das categorias que eles mesmos delimitam, poderia pensar em caminhos diferenciados de construção subjetiva, que denotam não só um sentido de identificação pessoal, mas também a forma como eles se posicionam dentro do entorno social mais próximo, dentro do mundo da tatuagem e, mais amplo, na sociedade em geral.

Gostaria de me aprofundar em cada uma dessas tendências, para poder contrastar e enriquecer a análise desta temática, mas os limites da pesquisa me impuseram escolher um caminho. E esse foi o dos “tatuados”, tendência que apareceu bastante clara dentro deste universo de estudo, e que, em meu conceito, apresenta características bastante interessantes na compreensão de um processo, no qual os sujeitos constroem sua identidade através da prática corporal da tatuagem.

Antes de centrar a reflexão nessa tendência, vou fazer algumas considerações gerais sobre a tatuagem de “detalhe”, aproveitando o material recolhido durante o trabalho de campo.

3.1.4 A TATUAGEM DE “DETALHE”

A maioria das pessoas que hoje em dia se tatua está dentro da linha do “detalhe”, cuja característica foi bem sinalada por Mano quando afirmou que as tatuagens são usadas como acessórios ou complementos, que não interferem de maneira substancial na imagem corporal nem em tudo o que está relacionada a ela, como a aparência, a apresentação pessoal e, sobretudo, a interação social.

Ao revisar com atenção os elementos que estão colocados em torno do “detalhe”, se encontra um eixo comum: o problema do estigma social que faz parte da prática da tatuagem no Ocidente. Assim, ao falar do “detalhe”, se denota o minúsculo do fato, que é algo leve e pequeno, portanto, não afetando a “normalidade” da pessoa. Isso responde à grande preocupação de que essas tatuagens sejam discretas, quer dizer, que estejam localizadas numa parte do corpo, onde a pessoa possa facilmente ocultá-las ou fazê-las visíveis de acordo com as circunstâncias sociais.

Essa é uma das características que Goffman anota para as pessoas que têm um estigma, mas, que se encontram dentro da categoria dos “desacreditáveis”, quer dizer os que podem fazer “[...] manipulação de informação sobre seu defeito. Exibi-lo ou ocultá-lo; contá-lo ou não contá-lo; revelá-lo ou escondê-lo; mentir ou não mentir; e em cada caso, para quem, como, quando e onde” (GOFFMAN, 1963, p. 51).

Assim, as pessoas que fazem esse tipo de tatuagem, estariam no grupo dos “desacreditáveis”, ou seja, que apesar de ter uma marca corporal considerada socialmente como estigmatizante, podem passar despercebidos. Este é o fundamento do que quis transmitir Mano, quando disse que as tatuagens pequenas não os comprometem, porque não assumem o risco de entrar socialmente na categoria dos “tatuados”, uma posição que, apesar das mudanças dos últimos anos em face dessa prática, ainda segue sendo motivo de preconceito e de preocupação.

No seguinte relato, apresento como é assumido o problema de estigma social diante da tatuagem e como isso se converte no fator decisório da escolha feita:

Minha maior dificuldade em tomar a decisão foi a escolha do local, porque tinha que ser um lugar que não fosse muito visível nem para o público nem pra mim, para o público por meu trabalho, por minha formação na área da saúde, porque existe o preconceito, existe discriminação para as pessoas que são tatuadas, e também é uma discriminação minha de não querer que as pessoas vejam. Então o

lugar que eu escolhi foi nas costas, no canto esquerdo, foi o lugar que achei mais adequado, também achava o pescoço um lugar sensual, mas não fiz ai porque é um lugar que fica muito exposto (CAMILA, 25 anos, fisioterapeuta).

Tais tatuagens são usadas como acessórios, como complementos corporais, dentro de uma busca que eu poderia chamar de “estético-ornamental”, onde a pessoa procura embelezar, enfeitar sua figura, através de um “detalhe” que se agrega ao corpo, como um espécie de “fetiche”, tal como expressa Luciane:



FOTO 3.3 - O FETICHE DO DETALHE

POR: CHRISTIANE OTT MAYER (2003)

Para mim as tatuagens são meio *fetiche*, faço em locais que acho que vão ficar legal com o meu corpo, não é uma coisa muito grande, nem exagerada, mas, ao mesmo tempo sutil, sou muito detalhista, acho que as coisas assim estão no detalhe, a diferença está nos detalhes e aí eu faço mais para ter um detalhe em meu corpo, eu acho bonito (LUCIANE, 25 anos, estudante de administração).

Essa é uma perspectiva relativamente nova dentro da sociedade ocidental, incentivada pelo novo contexto social e cultural da prática que comercializa a tatuagem e a converte num tipo de adorno corporal, a ponto de nos últimos anos ter virado moda, ganhando certa aceitabilidade social, tal como anota Gesa, em face das reações que têm as pessoas, quando olham uma tatuagem numa jovem de classe social média: “ah! Como é maluquinha, ah! Tu és moderna, é a moda”.

Assim, esta linha comercial da tatuagem tem proliferado bastante, procurada tanto por homens como por mulheres, só que de ópticas diferenciadas. No caso das mulheres, tal como o anota Le Breton (2002, p. 110), é assumida como um “cosmético original e indelével” que busca chamar à atenção, aumentar o charme, atrair os olhares, em outras palavras, seduzir. O interessante é que tal efeito não se situa no próprio desenho, mas no local em que ele foi tatuado, porque: “Ils se

détachent du reste du corps pour mieux focaliser l'attention et diriger le désert sur un endroit précis, judicieusement choisi dans les parties les plus charnues (siens, fesses)” (GROGNARD, 1992, p. 115).

Por isso, coloca-se especial ênfase na escolha do local, que está diretamente relacionado com a sensualidade. Tal sentido é bem expressado por Camila quando disse: “também achava o pescoço um lugar sensual, mas não fiz aí porque é um lugar que fica muito exposto”, ou por Luciane, quando explica a escolha dos locais de suas tatuagens:

É uma coisa de ficar mais atraente aos olhos, até eu boto em lugares estratégicos que vai ficar interessante para ver, nos pés porque eu uso sandália, com o biquíni a de atrás, e na canela não tinha essa filosofia na época, queria fazer a tattoo mesmo.

Os homens também procuram a tatuagem como um ornamento físico, com um propósito similar de chamar a atenção e de seduzir os olhares, a diferença está em que a ênfase não está colocada na sensualidade do local, nem no erotismo corporal, mas em uma certa força, numa virilidade que se expressa pelo ato mesmo de tatuar-se, da sua necessidade de exibir-se ante os demais. Assim, um jovem relata sua experiência com sua primeira tatuagem: “Fiz minha primeira tatuagem na perna, era um gurisão, chegava no ônibus sentava de lado pra mostrar a perna que estava tatuada, até hoje não acredito que eu fazia isso, eu queria mostrar mesmo” (MAURICIO, 23 anos).

O que resultou interessante de descobrir em relação a esse tipo de apropriação da tatuagem, aparentemente superficial e banal, que coisifica seu valor e privilegia a forma, que segue um formato comercial e da moda, é que existe também uma preocupação de construção corporal. Tal sentido ficou evidente quando encontrei que Luciane, por exemplo, pensou e projetou com muito cuidado a realização de suas tatuagens, porque para ela: “a harmonia é muito importante, eu não queria botar em qualquer lugar mesmo, quero que fique uma coisa bonita aos olhos, e não adianta botar um dragão aqui atrás que vai brigar com o coração e com a estrela que tenho”. Como se pode observar, ela estava preocupada com sua corporalidade, mas como um todo, como sua obra, que deveria responder a um sentido estético próprio e com a imagem que projetava de si mesma.

3.2 OS “TATUADOS”: UMA NOVA CONSTRUÇÃO SUBJETIVA

A partir dos primeiros contatos na loja, começou a ser cada vez mais evidente para mim um setor de pessoas que me chamou demais a atenção. Eram aquelas que pareciam “normais” no sentido de manterem uma interação social não diferenciada, inseridas dentro do mundo do trabalho, escolar e, em geral, nos diversos ambientes sociais e culturais da sociedade global, mas que tinham uma particularidade bem marcada - estavam “**fechando seu corpo com tatuagens**”³⁷. Um fato que não é habitual dentro das práticas corporais, seguidas e aceitas pela sociedade atual, o que, portanto, não deixa de colocar grandes interrogações ante algo que se mostra como excepcional. Sobretudo, quando comecei a constatar que não eram casos isolados, mas parte de uma tendência social que se manifestava não só através dos indivíduos que estavam dentro de processos avançados de “fechamento corporal”, senão também através dos jovens que apenas tinham algumas tatuagens e já, começavam a inserir-se dentro dessa nova dinâmica de construção corporal. Era o caso de André, um jovem que conheci em meados do ano passado, com só uma tatuagem e, atualmente, com mais de três e vários projetos para o futuro:

Com certeza vou fazer mais tatuagens, na perna esquerda uma rainha da mitologia oriental que representa força, vou fazer uma outra máscara e quero fazer noutro braço um deus da fortuna, também o cachorro, guardião do templo do Buda, e assim pela frente, não sei se vou fechar o corpo, mas os braços e a pernas acredito que sim (ANDRÉ, 22 anos).

Essa tendência coloca, então, esses indivíduos ante outra forma de assumir o corpo, de tentar criar uma outra “normalidade” estética, sem pretender com isso serem excluídos ou marcados como marginais. É simplesmente o desejo, a vontade de ser diferente, mas dentro do marco social, dentro do jogo da diversidade, no que eles se apresentam como uma opção.

Por isso, quando diferenciei as três formas de assumir a tatuagem, ressaltar essa particularidade, que eles não buscam transgredir a sociedade, não são radicais nem extremistas, colocam-se como uma alternativa de construção subjetiva. E,

³⁷ Categoria nativa com a qual identificamos o processo de cobrimento progressivo do corpo com tatuagens.

ainda, que se comprometam com tal opção, mantêm o jogo de esconder-se ou mostrar-se de acordo com as circunstâncias. Eles seguiriam sendo um tipo de “desacreditáveis”, no sentido dado por Goffman, porque nenhum deles desconhece o estigma social que, ainda, acontece contra a tatuagem, porém, mantêm uma série de medidas de cuidado e controle para evitar os possíveis choques sociais, em particular, naqueles ambientes muito convencionais. Por isso, é uma espécie de regra tácita não tatuar as partes do corpo consideradas tabus: o rosto, as mãos, as partes visíveis do pescoço e, em menor escala, os antebraços, pois o resto do corpo pode ser coberto com roupa, escondendo o que transitoriamente não pode ser visto.

Esse é um princípio que caracteriza e que coloca esses indivíduos numa posição social similar, na qual, mesmo que a maioria queira “fechar o corpo”, também precisam continuar desenvolvendo seus trabalhos, situação que lhes coloca um limite, uma barreira, tal como o expressa um dos jovens entrevistados:

Sim, eu quero fechar meu corpo, mas quando tivesse condições financeiras melhores e de vida, porque se eu fazer todo o corpo inteiro tatuado vai ser difícil na área em que eu trabalho (equipamentos médicos), o preconceito é muito grande, então aos poucos eu vou fechando, devagar, onde não aparece, no futuro os braços eu pretendo fechar (LUCIANO, 21 anos).

Existe, portanto, uma tensão latente entre ser “tatuado” e seguir sendo um cidadão produtivo e não excluído, entre querer ser diferente e não ser rejeitado da sociedade. Uma tensão que está por detrás dos preconceitos, detrás dos limites sociais, que as pessoas confrontam através de si mesmos, de sua corporalidade, como uma nova forma de assumir a individualidade.

Dessa forma, tendo como pano de fundo tais elementos, que ajudam a situar o campo de interação dos “tatuados”, aprofundarei a forma como assumem a si mesmos e às suas experiências, o processo que vivem, o modo como se interpretam e o mundo que constroem. Para tanto, vali-me de cinco vozes de pessoas que estão dentro da dinâmica de “fechamento corporal”, e que serão os pontos de referência na reconstrução dos fios que sustentam esta nova forma de subjetividade. A escolha que fiz tentou ser a mais diversificada possível, tal como eu havia dito que era o novo sujeito da tatuagem, porém, aqui centrado em duas mulheres e três homens, de diferentes idades, desenvolvendo diferentes atividades, mas com um eixo em

comum: fazem parte da rede de amigos e de clientes permanentes da loja, o universo de pesquisa desta dissertação.

3.2.1 A BUSCA DA DIFERENCIAÇÃO

Para esses indivíduos o ato de tatuar-se faz parte de uma busca inicial, primária, que é bastante reiterada: diferenciar-se, sair da multidão, ter algo que os singularize, que os faça especiais, que lhes permita destacar-se do entorno. Assim eles expressaram os seus sentimentos:

As pessoas se tatuam porque ninguém quer ser igual a ninguém, eu não quero ser igual a ninguém, as pessoas querem um diferencial, a tattoo é muito isso, eu escolhi uma coisa que é para sempre, que é para mim, que é o meu detalhe, sabe, em vez de botar um anel do dedo que tu pode tirar, a tattoo vai além, ela vai *marcar a tua personalidade* (GESA, 32 anos, dona da loja).

A tatuagem é uma forma de expressão que eu acredito que seja muito individual, isso que me levou a fazer a primeira tatuagem, foi a busca de um pouco de *individualidade* dentro do meu convívio, tanto que meus amigos não tinham tatuagem, eu sempre gostei, assim que fiz a primeira (ADRIANO, 30 anos, enfermeiro).

Como se pode observar, esse sentido de “diferenciação” está diretamente relacionado em seus depoimentos com a busca de “individualidade” e/ou a “marca de sua personalidade”, noções que remetem diretamente ao debate sobre a construção do sujeito através do corpo. Um debate que está circunscrito ao contexto da modernidade, onde o corpo se converte no “lugar de soberania do sujeito” (LE BRETON, 1995), em sua possessão íntima e pessoal, em seu próprio espaço de construção, através do qual configura sua identidade, sua subjetividade, e a partir dela, um lugar diferenciado dentro do mundo social, um mundo que justamente está formado com base nas diferenças e nas individualidades. Esse é um princípio básico na construção das relações sociais dentro da sociedade contemporânea: ter, como disse Gesa, “um diferencial”, que dê reconhecimento ao sujeito, que lhe outorgue um lugar próprio, pois, tal como é denotado no seu discurso: “ninguém quer ser igual a ninguém”. E a diferença é construída dentro desse grupo a partir das modificações corporais, da realização de tatuagens, como um ato “original”, “exclusivo”, “diferencial”, dentro de seu mundo social e de seu meio de convivência.

Tal sentido da tatuagem é bastante explorado dentro da bibliografia consultada. Desde os estudos pioneiros, como o de Sanders (1988), que destaca o impacto que a tatuagem gera sobre a definição do *self*: “tattooees consistently conceive of the tattoo as having impact on their definition of self and demonstrating of others information about their unique interests and social connections” (SANDERS, 1988, p. 416).

Até os estudos mais recentes como o de Le Breton (2002), que desenvolve uma interessante análise em torno da relação: modificações corporais e identidade:

L’originalité des vêtements, de la coiffure, d l’attitude, ... le tatouage, le piercing, les scarifications, le branding, etc., sont des moyens de sursignifier son corps et d’affirmer sa présence pour soi et pour les autres. Ce sont des signes pour ne pas passer inaperçu et donc d’exister aux yeux des autres, ou du moins de s’en donner le sentiment (LE BRETON, 2002, p. 19).

Assim, um importante ponto de partida para compreender o ato de tatuar-se é **a busca de diferenciação** que empreendem os sujeitos através desta prática corporal. Os dados da pesquisa me indicavam três importantes direções em que esse “diferencial” era construído e assumido na prática.

A primeira direção, o campo do emotivo, relacionado com a experiência mesma de se tatuar, onde colocam à prova sua capacidade de autocontrole diante da dor, reafirmando seus sentimentos de coragem, de autoconfiança e de força “psicológica”:

Quando tu faz uma tatuagem estas demonstrando a ti mesmo que tu pode, tu te sentes a maior pessoa do mundo, é um dia que tu deita e dorme igual a um anjo, tu sai te sentindo muito importante, te dá a sensação potencializada, mas cada uma que tu faz é isso que tu sente, não importa o tempo que passe, um mês, um ano ...(GESA).

A segunda direção, um aspecto do plano reflexivo, de formulação das metas e projetos de vida, onde fica evidente, na satisfação expressa, de estarem realizando algo que lhes é altamente significativo: a fabricação de seu corpo de acordo com seus ideais, seus gostos e suas buscas individuais:

Faço minhas tatuagens para satisfazer eu mesma, por eu gostar, eu gosto da tatuagem eu acho bonito em minha pele, para mi, não para ser sensual para as pessoas, de repente sensual para mi, eu gosto, é para mi me sentir bem (SILVANA, 24 anos, estudante).

Eu vejo que hoje, durante todo meu processo de vida, desde que me relacionei com a tatuagem pela primeira vez, eu sempre parti de uma premissa básica de que *a primeira pele a gente não escolhe, a segunda, você pode optar por ela*. Sempre gostei bastante de cores, a tatuagem veio num processo na minha vida, num processo em que ela muito me auxiliou (ADRIANO).

E a terceira direção, o âmbito do social, onde se reafirma o sentido de diferenciação individual, pois o ato de tatuar-se traz consigo uma significativa mudança na forma como o indivíduo é visto pelos demais. De uma pessoa comum, passa a ser uma pessoa “tatuada”, que desperta curiosidade, admiração de uns e rejeição de outros, mas que, com certeza, não fica despercebida em nenhum lugar onde se exhiba, ainda mais quando possui grande parte do corpo tatuado. Essa sensação é desejada, gera segurança, faz a pessoa sentir-se importante, diferente, o centro de atenção. Nos seguintes depoimentos, apresento a força e importância que tem o *ser olhado* para os ‘tatuados’:



FOTO 3.4 - GEZA

FONTE: A AUTORA, (2002)

Eu fui subir uma escadinha, e vi que um menino estava olhando para mim, e pô meu filho, te liga, aí eu vi que ele estava olhando para minha *tattoo*, nossa, instantaneamente mudou o meu ponto de vista sobre o menino, eu fiquei tão feliz, dei até uma viradinha pra ele ver melhor, ele estava admirando o meu trabalho, tu te sente melhor... (GESA)

Sentir-se diferente sim, porque, acho que todas as pessoas são diferentes, por isso, e se tu chamas a atenção, tu ofereces a possibilidade de uma abertura pra uma conversa, isso é legal, a possibilidade de tu fazer uma ponte pra trocar uma idéia, porque a partir do momento que tu estabelece uma conexão com outro ser humano, tu tá ampliando, em milhões de vezes o teu modo de pensar, porque tu vai trocar idéias, tu vai conhecer pessoas que até

não gostam e que te perguntam: “e se tu te arrependeres um dia”. Existe a possibilidade de uma troca, de uma discussão. *Se sentir olhado é uma situação que todo ser humano gosta. Isso é do ser, isso tem a ver com a autoimagem do ser humano, com a autoestima, isso é fundamental.* O ser humano se sente olhado porque ele está bem, isso é bom, agora se ele se sente olhado porque ele não é uma pessoa bem-vista, isso é muito ruim, esse não é o meu objetivo. Então eu procuro fazer a tatuagem pra ser bem visto, mas a tatuagem me dá subsídios pra encontrar pessoas que me olham com olhar de curiosidade e que se aproximam de mim pra uma conversa, não só de mim, mas como de outras pessoas (ADRIANO).

De diferentes pontos de vista, todos sentem prazer de ser olhados, porque, além de se sentirem admirados, isso se converte numa forma de atrair, de estabelecer uma ponte com os demais, como um contato sensitivo: de ser tocado pelo olhar ou pelo lado intelectual, com a possibilidade de estabelecer um diálogo, ser atingido pela palavra, tal como argumenta Adriano.

3.2.2 A NECESSIDADE DE TATUAR-SE

Quando comecei a tentar compreender o sentido do “fechamento progressivo do corpo”, encontrei-me ante uma resposta generalizada que me deixava com a sensação de estar na superfície do problema. Essa resposta era: “sentir vontade”, como algo forte, intenso, que impulsionava os indivíduos a seguir se tatuando. Assim expressam eles tal sensação:

Tatuar faz falta, se tem vontade de tatuar, é um negócio quase animal... É tudo, é ver o tatuador aí trabalhando em tua pele, botando o desenho ali, que não é um desenho acima de tua pele, é dentro de tua pele, com agulhinha, não é para qualquer um, senão todo mundo tinha, tu tem que ser macho para aguentar, entendeu? O melhor tu tem que ser mulher para aguentar porque mulher aguenta melhor que homem. Depois que tu saís da *tattoo* tu comes bem, tu dorme bem, tu te achas a pessoa mais linda do mundo (GESA).

A vontade é contínua, isto eu te coloco, eu sempre tive vontade, eu sempre gosto de me tatuar, mas normalmente eu procuro definir um desenho, normalmente eu costumo observar os desenhos que eu tenho e ver aonde eu posso mexê-los (ADRIANO).

Idéias tenho poucas, não tem muita idéia não. Vontade. Aquele tabu que existia já não, um prazer, uma satisfação por ter, cada um sente saudade, sente falta (FABRICIO).

Tenho bastante vontade si de tatuar, da vontade, de tatuar e de ver o desenho, os dois porque a preparação também é legal, o medinho da

agulha também é legal, depois quando está prontinho na pele é legal (SILVANA).

Eu sinto falta quando fico dois, três meses sem me tatuar, vou sentir falta porque eu sempre gosto de fazer um trabalho novo na minha pele, se eu não trabalhasse com piercing eu seria o popular rato de estúdio, ia estar sempre buscando, fazendo trabalho com um e com outro (SAMPAIO, 25 anos, piercing).

Como se pode observar, a “vontade” tem a força do incontrolável, do irresistível, do que está por cima da razão e se coloca na dimensão dos impulsos vitais, quase “animais”, como disse Gesa, uma sensação que, pela força descrita, justificaria em si mesma o ato de seguir se tatuando. Essa é a explicação “nativa”, que, se bem me fornece um caminho de entrada, também me deixa perguntas sem respostas. Como por exemplo, como surge essa sensação? Responde só à impulsividade ou estaria ligada a outras necessidades do sujeito? É independente ou faz parte de um processo? Pode em si mesma explicar tal fenômeno?

A explicação que alguns autores fornecem, como Almeida (2001), psicóloga que faz uma pesquisa sobre a tatuagem e a formação de subjetividade entre sujeitos de classe média de Rio de Janeiro, é que depois da primeira tatuagem existe uma tendência a continuar, a não se poder parar o processo de modificação corporal, que se converte numa “vontade incontrolável que costuma assolar aos tatuados”. Isso só é detido pela pressão social que limita as opções profissionais ou pelo temor que eles sentem de “acabar [se deixando] tatuar inteiramente”. Diante disso, a autora argumenta que se delinea “uma modalidade de ‘tentação’ tão forte que não oferece ao sujeito outra saída que não o rompimento físico com o grupo de tatuados do qual ele faz parte” (ALMEIDA, 2001, p. 9-10).

Essa perspectiva coloca a análise, em certa medida, no mesmo ponto, na verificação de um fato: os sujeitos não param de se tatuar, sendo sua explicação para isso um impulso incontrolável, que parece situar-se acima do indivíduo e governá-lo. De tal forma, que maior que esse impulso só a renúncia, o temor, ou a busca de “proteção”, ante essa força arrasadora. Esse argumento está sustentado na perspectiva teórica do “Ocasionalismo subjetivo” de Schmitt (1986), no qual as ações, neste caso, tatuar-se, são o resultado das ocasiões, da contingência, dos “impulsos”, sem existir relação entre causa e efeito (ALMEIDA, 2001, p.10).

Sem pretender fazer um debate sobre a pertinência ou não dessa perspectiva teórica e sabendo que o enfoque da presente pesquisa está circunscrito

ao campo da psicologia, quero controverter alguns dos aspectos que a autora coloca. Em primeiro lugar, retornar a mesma pergunta com que comecei a presente reflexão e que em meu conceito ficou sem resposta dentro da argumentação: será que esse impulso é suficiente para explicar por si só o ato de se tatuar? E, se fosse assim, por que há indivíduos que têm esse impulso e outros não? Considero que os prováveis limites desse enfoque estão no fato de que não se leva em conta aspectos que podem ser relevantes para matizar ou entender tal impulso, como o contexto ou o processo que vivem em torno do ato de se tatuar.

Em segundo lugar, o sentido que a autora dá a esse impulso que em meu conceito o reduz a uma “tentação” perigosa que causa temor e da qual o indivíduo tem que se proteger. Uma valoração que me parece demasiada taxativa, sem opções, e que inclusive pareceria estar impregnada de um certo preconceito diante da possibilidade do “fechamento corporal” com tatuagens. Ante o qual surgem as perguntas: será que não existem escolhas intencionadas? Será que posso dizer finalmente que se tatuar (de forma progressiva) é um vício, ante o qual não fica mais alternativa senão fugir tal como o disse Almeida?

Não é fácil uma saída, porque evidentemente o tatuado se depara com um impulso que parece não ter, fora dele, mais explicação. A hipótese, depois de analisar o processo de tatuar e ser tatuado, é que o ato de tatuar-se começa a constituir-se numa necessidade e, como tal, expressada em termos emotivos (de vontade), a partir do momento em que o indivíduo se envolve dentro de uma prática que toca, que afeta, que muda seu ser, não pela tatuagem em si mesma, mas através do todo que vive durante esse processo de construção. E, principalmente, no contato com o tatuador, nos laços de afetividade que se criam com ele, na intimidade que os aproxima, na reflexividade que se produz em torno da busca e da vontade do tatuado, nas intensas sensações que vivem o – *flow* - durante o ato de ser tatuado. Tudo isso faz desse processo uma experiência total e altamente significativa que, em meu conceito, está ajudando a desvelar o sujeito, a construí-lo.

Ao ver com detalhes os elementos que se mobilizam durante o processo de se tatuar, dou-me conta que existem múltiplas sensações que passam pelo emotivo, afetivo e reflexivo, propiciadas no diálogo e na interação com o tatuador. Tudo está disposto em torno do sujeito que vai se tatuar, ele o centro de atenção, mas dentro de um processo de mediações e contatos, e de um ambiente que não deixa de ter uma certa áurea de sacralidade, de evento ritual, porque se mexe com o sangue,

com o corpo, e com o “psicológico da pessoa”, como disse Mano. Isso não tem um certo sentido religioso? Acredito que sim, no entanto, na perspectiva que coloca D’Allondans, como um tipo de religião pessoal, como ele mesmo afirma:

La crise culturelle et religieuse de la société occidentale explique en partie les quêtes plus intime sens. Ne se reconnaissant plus aussi massivement dans institutions et les églises, le sujet moderne se construit, de plus en plus fréquemment, une religion personnelle, dans une démarche syncrétique où transparissent certes nombre de bricolages hasardeux (D’ALLONDANS, 2001, p. 122).

E, esta busca de “sentido íntimo” é a que leva a escolher a tatuagem entre outras opções, tal como é visto por Adriano, quando afirma que: “Existem outros artificios, outras cascas, outras máscaras para o ser humano utilizar, porém a tatuagem, para mim ela é vista mais como uma realização pessoal, e quem faz mais por um modismo, muitas vezes acaba transformando o desenho em outra coisa, durante a sua criação de vida, sua construção vivencial”.

Dessa maneira, o processo de se tatuar, como evento que reúne importantes elementos rituais, o tipo de valoração dada pelo indivíduo a esse ato, a busca que faz e a identificação que encontra, levam-me a pensar que a prática da tatuagem assume um papel similar ao da religião, ou seja, de proporcionar ao indivíduo, tal como observou D’Allondans (2001), um pouco mais de sentido a essa dificuldade de existir. Um sentido que faz do corpo o seu próprio ícone.

E, nesse sentido, a “vontade de se tatuar” teria o lugar de uma motivação, tal como coloca Geertz, em sua análise dos sistemas simbólicos religiosos, de: “Tendencia persistente, una inclinación permanente a realizar cierto clase de actos y experimentar cierta clase de sentimientos en cierta clase de situaciones” (GEERTZ, 2000, p. 93).

Tal motivação surge dentro desse contexto de interação, reforçada de forma ritual, principalmente, com o *flow*, sensação que acontece durante o momento de se tatuar, que é abrangente, que é total, que envolve o indivíduo numa espécie de paroxismo, assim, descrito pelos tatuados: “Quando tu te sentas para tatuar e tu sentes, claro, a agulha entrando na tua pele, ocorre uma liberação de adrenalina, de outras drogas do teu corpo, que te conduzem a um estado que nenhuma outra possibilidade poderia te oferecer...” (ADRIANO). Isso unido à busca pessoal de dar

um “sentido à sua existência”, transforma o ato de se tatuar numa necessidade, num “impulso” com a força do incontrolável.

3.2.3 ICONOGRAFIA PESSOAL: UMA CONSTRUÇÃO VIVENCIAL

Com diferentes estilos, coloridos e escuros, cheios de figuras, de rostos, de imagens mitológicas, de formas abstratas, de seres encantados, esses são os corpos dos tatuados, esculturas vivas, onde está gravado seu rastro íntimo e pessoal. Através do tempo, através de suas vidas, como uma elaboração incessante, seus corpos vão sintetizando o processo de busca e de construção de si mesmos.

Ao perceber que essa policromia de imagens que aparecia ante meu olhar era um caminho para aproximar-me do sujeito que se estava recriando através da prática da tatuagem, decidi, então, explorar o processo de construção corporal que produzia tão singulares iconografias pessoais. O primeiro aspecto que, em meu critério, devia fornecer informações-chave para entender a trama dessa construção, eram os motivos que levaram os tatuados a escolher determinados desenhos. Sobre esse assunto tive um tipo de respostas que aparentemente não me brindava com muita clareza, como por exemplo: “porque gostei”, “porque achei bonita”, “é aquela história de tu bater o olho e tu dizer: é isso o que eu quero”.

Essa constatação não é um caso isolado, pois, dentro da bibliografia revisada, também encontrei que o fator estético era determinante na escolha dos desenhos. Sanders, por exemplo, nos anos oitenta, registrou tal tendência e dizia que a maioria dos tatuados fez referência a esse critério na sua escolha (SANDERS, 1988, p. 411). Alguns estudos mais recentes, como o realizado por Almeida, explicam este fenômeno como um “movimento pragmático, mecânico, impulsivo... O que está em jogo entre o mundo e o sujeito é puramente o prazer da imaginação estética” (ALMEIDA, 2001, p. 9). De sua parte, David Le Breton afirma que: “Le choix du motif répond souvent à un coup de coeur pour un dessin ou une forme sans que leur symbolisme soit connu ou interrogé. La valeur esthétique prime sur toute autre considération” (LE BRETON, 2002, p. 106).

Assim, ficava mais que evidente que a escolha era definida pelo valor estético da imagem. Mas, o que isso quer dizer? Em que se refletia no sujeito? Como o lúdico, o prazer e a estética eram fios de construção do sujeito? Foram perguntas

que me formulei porque não me conformava com uma explicação que esgotava a argumentação no prazer estético do sujeito. A experiência etnográfica me mostrava que existiam outros elementos para pensar o problema, assim comecei a me aprofundar nas seguintes direções: primeiro, no que significava o gosto pessoal; segundo, na relação entre as imagens escolhidas e o sujeito; terceiro, em como construir essa imagem no contato com o tatuador e quarto, na reconstrução que posteriormente fazem de suas tatuagens.

Se bem que inicialmente é o prazer dos sentidos e, em especial da vista, que está determinando a escolha, é preciso ter em conta que ali não só se lida com uma sensação agradável, mas também com a fixação sobre algo que focaliza a possibilidade de se estabelecer um nexos, uma certa identificação com o mundo externo, um referente de sentido, ligado à emoção, à experiência sensível, aspectos que não são vazios de significado, que permitem traçar um reconhecimento de si mesmo e de seu entorno social. Essa perspectiva foi esclarecida através do contato com o tatuador que dizia:

Sabe tem cara que vem que quer tatuar um peixe, vai fazer o que, está na cara que esse cara ou ele faz aula de mergulho ou ele tem um aquário em casa que ele curte, sabe é muito difícil o cara fazer um lance por meramente estético, é uma coisa que às vezes rola pela consciência ou inconscientemente...

Por essa razão, comecei a mudar a pergunta de por que escolheu tal desenho para por que você gosta disso, sendo que aprofundando esse aspecto consegui enlaçar e explicar muitas das coisas que pareciam soltas e sem sentido como no seguinte caso:



FOTO 3.5 – SILVANA EM CASA



FOTO 3.6 – OS ALIENS DE SILVANA

Silvana, que tem tatuado dois aliens em seu braço e quando lhe perguntamos porque as escolheu, ela respondeu porque gostava, porque achava legal, logo depois de uma maior proximidade, descobrimos que era uma de suas grandes paixões, que ela acreditava neles, que uma vez teve uma experiência e que quer pertencer a um grupo de estudo de ufologia.

As imagens estão carregadas de sentido, tanto pessoal como social, só que estão expressas em outra linguagem, a visual, que, como anota Berger (1972), coloca em jogo o modo de ver que está corporizado em toda a representação, assim como a apreciação individual que está implícita no próprio modo de ver o mundo.

Então, para entender o sentido do repertório de imagens escolhidas pelos sujeitos que se tatuam, tive que recorrer ao debate já realizado sobre a linguagem moderna da tatuagem, no que coloquei elementos que me ajudaram a decifrar esta nova forma de expressão. Entre eles, a valoração da forma, a plasticidade das figuras, o lúdico dos novos estilos, que ressaltaram o componente estético dos desenhos e que se converteu num critério fundamental da escolha, numa busca compartilhada por esse público, que não eliminava a construção de sentido sobre tais imagens, porque, de um lado, o patrimônio simbólico e iconográfico da tatuagem segue sendo uma base comum, que funciona como ponto de referência; de outro lado, porque cada um está recriando tal simbolismo sobre seus próprios critérios e interpretação do mundo.

Através da leitura da seguinte imagem se pode tentar reconhecer num caso concreto como atuam esses componentes:



FOTO 3.7 – O CORAÇÃO DE FABRÍCIO

FONTE: CHRISTIANE (2003)

Esse é um sagrado coração, um ícone antigo da tatuagem que está sendo trabalhado na sua nova linguagem, o estilo *New School*, porém a imagem tem elementos novos como a coroa celta, e o fato de estar partido entre coração e pedra, que geram uma nova representação desse motivo. Fabricio considera que é uns dos desenhos mais artísticos que possui e quando lhe perguntei sobre seu sentido, disse: “gostei desta idéia porque está ligada a minha família, à religião católica, e ainda que eu sou desligado, a gente tem cultura e tem na mente estas idéias”. Aqui se pode ver refletido um simbolismo social amplo, ligado à religião, mas dentro de um significado pessoal que denota uma afetividade familiar e um sentido de pertencimento.

Como foi visto no segundo capítulo, os tatuadores cumprem um papel fundamental na escolha da tatuagem, tanto que se havia insinuado uma figura para caracterizá-los, a de “escultores do *self*” (mediadores), em razão de que realizam uma busca “no interior da pessoa” para ajudar a definir imagem e detalhes anexos como o tamanho, a orientação e o local. Uma busca que tal como eles o dizem procura encontrar “algo que identifique à pessoa para que logo não se vá arrepender”. Assim, o desenho da tatuagem é em realidade, tal como disse Adriano, uma construção conjunta:

Tem a ver com a pessoa que me pinta, acredito muito que isso tem uma relação muito forte, até porque é uma pessoa que me ajuda, me dá idéias de como eu posso explicitar o que eu penso no desenho, e ele transcreve na verdade, e eu dou aval, então é uma construção, como uma arte, como um poema, na verdade, que é escrito por várias mãos.

Tal relação é ainda mais forte e íntima com os “tatuados” porque convertem o tatuador em seu amigo, no criador de sua estética pessoal, enfim, em seu tatuador de cabeceira e com ele fazem planos, procuram idéias, criam propostas para tatuagens, num processo em que tem lugar uma importante ação introspectiva que ajuda a desvelar as buscas do sujeito, a expressá-las e colocá-las dentro de um novo marco interpretativo.

Há finalmente um importante momento que abre uma nova margem de introspecção por parte do sujeito, quando depois de estar feita a tatuagem, construir-se uma história de relação, de associação, que tenta explicar e/ou justificar seu sentido. A pessoa sabe que gosta dela, que a acha bonita, mas também precisa

inserir-la dentro de seu universo de significação, por ele mesmo e pelos demais que lhe pedem uma explicação. A tatuagem não passa despercebida, está em seu corpo, é olhada, é objeto de especulação. Ele precisa traduzi-la, criar uma metáfora em torno dela, simples ou complexa, mas algo que tenha algum valor comunicativo. E aí é quando se produz uma forma de revelação do sujeito, do encontro do sentido, das relações internas que saem à superfície, das associações que permitem identificar facetas de si mesma, sua relevância e seu lugar em sua vida.



FOTO 3.8 – ADRIANO, O ENFERMEIRO



FOTO 3.9 – ADRIANO E AS PIMENTAS

FONTE: CHRISTIANE OTT MAYER (2002)

Escolhi esse desenho que me pareceu bastante singular para mostrar como se produz esse processo de reconstrução. Sabia que a última tatuagem de Adriano era de umas pimentas e estava com curiosidade de conhecer os motivos da sua escolha. Quando lhe perguntei a respeito, ele começou a dizer a seguinte argumentação:

Na verdade eu sempre gostei de pimenta, sempre gostei do sabor, sempre gostei da experiência de comer, na verdade, de ingerir e conseguir no meu corpo o grão. Mas na verdade eu gosto de pimenta pelo que ela representa também, por ser uma especiaria, por ser um tempero nobre, por ter uma característica vermelha de vida, pela representatividade dela.

Então lhe perguntei se tudo isso era o que tinha pensado quando escolheu o desenho, e ele disse: “Na verdade, eu olhei uma revista e falei para o Mano: ‘eu quero esse desenho assim’”. O que deixou em evidência que o que influenciou primeiro foi o gosto, o impacto visual e, logo depois, a construção explicativa. Ao refletir sobre o assunto com Adriano, ele concluiu: “Acontece esse processo visual

de captação e acredito que a partir desse momento acontece uma construção, até porque as pessoas perguntam: porque fez esse desenho?”. Ao responderem, Adriano e outros constroem sua subjetividade. Nesses casos, acreditam que o impacto visual e o estético que motivou a escolha têm relação com o seu eu profundo, trazendo-o à tona.

Até aqui venho fazendo uma reconstrução explicativa do processo que se vive na escolha e inserção de um desenho, dentro do universo significativo do sujeito, uma análise microscópica, que se centra num elemento e faz abstração da totalidade. Agora é necessário deslumbrar o conjunto, o movimento, a corporalidade como um todo, porque os “tatuados” estão dentro de um projeto de construção corporal, e meu interesse é entender como se faz esse tecido de imagens que começa a estender-se, a cobrir toda sua pele.

O que pude observar é que não existem parâmetros nem formatos comuns, que cada pessoa vai-se tatuando e paulatinamente vai recobrando seu corpo, com diferentes ritmos e estilos, tamanhos, proporções e resultados finais. É, em síntese, uma construção iconográfica totalmente pessoal e original.

Alguns autores, como Catherine Grogard (1992), preocupados pela construção artística do corpo, opinam que os tatuados se convertem num tipo de espetáculo de circo, pela forma como se exibem, pelo tipo de desenhos, e, sobretudo, pela forma como são colocados, lado a lado, sem nenhuma ordem temática, à mercê de qualquer imaginação, dando como resultado final:

Mais l'amoncellement hétéroclite de reproductions en série sur la peau – véritables décalcomanies où s'enlacent des sirènes avec des dragons ou des poignards sur fatras de papillons et d'oiseaux exotiques – stimule *une création extravagante* ou lê gag (GROGNARD, 1992, p. 124).

Sob esse ponto de vista, os corpos dos tatuados são vistos como “criações extravagantes”, qualificativos que denotam o peso do preconceito pelo não normal, por algo que no fundo está contrariando as normas sociais, mas também pela busca de uma ordem estética que obedeça aos parâmetros da arte reconhecida pelo estamento.

E, nesse sentido, os “tatuados” são altamente subversivos, irreverentes, inovadores, criando uma nova alternativa de construção estética corporal fora dos critérios aceitos socialmente. Não que careçam de juízo estético, estão apenas

inventando uma linguagem expressiva que está em construção, em experimentação, cujo laboratório de prova são seus próprios corpos.

Esse foi um dos mais interessantes aspectos que pude reconhecer através da reconstrução das histórias corporais, porque, na maioria dos casos, para não dizer todos, acontece uma mudança visível do estilo, da forma e da mesma perspectiva de tatuar-se com o passar do tempo. No começo, quando há um precário conhecimento dessa arte, os desenhos são feitos sem muita preocupação da qualidade técnica, não sendo levados em consideração aspectos como a localização corporal, a sua composição e a articulação entre eles. Depois que os tatuados vão adquirindo um maior domínio dessa linguagem e começam a assumir a tatuagem como um projeto corporal e de vida, desenvolvem um olhar crítico que os leva a retocar ou recobrir muito dos trabalhos antigos que consideram de má qualidade, tal como o expressam Gêsa e Silvana:



FOTO 3.10 – GESA E O QUE GOSTA FOTO 3.11 – GESA E O QUE QUER COBRIR

FONTE: CHRISTIANE OTT MAYER (2002)

Gesa está cobrindo essa tatuagem que era um anjo porque: “o cara que fez se perdeu no desenho, ele fez o rosto muito pequeno em relação ao corpo ... não ficou como era, mas para a época era o que todo mundo entendia por *tattoo*”

Silvana está com o projeto de retocar e cobrir suas primeiras tatuagens porque:

quando comecei a me tatuar só queria tatuar, agora não, puxa, não me arrependi, mas agora sei que não escolhi bem os desenhos, ficou uma coisa muito misturada, eu quero ter os desenhos que tenham a ver mais comigo, não gostou de coisas muito negras, eu queria umas cores para dar mais alegria e trabalhar os aliens, por isso há pouco mexi na idéia da cobertura

Como é possível apreciar no discurso de Silvana, surge não só a idéia da cobertura, mas também a noção de **projeto**, que é fundamental, porque redireciona todo o sentido de se tatuar, havendo uma intencionalidade mais definida, uma visão do corpo como totalidade, de apropriação, de sentido íntimo e de projeção para o futuro. É uma preocupação eminentemente estética, mas também pessoal, e de renovação de si mesma.

Dentro dessa perspectiva de projeto, é interessante como começa o aparecimento em cena da idéia de **construção corporal**, que concebe o corpo como totalidade, em termos de composição e harmonia, em que os desenhos deixam de estar soltos e espalhados pelo corpo e ingressam numa dinâmica integral que procura desenvolver uma nova esteticidade, parecendo expressar a vontade de contrapor-se a uma fragmentação de si.

Tal noção surgiu dentro do ambiente da tatuagem e paulatinamente está sendo assumida pelo público, que está caminhando nessa direção:



FOTO 3.12 – ADRIANO E A PERNA EM CONSTRUÇÃO
FONTE: CHRISTIANE OTT MAYER (2002)

Eu acredito que a construção tenha vindo a partir das discussões que eu tive com o meu tatuador, e junto com outras pessoas. A partir do momento que eu fiz dois desenhos, duas tatuagens na perna, e que ficaram soltos os desenhos, e me foi sugerida a possibilidade de fazer um fundo para que os desenhos se unissem, deu-se início a construção, acredito. Mas essa construção veio a partir de discussões, conversas, tanto que eu mexi num lado, mexi um pouco na perna, num outro momento tatuava o braço, e a partir das conversas eu resolvi unir todos os desenhos e fazer uma construção só (ADRIANO).

Eu tenho a vontade de fazer mais tatuagens, agora não faria uma tattoo só, faria um membro inteiro, um antebraço, a perna inteira, não

de fazer uma aqui, logo outra, não, fazer a perna inteira de uma vez, uma criação, coisa pessoal, não tirada de um álbum, de uma revista, uma coisa desenhada por um artista que eu me identifique e me aceite (FABRICIO).

Em tal via de argumentação, cheguei a uma noção que quero aprofundar: a tatuagem vista como uma construção, numa perspectiva projetiva, para o futuro, que envolve uma nova visão dos tatuados de si mesmo e do mundo, assim como uma construção retrospectiva deles mesmos e de sua história. Uma história que tem sido gravada sobre certos fios, escolhidos por eles, e que são interpretados através de um processo de significação, associado às vivências, que para os tatuados são relevantes a seus laços afetivos, às suas buscas, às suas fantasias, tudo aquilo que se converte numa forma de edificar sua própria transcendência e a construção de seu próprio imaginário.

A idéia do **imaginário pessoal** surgiu durante o processo de reconstrução das tatuagens, momento em que comecei a descobrir que as imagens desencadeavam uma rica narrativa de episódios, vivências, referentes afetivos e emotivos, em que a personagem central era o tatuado, seu mundo, alguma maneira de marcar sua presença nele.

Um imaginário que tem a força vital de um devir pessoal que se pode ver, tocar, sentir, palpar, vivenciar no corpo, no movimento e em si mesmos. Como os projetos, não apenas abstrações, mas formas que se visualizam no corpo, que se recorrem, que se localizam, que transitam com a força da necessidade, da renovação, da mudança, numa dinâmica em que o ato de tatuar-se poderia ser visto como um **processo de construção vivencial**.

A seguir um fragmento desta reconstrução vivencial na seleção de imagens e depoimentos da pessoa mais tatuada que entrevistei, Sampaio, que têm aproximadamente 60% de seu corpo coberto de tatuagens:



“O caixão tatuei para lembrar que a morte não é um castigo, é um sonho, o castigo é estar vivo. O machado, é um machado cigano que representa meu signo cigano”-

FOTO 3.13 – SAMPAIO E O CAIXÃO SOB O MACHADO

FONTE: CHRISTIANE OTT MAYER (2002)



“Uma homenagem a minha mãe, e aqui, o Pequeno Príncipe que mudou a minha vida. O Pequeno Príncipe mudou minha forma de visão de mundo”.

FOTO 3.14 - O PEQUENO PRÍNCIPE E MINHA MÃE

POR: CHRISTIANE OTT MAYER (2002)



“A cruz foi a tattoo que eu mesmo fiz, bem simples, com uma agulha e tinta de nanquim. A folha de maconha lembra os bons tempos de fumo, aprendi muito naquela época”.

FOTO 3.15 - A FOLHA E A CRUZ

FONTE: CHRISTIANE OTT MAYER (2002)

3.2.4 SER TATUADO: UMA NOVA DIMENSÃO SOCIAL³⁸

Tatuar-se é um ato, como disse Sanders (1988, p. 404), “profundamente social”, desde o momento em que a decisão é tomada, influenciada pelo entorno, passando pelo processo de tatuar-se, com a criação de laços afetivos, através do contato com esse meio, e que culmina com a significativa mudança de interação social. É um trânsito que ocorre por entre uma rede de relações que vão moldando essa ação, mas também é o ingresso em uma nova dimensão social, em uma nova forma de ser visto e de ver os demais, de ser “classificado socialmente” e de assumir em consequência disso certo tipo de comportamento que faz parte deste novo jogo de atributos.

Assim, quero me aprofundar no sentido de ingressar em uma “nova dimensão social”, temática que tem sido amplamente debatida dentro da bibliografia consultada sobre tatuagem, desde o estudo pioneiro de Sanders (1988, p.), até os debates contemporâneos realizados pelos franceses David Le Breton (2002, p. 163) e D’Allondans (2001, p. 37). Esses três autores têm perspectivas bastante similares, que posso sintetizar dessa forma: tatuar-se é a afiliação a um novo grupo ou estatuto social, que implica na união com uns e a separação de outros, e que, em tal sentido, faz parte de um rito de passagem pessoal, o qual, apesar de parecer estranho na prática contemporânea da tatuagem, pode ser reconhecido pela estrutura de oposição que tem - a separação para se unir.

Durante minha experiência de campo, foi evidente que a busca de uma diferenciação individual era também o ingresso em um tipo de alteridade, “ser tatuado”, como um caráter genérico, como uma nova dimensão social, e que, de acordo com a perspectiva teórica anteriormente vista, seria um tipo de “afiliação social”. Mas, o que não pareceu muito claro que fosse uma separação total, ou que se assumisse um caráter exclusivo, pelo menos para parte dos entrevistados, que consideram o ser tatuado como uma dimensão de suas vidas, tal como expressa Adriano:

³⁸ O sentido do social que quero abordar neste ponto deve entender-se na perspectiva que coloco no início do capítulo, como um aspecto que não está separado do indivíduo, mas que é parte interatuante na constituição do sujeito e de sua subjetividade, como parte do processo que se configura.

Eu sempre me vi como o Adriano, o Adriano do meu jeito que eu sou, que tem tatuagem, mas que tem outras coisas também... porém, mesmo sendo a tatuagem que te classifica num grupo, não te dá subsídios para que tu fiques restrito somente a esse grupo, porque também muitas pessoas que não tem tatuagem vão compartilhar de idéias que tu tens e tu acaba pertencendo a outros grupos. Hoje em dia acredito que a gente não fique presa somente num ambiente (ADRIANO)

Assim como Adriano, também Silvana e Fabricio têm uma vida profissional e acadêmica “normal” compartilhando com diferentes grupos de pessoas, de gostos, tatuados ou não tatuados. Apesar de que tenham um pouco o seu mundo social restringido pelo preconceito e também pela mesma afinidade estética, nenhum deles afirma que suas relações afetivas pessoais estejam marcadas nem definidas somente por esse fator.

Diferente é o caso de Gesa, para quem a tatuagem significa uma separação marcante com o resto da sociedade. Para a dona da loja, estão reunidos vários elementos, como o fato de trabalhar com tatuagem, de ser casada com um tatuador e de ser mulher. É importante destacar esses elementos, porque me ajudam a pensar numa significativa pauta de distinção entre os “tatuados”, de acordo com o sexo. Se bem que o ato de tatuar-se já transgride à visão cristã do corpo natural e perfeito, sendo ainda mais grave para o caso da mulher, que é submetida a um maior controle social nesse aspecto. Tatuar-se significa, portanto, sair de todas as regras sociais, fugir dos estereótipos de beleza aceitos e normatizados, como já indicava Catherine Grognard, quando dizia que:

Le femme tatouée est comme la sirène des contes des fées, une sorte d'être hybride, monstreuse au sens étymologique du terme. Marquée de l'empreinte culturelle, elle rejoint pourtant le bestial en renouant avec des pratiques sauvages... La femme tatouée déconcerte par sa livrée colorée (GROGNARD, 1992, p. 115).

Gesa expressa da seguinte forma este sentimento de rejeite social:

Quem faz trabalhos grandes **e ademais é mulher**, como eu, é que você entrou num caminho sem volta, porque daí você está *decidindo o grupo com o que você vai se relacionar*, careta engravatado não vai se interessar por mim, pode estar a gente muito bonitinha de roupa, mas a partir do momento em que ele veja tuas tatuagens, ele vai achar que é coisa de puta, ou de doadona, então cresce teu

grupo, e ao mesmo tempo que tu ampliou teu horizonte, tu restringe teu mundo.

Desse modo, parece-me que a magnitude da separação social está definida não só pelo fato de tatuar-se, mas também pela relação que se estabelece com uma série de fatores que se agregam a tal situação. Com a informação que tenho à disposição, eu poderia dizer que o problema de gênero, o campo de trabalho restrito dessa área, e uma maior exibição das modificações corporais, são fundamentais para acrescentar a separação social. Enquanto uma apresentação física moderada, e uma vida social muito mais ampla, que se desenvolve em diferentes ambientes e papéis sociais, estariam diminuindo o sentido de separação. E, isso é justamente o que em meu conceito faz parte da nova tendência de ser “tatuado”: uma pessoa que está fechando seu corpo com tatuagens, mas que quer ser, tal como disse Gesa, “um ser humano normal e levar uma vida normal”.

Como se pode notar, todo esse debate está perpassado pelo problema do estigma que, em última análise, é o fator que demarca as fronteiras entre as três formas de assumir a tatuagem, colocando as pautas de interação social como o resto da sociedade. No caso dos “tatuados”, já tinha sido visto que fazem parte do grupo de pessoas que Goffman chama de “desacreditáveis”, e, em tal sentido, sua possibilidade de ter um relacionamento social mais amplo, depende do controle de informação sobre seu estigma.

O estigma é um assunto que não depende da vontade dos tatuados, apesar de eles afirmarem que não têm a intencionalidade de transgredir a sociedade, nem de quererem ser marginalizados, como declarou Silvana: “a gente é ser humano normal, ninguém quer renunciar de nada, sabe, eu quero ir naquele bar ali e não quero que me olhem atravessado”. O certo é que eles devem seguir certas medidas de discrição segundo o ambiente social em que se mobilizem.

O que me chamou a atenção é que, assim como eles estão tentando uma nova proposta de serem vistos na sociedade, também socialmente há uma nova margem de flexibilidade, que se reflete num novo jogo de situações e de formas de manipulação da informação.

Assim, nos ambientes sociais altamente carregados pelo convencionalismo social, como na delegacia de polícia e todos os escritórios oficiais, as tatuagens são ocultas; nos espaços bastante livres, como a praia, e, em geral, todos aqueles em

que estão envoltas atividades de lazer, as tatuagens são mostradas com mais tranquilidade; no entorno familiar e de amigos, as mesmas são vistas com naturalidade e no espaço profissional, onde havia entendido que era preciso manter uma completa reserva, percebi que as medidas são mais convencionais do que reais. No sentido de que, apesar das tatuagens não serem exibidas publicamente, são conhecidas pelo círculo de pessoas com as quais o tatuado se relaciona, e que as reações encontradas, pelo menos para os homens, não são discriminatórias, como no caso do Adriano, que mesmo trabalhando numa área bem formal como um hospital, afirma:

Todos me respeitam muito bem, no nível do trabalho não existe preconceito, bem pelo contrário, minha chefia me dá muito apoio, até pego várias folgas quando eu vou fazer uma tatuagem, por exemplo, eu fico ausente do hospital por ser um meio da contaminação, pois eu coordeno uma equipe que trabalha com pacientes terminais.

Isso está mostrando que, mesmo que a tatuagem siga sendo motivo de estigma, também se está produzindo uma mudança de atitudes, pelo menos de maneira sub-reptícia, em que os “tatuados” estão, através de si mesmos, agenciando uma nova alternativa de estética pessoal que não seja incompatível com sua atividade profissional, e onde o meio social apresente uma certa abertura. Tal contexto estabelece um novo jogo de interações, um novo olhar social, no qual os “tatuados”, pelo menos os que se encontram dentro deste amálgama mais amplo de relações sociais, vivenciam a tatuagem como uma dimensão social, cujo substrato de interação poderia ser pensado dentro do que Mafessoli (1995) chama de “estilo de vida estético”, entendido como:

uma maneira de sentir e experimentar em comum...
como uma maneira de desfrutar junto de um presente eterno ... de uma 'materialismo místico'. Há hedonismo do corpo, dos objetos, das imagens do espaço... mas isso se transmuta em misticismo, isso é partilhado, favorecendo assim uma união misteriosa... uma comunhão (MAFESSOLI, 1995, p. 53).

Esse conceito de “estilo de vida estético” ajuda a ampliar a visão sobre o mundo social que se recria através da prática atual da tatuagem. Mesmo que os conceitos de “separação” e de “estigma” sejam noções básicas para entender o lugar social no qual estão classificados os tatuados e o que delimita sua atuação

social, não são suficientes para explicar a forma como na atualidade as novas formas de apropriação dessa técnica direcionam novos caminhos de estar e de relacionar-se socialmente. Entra em jogo, então, a multiplicidade, os deslocamentos, as buscas constantes, enfim, a expressão de um sujeito contemporâneo que foge de determinações sociais, de categorias fechadas, de estatutos definidos, que privilegia o instante, a experiência, a busca de prazer e o encontro com o outro em termos de afetividade.

3.2.5 A TRIBO CONTEMPORÂNEA DOS “TATUADOS”: ENCONTROS E AFETIVIDADES

Não era fácil reconhecer as formas sociais que circulavam no meio do cenário da loja, e muito menos se existiam algum tipo de grupo social ao qual eu poderia fazer referência fora das relações evidentemente cordiais entre os clientes e os donos da loja. Somente após freqüentar esse ambiente e ganhar uma maior proximidade com ele, pude observar que existiam laços afetivos e momentos de encontro com um inegável sentido de coletividade.

Esses momentos eram efêmeros, espontâneos e aconteciam simplesmente como um fluído que ia e vinha, cujo centro eram as relações afetivas que existiam em torno dos donos da loja, Gesa e Mano. Mas o significativo de todo este quadro social, que eu começava a detectar, era que existia, de maneira independente do momento mesmo de se tatuar, pelo que deduzi, algo que transcendia à esfera do comercial e que respondia por um tipo de relacionamento que os aproximava e gerava uma noção de grupo.

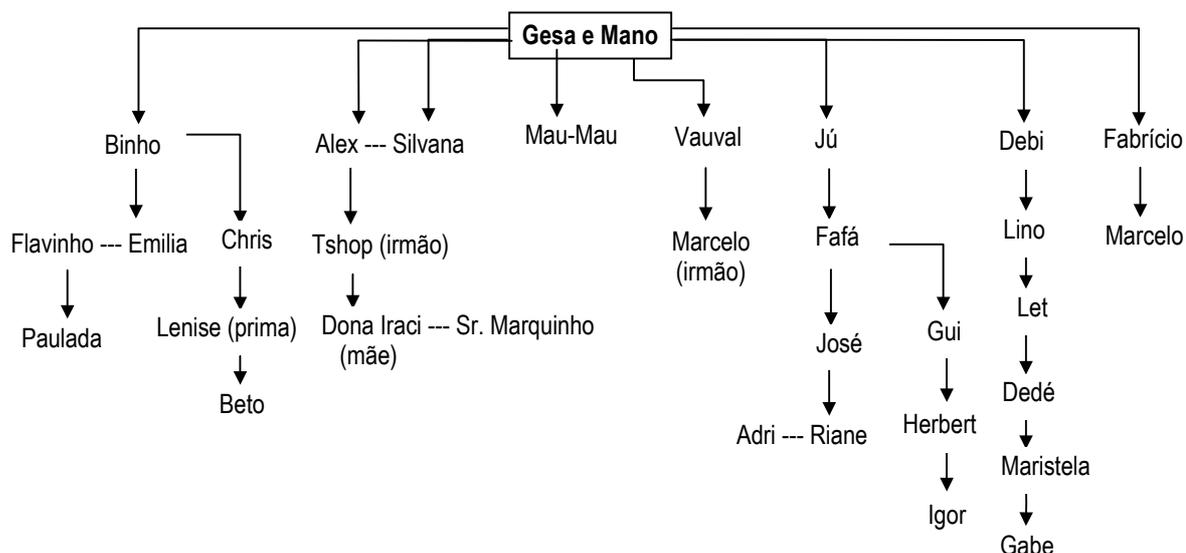
O problema era que não se apresentava sob a forma corporativa e fechada com que se pensava esses tipos de relacionamentos sociais,, sobretudo, na imagem daquelas tribos urbanas dos anos setenta que usavam como formas de afirmação grupal, diferentes marcas corporais, entre elas a tatuagem. Assim, recorri a um conceito que estava mais próximo da realidade que estava estudando e encontrei o sentido dado, por Mafessoli (1998), às “tribos contemporâneas” ou “neotribalismo”, o que se tornou bastante adequado, ou seja:

[...] ao contrário da estabilidade induzida pelo tribalismo clássico o neotribalismo é caracterizado pela fluidez, pelos ajustamentos pontuais, pela dispersão... através de sedimentos sucessivos, se forma um ambiente estético. É no interior desses ambientes que

regularmente podem ocorrer estas 'condensações instantâneas', frágeis, mas que naquele momento são objeto de grande investimento emocional (MAFFESOLI, 1998, p. 107).

Entre as características predominantes que encontrei nesta tribo, a mais significativa era aquela composta, em sua maioria, por pessoas que estavam dentro do setor dos "tatuados", cujas relações se foram tecendo a partir do contato profissional em torno dessa prática e que paulatinamente se converteram em amizade. Tais relações eram antigas e vinham desde o início da loja, crescendo com amigos e parentes que se uniram, de tal forma, que, quando reconstruí o quadro das pessoas que faziam parte da tribo, resultou em um entrelaçamento de pequenas redes com laços comuns que participavam e se misturavam dentro desse ambiente. Este é o quadro de relações:

ESQUEMA 1. REDE DE AMIGOS



Note que as pessoas conectadas diretamente a Gesa e Mano, são os egos de referência. Também, as pessoas sem indicativo de parentesco, estão relacionadas por laços de amizade. E os hífens (---) significam aliança matrimonial.

Essas pequenas redes como pude observar estão constituídas por núcleos que oscilam entre duas e cinco pessoas cujos laços de relação são de afinidade, de casais, de consangüinidade, de irmãos e de amizade. As idades estão entre os vinte e os trinta anos, prevalecendo as mais próximas dos trinta anos, contemporâneos de geração de Gesa e Mano. As atividades econômicas que desenvolvem são variadas,

alguns profissionais, outros comerciantes e outros, ainda, estudantes que moram com seus pais, podendo ser classificados, em geral, como classe média.

O ponto de referência e de encontro é Gesa e Mano, numa dinâmica de interação já descrito como espontânea e casual, constituída de momentos em que de forma não programada se encontram dentro do espaço da loja, tal como o disse Gesa:

Se reúnem do nada, ninguém marca nada, geralmente quando marcam não aparecem, só que têm dias muito engraçados, de repente aparece Fafa, Erbert e Gui, daqui a pouco, aparece Adriano e Raine, ai vem a Juliana com o filhinho dela, e a casa fica cheia, é um desespero, porque essa raça toda é amiga da mesma época, falando todos ao mesmo tempo, e todo mundo com saudade.

São momentos bem emotivos, carregados de afetividade e de evocações comuns, nos quais os diálogos giram em torno de seu mundo afetivo, suas vivências e sua paixão compartilhada, a tatuagem, aí, trocando idéias, impressões e, sobretudo, lucubrando sobre seus futuros planos de tatuagem. Às vezes, dependendo das circunstâncias, sobem a um quarto de cima da casa, onde fica um ambiente bem íntimo, bebem café, fazem um bolo, fumam, e a proximidade sentida é bem estreita. Eis uma passagem de meu diário de campo:

Foi uma tarde especial. Chegamos com Chris, mais ou menos, 4h30, e Mano nos levou para o quarto que fica no segundo andar, o mais íntimo que tem a casa. Só tinha ido lá uma vez que Gesa se encontrava tomando café com seu pai. Era o dia antes do aniversário de Gesa e ela estava preparando um bolo, quando está ansiosa disse que cozinha. Na mesa estava Silvana, uma amiga antiga, falando intimamente com Gesa, o ambiente estava carregado de fumaça, de emotividade. Gesa estava mais eufórica que noutras ocasiões. Falaram de seu estilo de se vestir, que os acessórios eram chaves, que gostavam de roupa barata, e que as calças eram usadas até ficar totalmente desgastadas. Diziam que apesar de que não foram patricinhas, que gostavam de ser olhadas, que gostavam de um visual atraente, que elas procuravam seu próprio estilo. Nesse momento chegou Fafa, se cumprimentaram emotivamente e no meio da conversa saiu o tema do aniversário passado da Gesa, no qual Fafa e Silvana estavam tentando descobrir a origem do fogo, que estavam todos doidos. Riram e continuaram falando dos detalhes. Ao final da tarde o bolo estava pronto e subiram Mano, Ricardo e Flavinho, que estavam no estúdio, se partiu o bolo e todos comemos, todos celebraram o bom gosto que tinha o bolo e comentaram das virtudes culinárias da Gesa, enquanto continuava a fumaça e o dialogo relaxado, lembraram de Maumau, fizeram a piada de que ele era tão fã do time de Baina que ele queria tatuar o

símbolo do time em sua bunda, já entrada a noite nos fomos e eles continuaram no pequeno quarto.

Se quisesse caracterizar tais momentos, isso não seria pelos temas que abordaram, mas pela atmosfera de confiança sentida, pela intimidade, pela intensidade do contato, pela proximidade, pela expressividade verbal e corporal e pela inclinação à broma, à piada e à alegria.



FOTO 3.16 – XADREZ



FOTO 3.17 - GESA E SILVANA



FOTO 3.18 – FAFÁ E FABRÍCIO



FOTO 3.19 – A TRIBO DOS TATUADOS

POR: CHRISTIANE OTT MAYER (2002-2003)

Os níveis de proximidade também são expressos pela forma como se chamam entre eles, ou seja, por apelidos, seja o diminutivo do nome ou por algum traço característico, que os converte em personagens dentro desse entorno, com certas tipificações que são reconhecidas por todos. Um dos mais singulares é Maumau, que se aproximou deles há mais de oito anos, quando ainda trabalhavam na casa, com a intenção de aprender a ser tatuador, segundo conta Gesa:

ele já comprou e vendeu o equipamento de tatuagem umas 5 vezes porque ele queria ser tatuador, a primeira vez foi para saber o que precisava, mas sempre terminou desistindo, a gente se converteu em amigos e se começou a tatuar com Mano, ele fez um demônio na

perna muito feio, ele queria com cruces, com verrugas, com tudo, agora ele já não gosta mais, 5 anos depois, é muito louco.

Apesar de Maumau ser bastante introvertido e, nesse sentido, um pouco estranho ao ambiente de expressividade que reina dentro do grupo, é bastante celebrado quando chega à loja, todos lhe fazem algum tipo de referência, inventam histórias, e o certo é que termina inserido dentro de um jogo lúdico que potencializa sua presença. Assim como ele, todos à sua maneira ocupam um lugar significativo dentro dessa rede de laços afetivos.

Além dos encontros afetivos espontâneos que têm lugar no âmbito da loja, as festas de aniversário que organizam Gesa e Mano também se convertem em motivo de encontro, em eventos memoráveis que fazem parte de seu imaginário coletivo tal como foi descrito na passagem do meu diário de campo.

Outra maneira que mantêm vivo o contato entre eles é via telefônica, basicamente através de Gesa, com quem se comunicam periodicamente, e ela, por sua vez, serve de ponte de informação com os demais, situação ilustrada no seguinte episódio:

O Igor sumiu durante três anos, ele entrou com uma galera que foi de onibus ao Peru, negócio da era de Acúario, e nunca mais deu sinais de vida para ninguém da galera, aí esses dias ele aparece aqui da nada, só eu tive notícias dele, e toda a galera se conversou e eu dei a notícia, o Igor apareceu aí, todo mundo ficou feliz.

Como se pode apreciar, esse é um grupo e uma forma de socialidade³⁹ bem dinâmica e fluída, que se constitui sobre encontros espontâneos e efêmeros, que, em meio disso, criam significativos laços de proximidade e de afeto, que denotam formas de identificação mutua de comunidade e que se fundam sobre formas comuns de perceber, de ver e de valorar a vida. Assim como o expressam nos seguintes depoimentos:

Gostamos muito do rock and roll, na veia, o antiga, Led Zeppelin, Pink Floyd, Jannis Joplin, Jimmy Hendrix, Saba, curto natureza, de

³⁹ Usamos o conceito de socialidade no sentido proposto por Mafessoli: “conjunto de práticas cotidianas que escapam ao controle social rígido, as relações que a compõem é um verdadeiro substrato de toda vida em sociedade... são momentos de submissão à emoção de viver ou ‘estar junto’, uma incrível pulção de se reunir, se encontrar, de se dar ao outro, de se agregar, uma maneira não convencional de ser ou pertencer, um imaginário coletivo...”(MAFFESOLI, 1987, p. 123).

uma cachoeira, gosto de arte, gosto de viver livre, de viajar, do mar, de praia, são pessoas normais, são pessoas saudáveis, são pessoas que independente do que façam, do que consumam ou do tipo de vida profissional que têm, elas têm amigos, elas sorriem, elas não tem medo de pensar ou de botar no corpo as tatuagens, são autênticas, meu grupo é um grupo diferente (GÊSA).

Eu acredito que o que faz com que essas pessoas, eu, a Geza, o Mano, Sampaio, outras pessoas que a gente conhece, minha esposa, a gente acaba se encontrando nessa imensidão desse mundo, que a gente acabe nos atraindo, seja realmente o gosto pela tatuagem, pela arte, pela cultura, formas livres de expressão, coisas mais simples, não que as pessoas não sejam sofisticadas não vão te chamar a atenção, porque tu depende de uma tecnologia pra desenvolver um desenho, mas são pessoas que compartilham do mesmo gosto que tu, que gostam de sentar numa mesa, de tomar uma cerveja, conversar sobre coisas fúteis como ‘como foi o teu dia, acordar a unha que tu pintou hoje, o desenho que tu fez, a planta que tu tem em casa’, são pessoas que compartilham dessa troca, e essas pessoas são únicas (ADRIANO).

Tal como eles o expressam, mesmo não sendo um grupo fechado, possuem um estilo de vida similar que os identifica, que os integra, que os aproxima, que se fundamenta sobre certos fios que tecem a interação e o sentimento de união do grupo, e que eu poderia caracterizar de algumas maneiras. Uma primeira maneira é a **alta valoração da estética**, que é central em seus discursos, quando se referem aos aspectos comuns: “gosto pela tatuagem, pela arte, pela cultura, pelas formas livres de expressão”. Seu eixo é obviamente o gosto compartilhado pela tatuagem que, para eles, é uma expressão artística, a qual vivenciam através de seus corpos e de suas próprias vidas.

Outro importante gosto estético que compartilham é a música e, em especial, o *rock* dos anos setenta, pelo qual têm uma especial atração, a tal ponto, que esse gênero de música faz parte da identidade do lugar, sendo tema preferido dos diálogos, uma experiência que os aproxima, tal como o relata Adriano:

Gosto bastante de Jimmy Hendrix, gosto de rock, e o Mano particularmente gosta bastante de rock progressivo também, e acredito que isso também une as pessoas. Eu fui fazer a minha tatuagem da pimenta no braço, e o Mano tem um cd do Pink Floyd que eu amo, e quando eu cheguei lá para fazer a minha tattoo e eu vi esse cd, eu disse: ‘coloca esse cd aí’, olha, eu acho que furou, na verdade, de tanto que a gente ouviu, e assim, é uma das coisas que a gente gosta, a gente estava fazendo a tattoo ouvindo um som que a gente gosta.

Uma segunda maneira é a importância que dão à **afetividade nas relações que constituem**, como o contato, a proximidade, a troca de idéias, a partilha de sentimentos, a expressividade mútua e, ao sentir-se juntos, construindo uma intimidade que apesar de efêmera é intensa: “são pessoas que gostam de conversar de coisas fúteis... são pessoas que compartilham dessa troca, e essas pessoas são únicas”.

Na verdade, todo o processo de interação e de relacionamento que pude observar entre eles era significativamente mediado pela afetividade, pelos laços de amizade que os une, pelo sentido de fraternidade que expressam entre si, pelo respeito pelo outro, pela admiração mútua e por uma vontade de estar juntos.

A terceira maneira é o fato de fazerem das **vivências** o eixo de seus encontros e relacionamentos, pois, definitivamente, a proximidade que entre eles é ganha, é o resultado de experiências comuns, de desfrutar a experiência da tatuagem, de viver seus corpos, de vivenciar os momentos de encontro, de compartilhar suas vivências, de reconstruí-las com os outros, de converter o presente em seu âmbito de união, o que de acordo com Mafessoli (1998, p. 177), é: “uma nova rodada do jogo das relações espaço-tempo... a ênfase está colocada no que é próximo e no afetual. Aquilo que nos une a um lugar, lugar que é vivido em conjunto com outros”.

Tais aspectos finalmente acarretam que esse grupo de relacionamento se converta num importante cenário que alimenta e reforça o ato mesmo de se tatuar, em vários sentidos, na criação de um espaço que eu poderia chamar de “laboratório de idéias”, onde intercambiam opiniões, pedem ou dão conselhos, socializam suas propostas, surgem novas idéias, recriam e tecem projetos em torno da tatuagem, tal como o menciona Adriano:

Agora pela minha vida profissional, não tenho muita disponibilidade de tempo, então eu aproveito os nossos encontros para ir planejando minhas tatuagens, por exemplo, esta das pimentas eu comecei a planejar em julho do ano passado, no dia de meu aniversário que sempre convido eles pra que venham à minha casa, e daí só consegui concretizar agora em março. Não me pareceu um tempo longo de espera, anteriormente eu teria feito em uma semana, duas semanas Não me pareceu um tempo longo de espera, anteriormente eu teria feito em uma semana, duas semanas, talvez até por isso o processo se torne um pouco mais gostoso, o gesto mais para parir, mais para o futuro, mais...

Isso os converte numa platéia de mútua admiração, que motiva, incentiva, contempla e afirma, que faz de seus corpos um centro de integração, de contato mútuo, gerando, apesar de seu caráter esporádico e casual, um sentimento comum e valores comuns, em síntese, um sentido de “normalidade” dentro dessa nova proposta estético e vivencial.

ANOTAÇÕES FINAIS

“Cerré los ojos, los abrí. Entonces vi el Aleph. El diámetro del Aleph sería de dos centímetros, pero el espacio cósmico estaba ahí, sin disminución de tamaño. Cada cosa eran infinitas cosas, porque yo claramente la veía desde todos los puntos del universo”

JORGE LUIS BORGES

Conforme o lugar onde as pessoas se localizam, podem ver através do “aleph”, esse pequeno buraco que, segundo Borges, permite ver o universo. Essa foi minha busca, tentar encontrar um lugar que me permitisse ver o “universo da tatuagem”. O ponto de partida foi a prática, vista através de três focos: o contexto novo da tatuagem, o processo de tatuar e ser tatuado e a construção da subjetividade através da tatuagem. Agora, depois desse processo reflexivo, só me resta retornar, atar cabos e tentar configurar sentidos que interpretem essa totalidade.

A primeira leitura “totalizante” que empreendi foi em relação ao sentido e ao lugar que essa prática adquiriu dentro da sociedade ocidental contemporânea. Os elementos já estavam delineados através da descrição etnográfica, assim, retomei-os brevemente.

Por um lado, **a nova fachada** com que se reveste a prática da tatuagem, cuidadosamente criada e disposta para tentar limpar simbolicamente a sua imagem estigmatizada, valendo-se para isso de três estratégias: o profissionalismo, a arte e a higiene. Aspectos que ajudam a construir um novo imaginário em torno dessa prática, relacionado com o valor do corpo e da estética, que convertem a tatuagem num prezado adorno corporal.

Por outro lado, **o mundo afetivo** que é vivido em torno da prática da tatuagem e que é mediado através de duas importantes instâncias: no contato que estabelece com o tatuador, que, ademais de íntimo, torna-se reflexivo porque o processo de escolha da tatuagem e da sua aplicação da mesma tem implícita uma busca da “interioridade” do indivíduo; e no relacionamento que se vivencia através

desse espaço social, que se converte num ponto de encontro, onde se compartilham significativos momentos que criam laços de proximidade e de amizade.

E, por último, **as buscas que empreendem os indivíduos** através da tatuagem, entre as quais, cabe destacar: a de “diferenciação”, a de “individualidade”, a de “proximidade com outro” e a de “satisfação e prazer”. Tais procuras transformam essa prática num significativo meio de formação de subjetividade que se sugeriu ser uma forma de religiosidade pessoal por intermédio da qual os indivíduos constroem um sentido íntimo das suas existências.

Se os aspectos anteriores são articulados, então, é possível interpretar o ato de tatuar-se como o resultado de três instâncias de motivação: o novo imaginário da tatuagem que fundamenta uma nova lógica desta prática, o mundo afetivo da tatuagem que reforça e estimula esse ato e os indivíduos que dentro de um campo de possibilidades sociais escolhem e assumem essa opção como uma via de individualidade, que, em conjunto, cria uma **nova normalidade estética e vivencial** no seio da sociedade ocidental contemporânea.

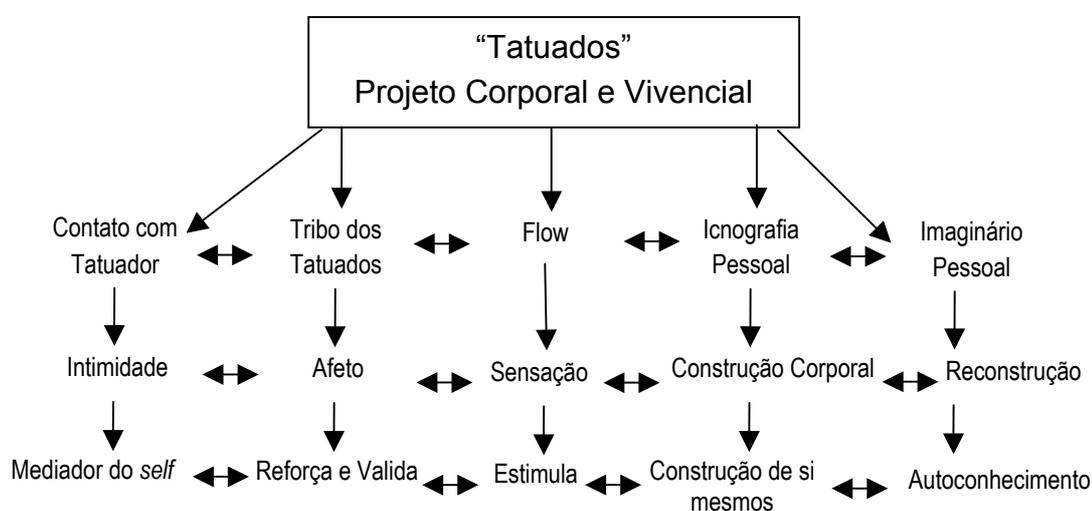
Uma normalidade que, apesar de ser subversiva em face da concepção tradicional do corpo, como um dado “natural e biológico”, e, portanto, inalterável, é também uma subversão pacífica e de alguma maneira viabilizada por uma nova ordem das coisas, na qual o corpo se constitui num lugar comum da cultura contemporânea, colonizador de práticas e de discursos sociais (LE BRETON, 1995).

A segunda leitura “totalizante” foi em torno do tipo de subjetividade que se configura através da prática da tatuagem. Cabe, então, fazer a primeira relativização, pois não existe uma subjetividade em abstrato, existem várias formas de apropriação que, de acordo com dados de minha pesquisa, constituem diferentes tendências. Entre elas estão: a de “detalhe”, que não tem muito comprometimento; os “radicais”, que levam ao extremo à ostentação a modificação corporal, e os “tatuados” que, mesmo que estejam fechando seus corpos com tatuagens, levam uma vida social “normal”.

Eu me aprofundei nessa última tendência, ao encontrar um interessante processo que caracterizei como “projeto de construção corporal e de vida”, que se forja a partir de múltiplas interações e aspectos vivenciais. Dentre os quais, se pode destacar os seguintes: o contato íntimo com o tatuador que se converte num mediador de sua construção, não só corporal, mas também de seu *self*; o relacionamento com o grupo dos “tatuados”, com os quais construí laços de

afetividade e amizade, que reforçam seus “projetos” em torno da tatuagem e valida seu estilo de vida; a experiência do *flow*, sensação intensa que eles caracterizam como de “adrenalina”, que atua como um poderoso estimulante do ato de se tatuar; a construção da iconografia pessoal que envolve um significativo processo vivencial, através do qual o sujeito fabrica seu corpo, e, em seu corpo, a si mesmo, assim como a criação de um “imaginário pessoal” que se elabora a partir de seu processo de construção corporal e que se constitui numa importante via de autoconhecimento.

ESQUEMA 2 - CONFIGURAÇÃO DA SUBJETIVIDADE



A inter-relação desses elementos é uma síntese do processo que tenho reconstruído ao longo da presente dissertação, e que se configura através dos seguintes eixos significativos: a vivência, o contato, a interação e o relacionamento social, os quais em conjunto constroem o sujeito que se insere dentro da dinâmica atual da tatuagem. Esse é em outras palavras o processo de subjetivização que forja uma nova forma de diferenciar-se e individualizar-se dentro do meio social.

Outro nível, no qual se fundamenta esse processo de construção subjetiva, é o mundo simbólico que está mediando o exercício dessa prática e que está representado através do conjunto de imagens, motivos e estilos que fazem parte da linguagem da tatuagem. Uma linguagem que tem variado no percurso dos diferentes contextos sociais e que na atualidade se constitui sobre um elemento essencial, a estética, que dá uma nova configuração a esse universo, baseada na forma, na estilística e na expressão artística, sem eliminar o processo de construção de sentido. Acredito que seja esse o ponto-chave para minha análise, pois todos os

indícios iniciais apontavam para o fato de que a tatuagem só tinha um valor estético para seus portadores. Perspectiva que constitui o foco argumentativo de vários autores consultados, como Almeida (2002), que afirma que o processo de tatuar-se está determinado pelo mero “prazer e imaginação estética”.

Não existe dúvida sobre a relevância atual do fator estético na tatuagem. O que questiono, de acordo com os dados de minha pesquisa, é que se possa separá-lo tão radicalmente do processo de significação, pois meu aprofundamento no grupo dos “tatuados” permitiu-me encontrar uma importante construção de sentido em torno das formas estéticas que são interpretadas sob processos pessoais e vivenciais e que constituem importantes indícios de sua identidade pessoal.

Em especial, lembro o caso de Fabrício, que tinha muito orgulho da qualidade artística de suas tatuagens, entre elas, duas imagens de bandas musicais que ele apreciava. A razão inicial que Fabrício deu à escolha desses desenhos é que “gostava mesmo”, mas, logo que me aproximei de sua história pessoal, ele reconheceu que essas tatuagens constituíam um testemunho de uma fase de sua vida. O que me fez pensar que sua tatuagem não era só uma “imagem bonita”, mas também era um caminho de autoconhecimento. Considero, portanto, que existe um importante interagir entre a forma e o significado, que viabiliza novas construções de sentido. Tanto a estética dinamiza processos de significação, como também os processos de individualização são construídos e expressos através de uma linguagem estética.

A última instância que fica para analisar, dentro dessa leitura “global” que empreendi sobre a construção de subjetividade através da prática da tatuagem, é a relacionada com o próprio sujeito e sua forma de assumir o ato de tatuar-se. Nesse aspecto, as respostas embasadas em impulsos ou desejos sobre a razão de se tatuar direcionam o pensamento a concluir que esse é o sentido total que justifica e intermedia esse ato, eliminando a existência de uma postura reflexiva do sujeito, tal como o afirma Almeida:

Tampouco parece se tratar de um movimento que parte de adentro para fora, procurando estampar aquilo que estaria restrito à esfera de um self autônomo, privado e reflexivo. A pele utilizada é a arena gráfica para o depósito de marcas de uma subjetividade que se faz valer enquanto pura estetização (Almeida, 2002, p. 13).

De novo a análise fragmenta a realidade, fragmenta o sujeito, que se depara entre dois universos distintos: o emotivo-externo e superficial e o reflexivo-interno e profundo. Como na reflexão anterior sobre a estética, é indiscutível o fato de que a tatuagem está estreitamente vinculada com o mundo emotivo do indivíduo, mas isso não significa que seja a única esfera atingida. Quando comecei a explorar essa dimensão dentro de meu universo de pesquisa encontrei que, se os impulsos atuam como meios de motivação desse ato, o processo de tatuar-se mobiliza importantes momentos de flexibilidade, como por exemplo, a interação que se estabelece com o tatuador. Ele cumpre um importante papel como “mediador” no esclarecimento das “idéias” do sujeito, e através delas, de seu mundo interno. Também em momentos posteriores, o sujeito recria sua corporalidade que se converte num importante meio de desvelamento do eu interior, provocador da reflexão, como no caso que narrei sobre as “pimentas de Adriano”, um desenho que depois de tatuado, converteu-se em objeto de reflexão de si mesmo. Neste sentido, os eventos emotivos transformam-se em atos reflexivos. Mas também encontrei o sentido inverso, no qual as atitudes reflexivas estão mediando o ato de tatuar-se, como no caso dos “tatuados”, que têm “projetos” de construção corporal, pensados com a intenção de exteriorizar seu mundo interno, de construir sua “segunda pele”: a de sua individualidade. Reflexão que também tem implícita a emotividade e o prazer estético.

Proponho, finalmente, pensar a subjetividade que se configura através da prática da tatuagem, como um processo aberto, fluído, dinâmico, que se constrói através da interface entre as buscas individuais e os processos de interação que traz o ato de tatuar-se, entre o desfrute estético e a construção de sentido íntimo, entre o ser interno reflexivo e os impulsos emocionais, como um movimento dialético e inovador.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel. Tatuagem e subjetividade: reflexões em torno do imaginário da epiderme. **Interseções, Revista de Estudos Interdisciplinares**. Rio de Janeiro, n. 1, 2001.

BERGER, Jhon. **Modos de Ver**. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

BOURDIEU, Pierre. A Dominação masculina. **Educação e Realidade**. São Paulo, v. 20, n. 2, 1995.

_____. **O poder do simbólico**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **Esboço de uma teoria da prática**. São Paulo: Ática, 1983.

DIOGENES, Gloria. **Cartografias: da cultura e da violência**. São Paulo: Ática, 1998.

DOUGLAS, Mary. **Pureza y peligro**. Un análisis de los conceptos de contaminación y tabú. Madrid: Siglo XXI, 1973.

DUMONT, Louis. **O individualismo**. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

EIZIRIK, Marisa Faermann. Rupturas e intensidades. Movimentos da formação de subjetividade. **Educação, Subjetividade e Poder**. Porto Alegre, v. 1, jan./jun. 1994.

FALK, Pasi. Written in the Flesh. **Body & Society**. V. 1, n. 1, mar. 1995.

FONSECA, Tania Mara. Contribuição à mesa redonda: trabalho e subjetividade. **Educação, Subjetividade e Poder**. Porto Alegre, n. 2, v. 2, abr. 1995.

GEERTZ, Clifford. La religión como sistema cultural. In: **La interpretación de las Culturas**. Barcelona: Gedisa, 2000.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

_____. **Estigma**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOUGUEL D'ALLONDANS, Thierry. Le tatouage, entre lien et séparation. **Historie et Anthropologie**. Paris, n. 23, 2001.

- GROGNARD, Catherine. **Tatouages**. Tags à l'âme, Paris: Syros Alternatives, 1992.
- GURAN, Milton. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro, n. 10 (1), 2000.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HERTZ, Robert. La prééminence de la main droit. In: **Mélanges de sociologie religieuse et de folklore**. 1928, Paris, Librairie Félix Alcan.
- JÓAO DO RIO. **A Alma Encantadora das Ruas**. Organizado por Raúl Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LE BRETON, David. **Antropología del cuerpo y modernidad**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1995.
- _____. **Signes D'identité**. Tatouages, piercings et autres marques corporelles. Paris: Métailié, 2002.
- LEITÃO, Débora K. **A flor de pele**. Estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- _____. **No fundo das aparências**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- MARQUES, Toni. **O Brasil Tatuado e Outros Mundos**. Rio De Janeiro: Rocco, Janeiro, 1997.
- MAUSS, Marcel. **As técnicas corporais**. Sociologia e Antropologia. Madrid: Tecnos, 1991.
- ORTNER, Sherry. Theory in antropology since the sixties. In: **Culture, Power, History: A Reader in Contemporary Social theory**. Princenton: University of Princenton Press, 1994.
- PIERRAT, JÉRÔNNE. **Les hommes illustrés**. Le tatouage des origines a nos jours, Paris: Larivière, 2000.
- RAMOS, Célia. **Teorias da tatuagem**. Corpo tatuado. Florianópolis: UDESC, 2001.
- SANDERS, Clinton. Marks of mischief. Becoming and being tattooed. **Journal of contemporary ethnography**. V. 16, N. 4, jan.1998.

SEEGER, A; DA MATTA, R; VIVEIROS DE CASTRO. A construção da Pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. **Boletim do Museu Nacional**. Rio de Janeiro, n. 32, mai. 1979.

SILVA, Maria Albuquerque. As tatuagens e a criminalidade feminina. **Cadernos de Campo**. São Paulo, ano 1, n. 1, 1991.

SIQUEIRA, Maria Juracy. **Refletindo sobre a noção de sujeito**: alguns apontamentos. Educação, Subjetividade e Poder. Porto Alegre, n. 6, v. 6, ago. 1999.

SWEETMAN, Paul. Only skin deep? Tattooing, piercing and the transgressive body. In: Aaron M. (ed.). **The body's perilous pleasures**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

TURNER, Victor. The anthropology of performance. In: **The Anthropology of Performance**. New York, 1987.

_____. Liminal to liminoid. in Play, Flow, and Ritual: An Essay in Comparative Symbolology. In: **From Ritual to Theatre**: The Human Seriousness of Play. New York, PAJ, 1982.

_____. **The anthropology of experience**. University of Illinois Press, 1986.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**. Notas para uma antropologia contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ANEXO

ANEXO - TABELAS ESTATÍSTICAS

TABELA 1 - DISTRIBUIÇÃO DAS PESSOAS TATUADAS POR SEXO

Sexo \ Ano	1996	1997	1998	2000	2001	2002
MULHERES	66	97	20	79	120	181
HOMENS	132	180	35	57	103	146
Totais	198	277	55	136	223	327

TABELA 2 - DISTRIBUIÇÃO DAS PESSOAS TATUADAS POR GRUPOS DE IDADE

IDADE \ ANO	1997	1998	2000	2001	2002
- 20	142	24	31	81	90
20-24	86	18	67	61	113
25-29	30	7	25	40	67
30-34	12	4	9	24	32
35-39	7	2	3	10	11
40-44			1	5	10
45-50				1	2
+ 50				1	
TOTAIS	277	55	136	223	327

TABELA 3 - LOCALIZAÇÃO CORPORAL DAS TATUAGENS

EM MULHERES			
LOCAL \ ANO	1996	1997	1998
PARTE BAIXA DAS COSTAS	24	35	4
QUADRIL		17	7
CANELA	15	19	
PESCOÇO	7	5	5
OMBRO	6	1	
PERNA	2		
PÉ	1	2	
VIRILHA	4	10	
TORNOZELO	1	2	1
BRAÇO	3	5	1
PEITO	2	2	2

TABELA 3 - LOCALIZAÇÃO CORPORAL DAS TATUAGENS (CONTINUAÇÃO)

EM HOMENS			
LOCAL \ ANO	1996	1997	1998
COSTAS	29	43	9
CANELA	18	22	2
PESCOÇO		3	
PEITO	7	6	
BRAÇOS	68	86	16
PERNA	1	2	2
TORNOZELO	2	4	1
BARRIGA	5	4	
COSTELA	2	10	1
ANTEBRAÇO			4

TABELA 4 - ESTILOS DE DESENHOS ESCOLHIDOS

EM MULHERES			
DESENHO \ ANO	1996	1997	1998
TRIBAL	23	29	8
FADA - DUENDE	10	7	1
CORAÇÃO	3	2	1
FLOR - BORBOLETA	16	25	3
ÍNDIO	1	1	
ARANHA	2	4	
ESCORPIÃO	2	2	
ANIMAIS MARINHOS: GOLFINHO - CAVALO MARINHO	1	9	1
ANJO	2	6	
ASTROS: LUA - SOL - ESTRELA	4	6	1
ORIENTAL - IDEOGRAMAS		1	2
COBERTURA		1	
OUTROS	2	4	3

TABELA 4 - ESTILOS DE DESENHOS ESCOLHIDOS (CONTINUAÇÃO)

EM HOMENS			
DESENHO \ ANO	1996	1997	1998
TRIBAL	35	41	12
FADA – MAGO – DUENDE	8	21	4
CORAÇÃO	1	3	
BEIJA FLOR – BORBOLETA	3	4	
ÍNDIO	16	16	
ARANHA	1	3	
ESCORPIÃO	4	2	1
DEMÔNIO	3	2	1
CRÂNIO – CAVEIRA – ESQUELETO	3	4	1
ANIMAIS MARINHOS GOLFINHO, CAVALO, PEIXE, TUBARÃO	3	4	3
ANIMAIS FELINOS PANTERA – TIGRE	1	4	
COBRA	4	2	1
TRADICIONAIS: CRISTO, CORAÇÃO SAGRADO, ÁGUIA	2	7	1
SEREIA – MULHER	6	6	1
ASTROS: SOL, ESTRELA	1	6	1
ORIENTAL: DRAGÃO – MÁSCARAS - IDEOGRAMAS	5	14	1
PALHAÇO		3	1
ROSTO	12		
FOTO		3	
BIOMECÂNICO	4	2	1
CÔMICOS		13	2
criação	2	1	1
COBERTURA	3	3	
OUTROS	14	16	3